

from the author of The Unearthly and The Vanishing Girl

A BARGAINER SERIES NOVELLA

*the
emperor
of evening
stars*

LAURA THALASSA

every

devil

has

his

day



DISPONIBILIZAÇÃO: MERLIN CAT

TRADUÇÃO: PANDORA

REVISÃO: LA VOISIN

LEITURA FINAL: ANDRESA

FORMATAÇÃO: LAGERTHA CALDERON





THE BARGAINER SERIES





SINOPSE

No começo, havia escuridão.

Antes de conhecer Callie, antes de se tornar o Negociador, havia Desmond Flynn, o filho bastardo de um escriba. Um menino nascido de uma mãe fraca, amaldiçoado com pouca magia e destinado a se casar com um escravo.

Mas o destino tinha outra coisa em mente. Até a escuridão morrer. Das cavernas áridas de Arestys ao palácio de Somnia e às ruas da terra, foi assim que Desmond Flynn, uma fada que começou do nada, se tornou o imperador das estrelas da noite.





PRÓLOGO

Há 270 anos

Larissa

Eu não serei como as outras.

Estou cercada por mulheres com olhos afiados e sorrisos falsos. O tempo e a experiência os tornaram amargos. Eu não as culpo; eu poderia ter sido assim se tivesse que dormir com o carrasco do meu filho várias vezes. Mas, embora tenha pena delas, não confio nelas. Elas me ofereceriam para o abate se soubessem o que eu pretendo.

Eu espero fugir até a noite estar na sua mais profunda escuridão. Até muito tempo depois que meu marido vem para mim, seu olhar brilha com entusiasmo quando ele me puxa do resto de suas esposas e me leva para seu quarto. Eu espero até que eu retorne, até que eu consiga esfregar o último cheiro dele da minha pele.

Eu espero enquanto coloco minha cabeça no meu travesseiro, os sons de murmúrios quietos das outras concubinas enchendo nossa câmara. Eu silenciosamente agradeço aos Deuses Imortais que eu fui

treinada para ouvir ao invés de falar. Lábios soltos certamente revelariam todo o meu plano.

Segredos são destinados para manter uma alma. Quantas vezes eu sussurrei isso no ouvido do Rei das Sombras? Ele me achou tímida e





atraente na época, mas logo percebeu que, durante todo esse tempo, eu tinha minha piada interna, e ele era o idiota que a comprava.

Espero até o último suspiro nas camas em volta e depois fico esperando mais um pouco.

Eu espero até que, eventualmente, o momento de agir venha sobre mim.

Eu me sento na cama. Estendendo a mão pelo corpete apertado da minha camisola, pego um pequeno frasco. Eu desisti de 400 anos da minha vida por isso.

Era a única maneira.

Eu cavo minhas unhas sob a cortiça e a destroço. Cheira a terra depois de uma longa chuva, um cheiro que sempre associei à esperança porque significava o fim da tempestade.

Hesito apenas um momento. Então eu trago o frasco nos meus lábios e tomo o líquido em um único gole.

Os efeitos do tônico não acontecem imediatamente, mas, quando acontece, sorrio. Sempre tão devagar, a mão ainda segurando o copo

vazio começa a cair. O frasco escorrega do meu alcance. Eu fecho meus olhos enquanto o resto das minhas roupas e os cobertores que me cobrem de repente passam por mim.

Silenciosa como a noite, eu saio da cama, minha pele exposta





formigando na câmara fria - embora seja errado dizer o que sobrou da minha pele. Eu sou tão insubstancial quanto um pensamento. Eu tento tocar meu rosto, mas minha mão passa pela minha bochecha, a sensação é como um vento fantasma roçando em mim. Meu estômago se aperta.

Funcionou.

Eu sou etérea.

Finalmente.

Isso é o que 400 anos de vida me compraram.

Queria poder ver o olhar no rosto daquele bastardo quando ele perceber que eu fui embora.

Eu flutuo da minha cama, meus olhos se movendo sobre minhas câmaras compartilhadas, com todos os seus lençóis macios e mulheres mais macias. Eu não sou mais uma delas.

Louvado seja a mãe e o pai.

Eu ando pela janela, fazendo uma careta enquanto meu corpo passa pelo vidro. A sensação não é desagradável, mas a estranheza disso é.

Eu continuo flutuando até que a cidade abaixo de mim não é nada mais que luzes cintilantes. Daqui Sonnia é linda. Daqui não se parece com a gaiola que se tornou para mim.





Não é até que estou a alguma distância que me permito rir. E quando eu começo, não consigo parar.

Eu superei meu marido. Quantas vezes isso aconteceu?

Meus olhos se movem para as estrelas e minha risada morre.

Todas essas milhões de estrelas, cada uma delas um pequeno farol de brilho contra a noite opressiva.

Uma onda de esperança me enche.

Como você luta contra a escuridão? Você se recusa a deixar extinguir sua luz.

Eu deixo o vento me levar embora, ele vai me deixar onde preciso ir.

De vez em quando os duendes voam por mim, chiando descontroladamente. Com menos frequência, vejo dois conjuntos de asas, amantes se encontrando no alto do céu noturno sob o manto da escuridão.

Enquanto flutuo no vento suave, estou mais preocupada com os conjuntos de asas que vejo de vez em quando. Soldados procurando por mim?

Eu sabia muito antes de ver o frasco que deixaria para trás as migalhas de pão - minhas roupas de dormir, o próprio recipiente de vidro. Um cheiro que qualquer fae curioso saberia exatamente o que eu bebi e, portanto, exatamente o que eu fiz.





Meu marido doente e ardente fará algo a respeito.

Ele terá que fazer. Seu orgulho vai exigir isso.

Eu flutuo alto no céu pelo que parece horas, mas, em algum momento, começo a descer. Eu vejo meu

braço brilhando de volta à existência. Segundos depois, ele se solidifica, junto com o resto do meu corpo, depois disso cai.

Um raio de medo instintivo dispara através de mim. Assim começo a sentir minhas asas se manifestarem. É como papel fino, elas brilham um roxo pálido. Elas pegam o vento, diminuindo minha descida. Eu continuo a cair do céu, meu corpo buscando elevações mais baixas, onde o ar é mais espesso.

Apenas quando chego a uma elevação razoável, faço uma pausa.

O ar da noite morde minha pele nua. Estou tão nua quanto no dia em que nasci, meus cabelos até a cintura, minha única cobertura. As mechas deslizam sobre meu torso, balançando ao vento.

Preciso de roupas e abrigo, e não posso ser vista.

Ser pega neste momento significa morte certa. Certo, morte lenta.

Meu marido não é conhecido por sua gentileza.

Minha mão vai até a minha barriga.

Ele me daria a morte de qualquer jeito.

Eu respiro fundo e meus olhos se movem para o horizonte. Em algum lugar além disso está Barbos, a Cidade dos Ladrões. E depois disso. Casa





Parte I

No começo, havia escuridão





CAPÍTULO UM

Misbegotten

Há 257 anos

BASTARDO.

Bastardo. Bastardo. Bastardo.

É uma palavra feia, que eu odeio muito, principalmente porque não posso escapar disso.

Eu ouço o sussurro sob a respiração das pessoas quando passo. Eu vejo isso nos olhos deles quando olham para mim. Eu sinto o cheiro na respiração azeda dos próprios filhos que gostam de me provocar com isso. Meus dedos estão feridos do número de vezes que eu tive que lutar por minha honra.

Mas o pior é quando as pessoas usam isso sem nenhum motivo.

— Aquele menino Flynn veio ao meu filho novamente.

— Quem?

— Você sabe, o bastardo magricelo.

— Oh, ele. Sim.

Bastardo, um grau acima de escravo. E eu tenho que usar o título como um emblema de vergonha.

Eu caminho pelas as cavernas de Arestys, torcendo meu caminho através dos túneis, a vela piscando na minha mão minha única fonte de luz. Não que isso importe. Eu posso ver muito bem na escuridão.





Meu humor escurece quando passo pela porta áspera de nossa casa. Um filho bastardo vivendo na pior área da ilha flutuante mais pobre de todo o reino.

Minha mãe ainda não chegou de seu trabalho como escritã da cidade, então eu me movo pela nossa casa, substituindo as pontas das velas pelos novos candelabros que comprei.

Todo o tempo, eu vejo.

Cada gota de água pingando do teto da caverna, cada jato de ar frio que desliza através da miríade de túneis - tudo isso me ridiculariza.

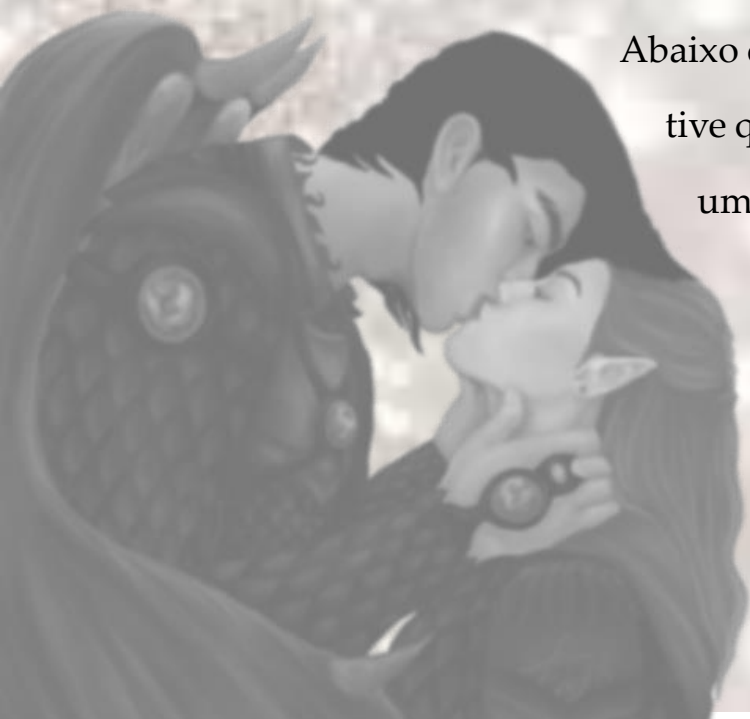
Bastardo, bastardo, bastardo.

Eu pego as beterrabas que estão na mesa e as coloco no caldeirão da nossa cozinha. É só quando eu coloco água na mistura e, em seguida, acendo um fogo embaixo do pote pendurado, que eu realmente relaxo o suficiente para esfregar meu corpo. Manchas de sangue seco cobrem a pele, e não tenho certeza se é meu ou de outra pessoa.

Bastardo.

Ainda posso ouvir, falado como uma provocação, a caminho de casa.

Abaixo dos cortes frescos estão os antigos. Eu tive que defender meu título de merda por um longo tempo. Claro, não é necessariamente ser um bastardo que me ofende. Às vezes são todos os insultos que surgem disso.





— Você nunca será mais do que sua mãe prostituta. — Um garoto de rua disse isso hoje. Sua voz ainda soando em meus ouvidos.

Foi a coisa errada a dizer.

— Da próxima vez que você disser isso, — eu avisei, — você terá alguns dentes a menos para mastigar.

Ele não acreditou em mim.

Deslizo a mão no bolso da calça e toco os minúsculos dentes brancos que repousam ali.

Ele acredita agora.

Atrás de mim a porta da frente se abre e minha mãe entra. Sei sem me aproximar dela que ela cheira a pergaminho velho e seus dedos estão manchados de tinta preta.

Um escritor chora palavras e sangra tinta, ela costumava me dizer quando eu era pequeno e não sabia melhor. Eu pensei que era verdade, que isso fazia parte de sua magia. Isso foi antes de eu realmente entender o que era magia e o que não era.

— Desmond, — diz ela, me piscando um sorriso exausto, — eu senti sua falta.

Concordo com a cabeça, não confiando em mim para falar.

— Você fez a sua leitura? — Ela pergunta.

Podemos ser os faes mais pobres que existe neste mundo sem Deus,





mas Larissa Flynn vai gastar o pouco dinheiro que ganha em livros. Livros sobre reinos que eu nunca verei e pessoas que nunca encontrarei. Livros sobre idiomas que eu nunca falarei e costumes que eu nunca terei. Livros sobre vidas que eu quero, mas nunca vou viver.

E sob o teto dela eu vou aprender tudo dentro dessas páginas.

— Qual é o ponto? — Eu pergunto, me recusando a admitir que de fato fiz, a porque não posso deixar de voltar àqueles malditos livros dia após dia, determinado a mudar minha vida. Nossas vidas.

Os olhos da minha mãe se movem para as velas.

— Desmond. — Sua voz baixinha enquanto ela gentilmente me repreende, — Quem você negociou desta vez? — Ela me dá seu olhar chateado, mas seus olhos brilham maliciosamente.

Por mais que ela pretenda desaprovar os acordos que eu faço, ela sutilmente os encoraja. E em qualquer outro dia, eu poderia dizer algo para amaciá-la ainda mais. Porque na maioria dos dias eu gosto de ajudá-la.

— Isso importa? — Eu digo, parando sobre o pequeno caldeirão que estou mexendo. Eu cheiro como beterraba e minhas roupas estão manchadas de um roxo avermelhado, onde o suco se espalhou em mim. Eu desisti de





uma refeição decente para trocar aquelas velas.

Portanto, teremos beterraba para o jantar.

Eu fico agradecido. Sempre poderia ser pior. Há noites que vou para a cama com a mente cheia, mas com uma barriga vazia. E de manhã, acordo com areia nos olhos e entre os dedos dos pés, como se eu fosse a pessoa amaldiçoada favorita do Homem de Areia, e todo o pesadelo se revela.

Eu odeio a pobreza. Eu odeio sentir que só temos direito ao pior que este reino tem a oferecer, simplesmente odeio. Mas mais do que tudo, eu odeio ter que fazer escolhas difíceis. Livros ou comida? aprender ou comer?

— Isso não seria um problema se você me deixasse usar um pouco de magia, — eu digo.

Eu posso sentir meu poder queimando sob a minha pele e sob as pontas dos meus dedos, esperando por mim.

— Nenhuma magia.

— Mamãe, todo mundo acha que somos fracos. — Os fae mais fortes detêm mais magia, os fracos, menos. Todos que me conheceram acreditam que sou um daquelas pobres e raras almas que nasceram sem ela.

Um fae órfão e sem pai. Além dos escravos, esse pode ser o pior destino para uma pessoa que vive nesses reinos.





O problema é que eu tenho muita magia, e agora, tão perto da puberdade, eu posso sentir como uma tempestade em minhas veias. Está sendo um esforço cada vez maior tentar controlá-la.

— Sem magia, — ela repete, colocando sua mochila ao lado da nossa mesa frágil antes de assumir a cozinha de mim.

— Então, eu tenho poderes, mas nunca vou usar? — Eu digo acaloradamente. Esta é uma batalha antiga e cheia de cicatrizes. — E eu devo ler, mas nunca falar do meu conhecimento?

Ela pega minha mão e passa o polegar sobre meus dedos. — E você deve ter força sem abusar dela, — acrescenta ela. — Sim meu filho. Seja humilde. Fale, mas ouça mais. Acalme sua magia e sua mente.

Isso só me deixa mais irritado. — Eles me chamam de bastardo, — eu deixo escapar. — Você sabia disso?

Seus olhos se arregalam quase imperceptivelmente.

— Eles me chamam de bastardo e você de prostituta. É por isso que meus dedos estão sempre sangrando. Estou lutando por sua honra. —

Minha raiva está começando a tirar o melhor de mim, o que é um

problema. E sob o teto da minha mãe, tenho

que viver de acordo com duas regras

rígidas e rápidas: uma nunca devo usar

minha magia e, duas, devo controlar

meu temperamento. Sou decente no

primeiro e uma merda no segundo.





Ela se vira para a nossa triste panela de beterraba.
— Você não é um bastardo, — diz ela, tão suavemente que mal ouço sobre o caldeirão borbulhante.

Mas eu ouço isso.

Meu coração quase para.

Não...? Não sou um bastardo? Todo o eixo do meu universo muda em um instante.

— Eu não sou um bastardo?

Lentamente, seus olhos se movem da panela de volta para mim. Eu juro que vejo um lampejo de arrependimento. Ela não queria me dizer.

— Não, — ela finalmente diz, sua expressão se tornando firme.

Meu batimento cardíaco começa a aumentar a velocidade a um ritmo alarmante, e tenho o mais estranho desejo de não acreditar nela. Este é o tipo de conversa que você tem com seu filho calmamente; não diz casualmente uma coisa dessa.

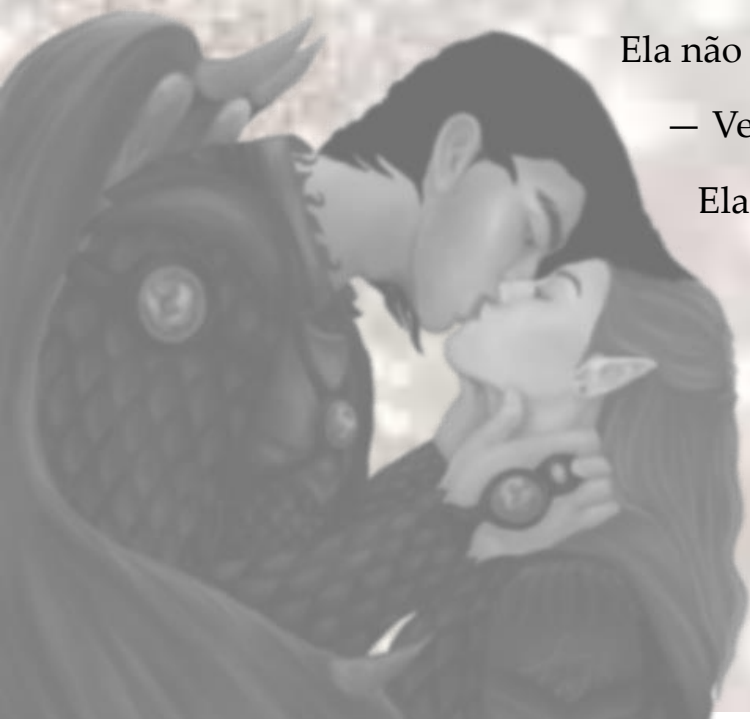
Eu olho para ela, esperando por mais.

Ela não diz nada.

— Verdade? — Eu pressiono.

Ela toma uma respiração instável. —
Sim, Desmond.

Algo que parece muito com
esperança surge através de mim. Os
bastardos vivem tragédias. Filhos





vivem sagas. Todos os livros da minha mãe são muito claros nesse ponto.

Eu sou filho de algum homem. Seu filho. Orgulho masculino corre através de mim, embora seja rapidamente encoberto pela realidade. Eu ainda sou o menino criado por uma mãe solteira e tenho vivido uma existência sem pai. Talvez eu não seja um bastardo, mas o mundo ainda me vê como um e conhecendo o amor que minha mãe tem pelos segredos, o mundo continuará a me ver como um mesmo depois de hoje.

— Ele morreu?

Como? Como nossas vidas chegou a isso?

Ela balança a cabeça, se recusando a olhar para mim.

— Então ele nos abandonou.

— Não, meu filho.

Que outra resposta resta?

A única que vem a mim me faz examinar minha mãe, minha mãe trabalhadora, que guarda muitos segredos e me ensinou a fazer o mesmo.

— Você o deixou, — afirmo. Claro. É a única resposta lógica que resta.

Ela faz uma careta, ainda se recusando a olhar para mim, e aí está minha resposta.

— Você o deixou e me levou com você.





Parece que alguém está com pedras no estômago. Essa sensação de perda é quase insuportável, principalmente porque eu não sabia que tinha algo a perder em primeiro lugar.

— Quem é o meu pai?

Minha mãe sacode a cabeça.

Este é o tipo de revelação que eu não deveria ter que implorar para conseguir.

— Me conte. Você me deve isso. — Eu posso sentir minha magia martelando sob a minha pele, implorando para ser livre. Um nome é tudo que eu preciso.

Mais uma vez, ela balança a cabeça, as sobrancelhas franzidas.

— Se você tem algum amor por mim, então você vai me dizer quem ele é. — Então eu poderia encontrá-lo, e ele poderia me reivindicar como seu filho, e todas aquelas crianças que me chamavam de bastardo se dariam conta de que eu tinha um pai...

Minha magia começa a crescer. Eu posso sentir isso subindo e descendo pelas minhas costas, pressionando contra a pele.

— É porque eu te amo que eu não vou te dizer, — diz ela, sua voz subindo em agitação.

É aqui que devo deixar o assunto. Mas é do meu pai que estamos falando, uma metade inteira da minha identidade que está faltando





toda a minha vida. Ela está tratando essa conversa como se isso não importasse.

— Que tipo de resposta é essa? — Eu digo calorosamente, meu aborrecimento se transformando em raiva. Meu poder se tornando frenético ao sabor das minhas emoções aquecidas. Mais forte, pressionando contra minhas costas, se tornando uma coceira.

— Desmond, — ela diz bruscamente, — se você soubesse a verdade, isso poderia te matar.

Meu coração bate mais rápido. Afiada, forte pressão nas minhas costas!

Quem é meu pai? Eu preciso saber!

— Você é a única que está sempre falando sobre como me educar, — eu grito com ela. — Esse conhecimento é o mais importante, — eu digo. — E ainda assim você não vai me dizer a identidade do meu pai. — Minhas palavras atacam, e com elas eu sinto a pele das minhas costas rasgarem.

Eu gemo enquanto as partes da pele, e minha magia empurra seu caminho saindo de mim. Eu tenho que me curvar da força dele, inclinando minha mão no balcão próximo.

Minhas asas estão brotando, eu penso, distante. Minhas costas pulsam, formigando com minha magia, e não é muito doloroso, mas





também não é exatamente agradável. Meu poder me consome, escurecendo minha visão e fazendo meu corpo tremer.

Não sabia que seria assim.

Eu sinto em vez de ver minha mãe se afastando do caldeirão para me dar toda a sua atenção. Ela fica tensa endurece quando chega mais perto de mim.

Eu respiro pesadamente entre ondas de magia.

Por que agora, nesse momento, minhas asas tinham que brotar?

Elas esticam minhas costas, e elas devem ser pesadas, mas minha magia está as fazendo flutuar, sobre o peso, parece que estou submerso na água.

Eu pisco, tentando colocar a sala em foco. Minha visão se aguça por um momento e vejo minha mãe claramente.

Seus olhos estão arregalados enquanto olham minhas asas. Ela dá um passo instável para trás, quase batendo na panela quente.

— Você tem as asas dele, — diz ela, parecendo totalmente aterrorizada.

Sua forma sai de foco, e minha atenção involuntariamente se volta para dentro.

Eu luto contra isso, determinado a terminar a conversa.

— De quem são as asas? — Eu digo, minha voz soando muito longe para os meus próprios ouvidos. Eu sinto





que estou em outro quarto. Minha pulsação bate, bate, bate dentro de mim.

Eu não a ouço responder, e não tenho certeza se é porque ela nunca falou, ou eu simplesmente não escuto sobre a onda de poder ensurdecendo meus ouvidos.

— Me diz e eu juro aos Deuses Imortais que nunca vou contar.

Meu poder começa a diminuir, a escuridão desaparecendo da minha visão. Eu vejo minha mãe, e ela me dá o mesmo tipo de olhar de pena que todas as pessoas da cidade me dão.

— Meu filho, isso não é um voto que você pode manter, — diz ela baixinho, com a voz embargada. Seu terror e sua pena estão dando lugar a uma expressão mais desesperada, algo que parece muito com desolação.

Ela não vai me dizer - não agora e pela sua expressão, provavelmente não tão cedo. Ela me faria suportar insultos e mais insultos! Tudo para que ela possa me proteger. Como se eu fosse um gato indefeso!

Minha raiva aumenta rapidamente dentro de mim, arrastando meu poder junto com ela. Eu sou um homem agora...

Eu sou. Minhas asas são prova suficiente disso. Minhas asas e minha magia, a última das quais se constrói sobre si mesma, escurecendo minha visão mais uma vez. Minhas asas saem, tão grandes que não posso estendê-





las completamente em nossos quartos apertados.

Muita magia.

Eu balancei em meus pés. Minha raiva amplificando meu poder, e meu poder, por sua vez, amplificando minha raiva.

Não posso controlar.

Eu sei por uma fração de segundo antes que eu perca o controle que a minha magia é muito grande para o meu corpo e muito forte para a minha vontade.

E então a tempestade que fica presa sob minhas veias não está mais presa.

— Me diga. — Minha voz explode, meu poder ondulando pela sala. Nossa mesa de jantar está no chão, as cadeiras caídas. Os utensílios de cozinha que estavam sobre o nosso caldeirão agora voam pela sala, e nossos pratos grosseiros se quebram contra a parede oposta.

É um testemunho de força para minha mãe e meu poder consegue fazê-la tropeçar para trás alguns metros. Meu poder negro se enrola ao redor dela. Eu posso realmente vê-lo.

Assim que eu libero a minha magia consigo pensar com clareza.

O horror substitui a raiva. Nunca falei com minha mãe dessa maneira. Nunca meu poder escorregou da sua coleira - embora nunca tenha sido tão grande assim.





Eu ainda posso ver minha magia na minha frente.
Ela circula a garganta da minha mãe e penetra em
sua pele.

Eu me sinto mal quando vejo sua garganta se apertar.

O que eu fiz? Você não sabe? Você não pode sentir isso? Você
a obrigou a responder.

Pelos deuses. Agora eu posso sentir isso, como um membro fantasma.
Minha magia está abrindo caminho pelo sistema da minha mãe,
arrancando o segredo dela.

Algo cintila nos olhos dela, algo alarmante, algo que parece muito
com medo.

Medo de mim.

Sua garganta funciona enquanto ela luta contra as palavras. Mas
eventualmente ela perde.

— Seu pai é Galleghar Nyx.





CAPÍTULO DOIS

O rei das sombras

— Eles estão vindo. — Minha mãe bate à porta da caverna fechada quando ela entra em nossa casa.

— Quem? — Eu fecho o livro que eu estava lendo e tiro meus tornozelos para fora da mesa. Eu não deveria colocar meus pés em nossa mesa, e normalmente eu seria castigado por isso, mas hoje, minha mãe nem percebe.

— Os homens do seu pai.

Eu olho para minha mãe com alarme quando ela agarra meu braço, me arrastando para os fundos de nossa casa onde estão nossos quartos. Todos os cômodos da nossa casa têm uma porta ou uma parede artificial para selar as cavernas em que moramos daquelas que estão fora. O coração inteiro de Arestys é um labirinto deles, abrangendo quase toda a extensão da ilha. Nem mesmo eu conheço todas as cavernas de cor e vivi toda a minha vida dentro delas.

— Por que os homens do rei estão vindo? — Eu pergunto, minha voz se aprofundando em alarme.

“Controle suas emoções” digo a mim mesmo, embora seja a voz da minha mãe que ouço na minha cabeça. Para os faes, o poder e a emoção andam juntos. Perde o controle de um e você perderá o controle do outro.





E se os homens do rei estão chegando, não posso me dar ao luxo de perder o controle.

Desde aquele dia a três anos atrás que minha mãe confessou que meu pai que era Galleghar Nyx, o tirano

Rei da Noite, eu esqueci de todos os sonhos de me encontrar com ele. Melhor ser um bastardo do que seu filho.

Galleghar Nyx é um homem poderoso. Um homem cruel e poderoso. O tipo de homem que você espera que nunca note você.

— Alguém viu suas asas, — diz ela.

Eu engulo. Minhas asas distintas e malditas. Faes não tem asas de dragão e demônios. Na verdade, há apenas uma linha particular de faes que compartilham esse traço - a linhagem real.

Tive a infelicidade de herdar as asas do meu pai.

— Eles devem ter relatado, — continua ela.

O medo fica baixo no meu estômago. Eu fiz isso. Nos últimos três anos, mantive minhas asas escondidas, mas às vezes até meu controle praticado escorregava.

— Sinto muito, — eu digo, passando a mão pelo meu cabelo branco.

As palavras soam vazias. Você se desculpa por um erro, mas isso é muito maior do que um simples erro.

Entrei em várias brigas e muitas mulheres bonitas. Eu me lembro de novo e de novo as coisas exatas que acionaram minhas asas.





E havia a garota da aldeia na outra semana... Ela as viu. Ela as viu e correu para contar aos anciãos da aldeia. Eu só consegui detê-la fazendo uma barganha - o silêncio dela por uma pulseira feita de raios da lua e corações de asteroides.

Eu não posso exercer magia, mas eu tenho conseguido bons negócios. Então eu sussurrei histórias de lua doce sobre o sol até que ela compartilhou um pouco de sua luz, e deixei o cosmos provar minha essência em troca dos corações, e levou quatro dias, mas eu consegui a garota da aldeia seu bracelete celestial.

Aparentemente, foi tudo por nada. Ela deve ter contado a alguém nesses quatro dias antes que eu pudesse cumprir minha parte no trato. Afinal, não é todo dia que você se depara com o herdeiro do Reino Noturno.

— Não se desculpe por quem você é, — minha mãe diz agora, se recusando a permitir que eu tome a culpa por algo que é certamente minha culpa. Ela me arrasta para o seu quarto, fechando a porta atrás dela.

— Seus poderes ainda estão despertando? —
Ela pergunta, mudando de assunto.

Eu concordo. Eu era poderoso antes de minhas asas brotarem, e mesmo tendo ganhado uma grande porção da minha magia naquela noite, tem





crescido constantemente dentro de mim desde então.

O olhar que minha mãe me dá é orgulhoso e cheio de preocupação. — Meu filho, você já é poderoso, mais ainda não poderoso o suficiente para escapar das garras do seu pai, mas um dia... Um dia você pode se tornar a coisa que ele teme.

Eu não sei o que fazer com as palavras dela. Em qualquer outro momento eu poderia me gabar com o elogio, mas agora... Eles são como carne estragada no meu estômago.

Ela solta minha mão e se dirige para sua cama bamba. Ela empurra para o lado, olhando para o chão embaixo dela. Eu sigo seu olhar, olhando para a superfície irregular e rochosa. Além de algumas partículas de poeira, não há nada para ser visto.

Ela estende a mão e murmura algumas palavras em voz baixa. Meus braços se arrepiam quando sinto a magia saindo dela. O chão brilha, como uma miragem, depois desaparece, revelando um imenso buraco no lugar. E dentro do fosso...

— Mãe...?

Eu olho, petrificado, para a montanha de moedas que enche quase até a borda.

Algumas são de cobre, algumas são de prata, mas a maioria é de ouro. Espalhados entre elas estão pedras





preciosas, do tipo que pulsam com batimentos cardíacos.

Rochas vivas. Pedras de alquimista.

— O que, o que é tudo isso? — Eu pergunto.

Há muito mais dinheiro aqui do que uma escritã ganha. O que quer que minha mãe tenha feito, não foi apenas rabiscar as histórias de Arestys.

Minha mãe olha para o tesouro. — É seu, — diz ela, seu olhar se movendo para mim.

Suas palavras são como um golpe no peito. Ela está guardando todo esse dinheiro... Para mim?

Eu estou balançando a cabeça, Faes não dão presentes assim, não sem trocas. Nem mesmo para a ninhada deles.

Parece magia amaldiçoada.

— Eu não vou pegar.

— Você vai, meu filho, — diz ela, — junto com o resto de sua herança.

Eu franzo minhas sobrancelhas quando olho para ela. — Tem mais?

Ela olha fixamente para mim. — Meus segredos.

Meu coração está batendo forte, e seja o que for que ela esteja prestes a dizer, não quero ouvir isso porque segredos são feitos para uma alma manter.

Eu fecho meus olhos e balanço minha cabeça uma e outra vez. Eu me lembro ao pensar o que significa





quando ela está para quebrar uma de suas regras mais importantes. Que ela está me dando sua herança. Essa é uma palavra sinistra para usar.

— Desmond, — ela diz, tocando meu ombro e me sacudindo levemente — onde está o homem que eu criei? Eu preciso que você seja forte por mim agora.

Meus olhos se abrem com suas palavras, e eu estou silenciosamente implorando para ela não seguir esse caminho, mas ela ignora o meu olhar.

— O Rei do Dia me deve um favor. Pegue esse dinheiro, compre seu asilo.

Asilo? No reino do dia? Forçado a nunca mais ver a noite?

— Se ele não aceitar seu dinheiro, diga a ele que você é filho de Larissa Flynn e Galleghar Nyx. Mostre a ele suas asas se você precisar. Ele não recusará você então.

— Só se você vier comigo, — eu digo. Porque isso parece ser a pegadinha - uma garantia de segurança, mas abandonando minha mãe. E isso eu não farei.

Ela cobre minha bochecha. — Eu não posso, meu filho. Eu comprei meu destino há muito tempo.

Eu olho para ela, sem entender.

— Ouça com atenção, — diz ela, — porque só tenho tempo de contar





uma vez. Eu não amava o seu pai - nunca o fiz —
ela diz.

Tantas vezes eu imaginei perguntando a ela sobre
isso - como ela entrou nas garras do meu pai. Eu não
consegua entender como minha mãe inteligente e de
princípios poderia se relacionar com o Rei das Sombras, um homem
que colecionava esposas e matava seus filhos.

— Meu nome uma vez foi Eurielle D'Asteria. Originalmente, eu era
uma das espiãs do rei, — ela admite.

Minha mãe? Uma espiã? E porque um nome diferente?

Segredos são destinados a uma alma para manter. É um slogan de um
espião.

— Eu não respondia diretamente a ele, — continua ela, — então, por
muitas décadas, nunca nos encontramos cara a cara. Não até que eu
frustrei uma tentativa de assassinato ao rei, então ele colocou os olhos
em mim.

Minha mãe salvou a vida do rei. Essa revelação me deixa com um
gosto amargo na boca. Há malandros mais dignos de salvar que a
criatura que governa nossa terra.

— Galleghar me convidou para seu
palácio para me medalhar pessoalmente
pela ação. — Seus olhos se
distanciam. Ela sacode a cabeça. —
Eu deveria desconfiar, mas fui.
Naquele dia, entrei naquela reunião





como uma espiã, mas no final, fui destituída de meu título e deveres e fui depositada em seu harém.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Por quê? — Eu pergunto perplexo. De tudo que eu li, faes não escolhem companheiros ao longo do dia. Alguns circulam uns aos outros por séculos antes de se estabelecerem.

Minha mãe levanta um ombro. — Ele nunca me disse realmente.

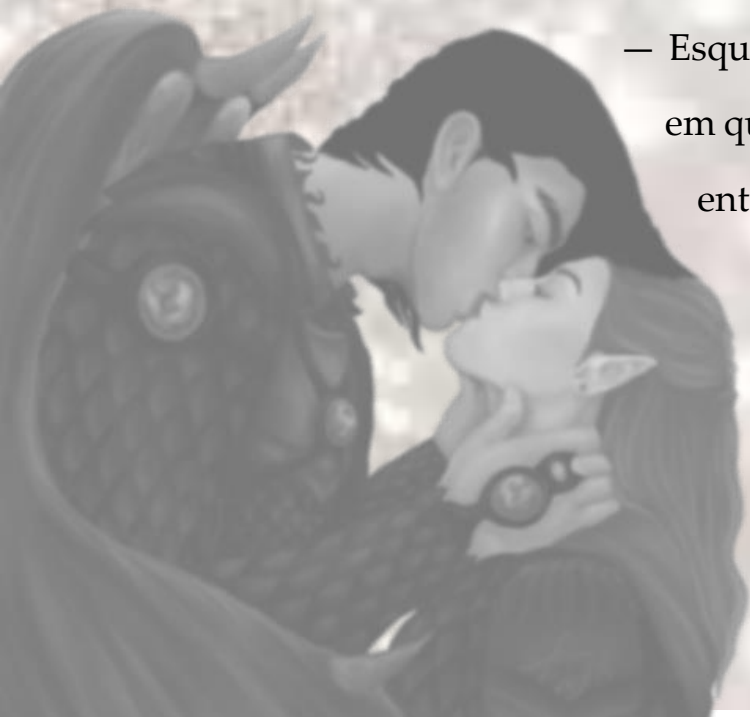
Então ele arrancou a vida dela e a forçou a ser dele. O pensamento faz minha pele arrepiar.

Eu sou um produto dessa união.

— Eu estive com ele por muitos anos, muitos longos anos solitários. Até que, um dia, as coisas mudaram. Galleghar não deixava suas concubinas terem muita liberdade, mas em uma ocasião rara eu estive fora dos muros do palácio, desfrutando como uma fae viajante, quando uma adivinha me contou um pedaço do meu futuro.

Minha mãe faz uma pausa. — Ela disse: 'Na sua hora de desespero, você saberá o que fazer e o mundo agradecerá por isso'.

— Esqueci as palavras da adivinha até o dia em que descobri que estava grávida. Foi só então que elas voltaram para mim. E ela estava certa, eu sabia o que fazer. Eu vendi séculos da minha vida pelos meios para escapar, e finalmente, eu





fugi do palácio do rei bem debaixo do seu nariz.

Eu vim para cá e aqui permaneci desde então.

Minha mãe vendeu séculos de sua vida?

Ela aperta o lado do meu rosto. — Então você vê, meu filho, meu destino foi decidido muito antes de hoje.

Meu coração está apertando. Eu imagino que é assim que uma estrela se sente quando morre, como se tudo o que ama e tudo o que é, está pressionando para dentro e esmagando a vida dela.

Eu balanço a minha cabeça em suas mãos. Meus olhos estão queimando, mas ainda estou chocado demais para processar tudo o que minha mãe disse.

Ela puxa meu rosto para perto. — Esconda suas asas, controle seu temperamento e aprenda tudo que puder sobre o mundo, começando pelos seus inimigos, — ela respira. — Não confie em ninguém e, acima de tudo, não compartilhe seus segredos.





Há 254 anos

Minha mãe ainda está segurando meu rosto quando ouvimos o barulho de passos ecoando pela caverna.

Nós dois compartilhamos um olhar selvagem.

Os homens do meu pai estão aqui.

— Há uma bolsa entre sua herança que vai caber tudo. Pegue o que puder enquanto eu mantenho os soldados afastados, e então saia. Ela acena para a porta no fundo do seu quarto, a que leva ao labirinto de túneis atrás de nossa casa.

Eu sacudo minha cabeça. — Só se você vier comigo, — eu insisto teimosamente.

— Desmond, — ela diz calmamente, — você é filho de um rei. Um herdeiro legítimo do reino de um tirano. Você precisa se manter vivo não só por mim, ou por você, mas pelo nosso reino. Você entende?

— Pare — eu digo com voz rouca, porque eu entendo, mas eu não quero.

Ela me solta, se voltando para a porta que sai de seu quarto e entra na nossa sala de estar. — Eu te amo meu filho. Até que a escuridão morra, eu vou te amar. Meu coração troveja.





Até agora, esta tem sido a minha vida. Estas paredes escorregadias e úmida, esta humilde morada, esta mãe enigmática. Eu me ressentia dessa vida por anos, mas agora, quando posso perder tudo, acho que não posso suportar o pensamento. Não o sacrifício de minha mãe, não a minha situação amaldiçoada, nem a possibilidade de que tudo isso chegue a um fim rápido, porque essa vida, ainda que sombria, é boa demais para gente como nós.

Eu olho para o baú de moedas. Anos de riquezas que minha mãe trabalhou tanto, tudo para que um dia ela pudesse me salvar e só a mim.

Ela está na porta quando percebo que de repente não posso concordar com isso. Com qualquer coisa disso.

Eu invoco minha magia, e ela surge dentro de mim como se eu estivesse usando isso o tempo todo. Por anos eu a rejeitei, mas mesmo depois de todo esse tempo ela não tinha me abandonado.

Eu não tenho ideia de como lidar com o meu poder, mas isso não parecia importar. Tudo o que tenho que fazer é parar a minha mãe, e minha magia responde.

Um momento, sou um homem e, no seguinte, a pele, os ossos e os músculos somem. Tudo o que resta de mim é o pensamento consciente. Em um instante, sou a escuridão.





Eu atravesso a sala, e nem tenho tempo para sentir a maravilha ou medo de poder fazer isso - de que posso me tornar a noite - antes de reaparecer entre minha mãe e a porta de fora, meu corpo se formando no de um homem mais uma vez.

Seus olhos se arregalam quando ela me vê.

— Sinto muito, — eu digo, minha mão indo para a maçaneta. À distância, posso ouvir o som das botas dos soldados ficando mais altos, — mas você não criou um covarde.

Antes que ela tenha a chance de reagir, eu abro a porta e saio.

Bato a porta.

Mais uma vez meu poder sobe para me acomodar, e a porta se fecha, se fecha atrás de mim.

Eu quase rio de como é fácil usar minha magia. Muito mais fácil do que contê-la como eu sempre tive que fazer.

— Desmond! — A voz abafada da minha mãe soa em pânico enquanto ela agita a maçaneta da porta. Seu poder bate contra o meu enquanto ela joga feitiços na porta, mas mesmo sem prática como eu

estou com a magia, eu posso dizer que sou mais forte que ela. Muito mais forte. Essa porta não vai se mover tão cedo.

Agora é minha mãe que será forçada a fugir pelos fundos de seu quarto e eu que vou encarar os homens de meu pai.





Boa.

Eles estão atrás de mim de qualquer maneira.

Há 254 anos

Atrás de mim, a porta do quarto da minha mãe balança.

— Desmond! — Ela grita de novo.

Eu a ignoro, atravessando a sala e indo para a porta da frente. Ainda posso ouvir os passos dos soldados e, ao que parece, ainda não chegaram à nossa casa.

Abro a porta da frente e, no outro extremo do túnel escuro que leva à nossa casa, vejo um esquadrão de soldados descendo a passagem úmida. É então e só então percebo que não tenho um plano.

Assim que me veem, os homens e mulheres uniformizados começam a correr pelo túnel, em direção à nossa casa, com as mãos armadas com espadas. Esta não será uma visita civilizada. Naquele instante eu realmente entendo que ter o sangue do rei correndo através de mim

é uma sentença de morte.

Mas isso também me faz forte. Muito forte.

Eu endireito meus ombros e amplio minha postura. Minha mãe não está se sacrificando hoje. Não em meu nome.

Nem por eles.





Minha magia sai de dentro de mim, ondulando através da caverna e curvando a luz antes que ela bata nos soldados.

Eles são expelidos e jogados de costas, cada um caindo como árvores derrubadas. Ninguém se levanta.

O silêncio que se segue é ensurdecedor.

Eu... Os matei?

Mas enquanto eu olho, um deles move o braço e outro suspira.

Meus músculos relaxam. Inconsciente, mas não morto.

Eu recuo, indo para minha casa, usando meu poder ao invés da minha mão para fechar a porta da frente.

Hora de ir.

Eu faço meu caminho de volta pela sala de estar para o quarto da minha mãe. É só quando coloco minha mão na maçaneta que percebo que está quieto. Muito quieto.

O desconforto me atravessa quando abro a porta.

Além disso, o quarto da minha mãe está exatamente como eu deixei, exceto por três coisas: minha herança está escondida novamente, a porta dos fundos está aberta e minha mãe se foi.

Ela fugiu, digo a mim mesmo. Mas os pelos na parte de trás do meu pescoço estão em pé, e há algo no ar...

Magia hostil.





Desta vez, me encontro com a escuridão antes que eu possa sequer pensar no comando, desaparecendo do quarto da minha mãe e reaparecendo bem do lado de fora na parte de trás.

A uma curta distância, posso ouvir vozes e o da mãe é uma delas. O medo frio e pegajoso toma conta do meu estômago e está se espalhando como uma videira através de mim.

Cautelosamente, eu me torno a escuridão novamente, desaparecendo em um instante, e me materializando atrás de uma coluna escorregadia e mineralizada um momento depois.

De onde estou, posso ver minha mãe, de costas para mim e em frente a ela...

Meu sangue gela.

Eu vejo meu cabelo, meus olhos e meu queixo todo usado por outro homem, um homem sobre o qual eu já li tantas vezes que eu sinto que o conheço. Ele é o homem que eu detesto.

Meu pai, Galleghar Nyx, o rei da noite.





Há 254 anos

Eu olho para o rei tirano do nosso reino.

Os cabelos brancos de Galleghar caem sobre o rosto dele; parece que ele passou os dedos por ele muitas vezes. Sua roupa preta é fortemente adornada com ouro, suas botas tão polidas brilham como espelhos.

Seu rosto é indiscutivelmente bonito de uma forma cruel e, por sua imponente estatura, é óbvio que ele não é apenas magicamente dotado, mas também fisicamente dominante.

Homem monstruoso...

Assassina bebês...

Tortura inocentes...

Caça mortais...

Faz até mesmo a escuridão chorar...

As sombras fofocam; nem elas têm lealdade ao rei. Ao redor luzes de faes de Galleghar pairam no ar, embora eu tenha a impressão de que ele não precisa de luz para ver no escuro.

— Eurielle D'asteria, — ele diz, —
minha estrela caída-.

Com essas palavras e essa voz, meu sangue gela.





— Por dezesseis anos você me evitou. — Seus olhos a bebem.

Uma proteção que me impressiona chama a minha vida quando vejo a maneira como ele olha para ela.

Como ele quer possuí-la.

— Eu procurei em todos os lugares. Interroguei a todos. Segui cada pista. Mas elas eram todas becos sem saída. — Ele começa a andar, nunca tirando os olhos da minha mãe. — Minha esposa favorita desapareceu do meu palácio, horas depois de eu ter ido a ela, e era como se ela nunca tivesse existido. — Ele estala os dedos e abre as palmas das mãos como se demonstrasse o ato de desaparecer.

Minha mãe não responde, apenas observa o rei.

— Na verdade, quando tentei rastrear sua família, seus amigos - qualquer pessoa que existiam antes de mim - descobri que eles nunca existiram. Havia nomes falsos para pessoas imaginárias. Imagine minha surpresa quando descobri que um espião empregado na casa real tinha um currículo baseado em mentiras. Um espião que se tornou minha esposa.

— Você me escolheu, Galleghar, — diz ela em voz baixa, finalmente quebrando o silêncio.

Ele ri e os mundos devem tremer com aquele som terrível. — Eu fiz, não fiz? — Seu sorriso desaparece.

— Eu gosto de criaturas espertas - e





quão inteligente você era. Você demorou uma noite para me enganar. — Ele levanta o dedo indicador para cima. — Apenas uma.

Ele dá alguns passos para mais perto dela, seus passos ecoando por toda a caverna. Eu posso dizer apenas pelo jeito que o ar escurece em suas costas - exatamente onde suas asas deveriam estar - que ele está irritado e animado ao mesmo tempo.

— Eu deveria saber, — continua ele. — Você me avisou o quanto você amava guardar segredos. — Ele estreita os olhos. — Há um segredo em particular sobre o qual estou curioso. Você vê, quando um relatório chegou a mim há alguns dias sobre o seu paradeiro, — ele pisa perto dela, sua voz caindo para um tom ameaçador, — ele disse que eu tenho um filho.

Meu corpo fica estático, medo rugindo em minhas veias. Minha magia empurrando a parte de baixo da minha pele, implorando para ser solta.

Eu preciso agir, preciso salvar minha mãe, mas há rumores de que o Rei da Noite é um dos faes mais poderosos da existência. Não há

como eu conseguir dominá-lo. Mas cada momento que hesito é outro momento desperdiçado. Como posso conseguir que minha mãe e eu saíamos daqui? — Bem, — ele questiona, — é verdade?





Mesmo pelo pouco que vejo da minha mãe, posso dizer que ela levantou o queixo. — Porque quer minha palavra, Galleghar? Já não estabelecemos que sou mentirosa?

O Rei da Noite a olha astutamente. Ele está prestes a fazer alguma coisa, eu posso sentir isso. Há muita agressão reprimida atrás de seus olhos e ele quer soltá-la. Precisa liberar isso.

Estou prestes a me revelar quando ele tira o olhar da minha mãe e olha para as cavernas que nos cercam. Eu me abaixei atrás da coluna pouco antes de seu olhar se mover sobre a seção da caverna em que estou. Quaisquer que sejam suas intenções malévolas, ele as prende.

— Então, esse tempo todo, é onde você esteve? Cavernas de Arestys? Não é de admirar que eu nunca tenha te achado. Até mesmo o escravo mais humilde não se sujeitaria voluntariamente a essa merda.

— Como isso deve ferir você então, — minha mãe diz, sua voz cadenciada, — saber que escolhi isso a você.

Seus olhos se voltam para ela. Ele olha para ela por um segundo, e então ele sacode o pulso. Uma explosão de sua magia explode nela, e minha mãe é violentamente jogada no chão da caverna.

Eu juro que meu coração para por um momento, e então minha fúria aumenta, afogando meu medo. Ela corre pelas minhas veias, mais espessa do que sangue.





Ninguém coloca uma mão na minha mãe.

Eu saio de trás da coluna, minha magia fazendo as sombras se juntarem em volta de mim.

— Eu vim aqui planejando matar você, — continua o rei. Todo o seu foco é tão fixo em minha mãe que ele não me vê, mesmo que eu esteja perto. Ele só tem olhos para ela.

Ele enfia a mão no cabelo dela e ergue a cabeça para encará-lo. — Mas, pensando bem, talvez eu mantenha você e deixe você viver. Talvez todas as noites eu deixe você escolher o homem que irá te estuprar.

Meu poder está se construindo, minha ira a alimentando. Eu dou um passo à frente, e depois outro, mas nenhum deles percebem. Eles só têm olhos um para o outro.

Minha mãe ri na cara do rei, zombando de sua ameaça. — Desde que você não esteja comigo, eu aceito a punição.

Os pelos do meu braço se erguem. As palavras da minha mãe e a sua voz soam diferentes. Eu sempre achei que ela era suave, mas ela não é. Deuses, está claro para mim agora mais do que nunca, que ela não é. Ela era o que ela queria ser - mãe amorosa, espião real, concubina

relutante, escritã desajeitada. E abaixo de todas as suas máscaras há uma mulher que deveria fazer os homens tremerem.

O rei recua, tão chocado com suas palavras quanto eu.

Eu vejo o momento em que o choque se derrete, as linhas cruéis





de seu rosto se afiam. Sua feição é tão parecida com a minha. Ele se agita bem abaixo da superfície, reunindo força.

Não é de admirar que minha mãe me olhasse com tanto medo, tantos anos atrás, quando perdi o controle da minha própria raiva e meu poder me atacou. Não é de admirar que ela tenha perfurado em mim a necessidade de controle. Ela viu o que eu só estou vendo agora. Eu sou filho do meu pai.

— Alguém que não seja eu? — Ele diz. — É isso? Você está acostumada a servir escravos e ladrões? — A raiva dele está aumentando. — Talvez se eu sou tão ruim, então eu deveria fazer as honras. — Sua mão vai ao seu cinto, e isso é tudo que eu posso aguentar.

Antes que eu saiba o que estou fazendo, estou me movendo pela escuridão. Eu me materializo na frente do meu pai, meu corpo ainda se movendo para frente, meu punho inclinado para trás. Um instante depois eu bato na cara dele, rugindo enquanto faço isso. Eu jogo toda a minha raiva, todo o meu medo e uma dose saudável do meu poder

no soco.

Ele voa pelo ar, seu corpo colidindo contra a coluna que se estilhaça contra suas costas.

Eu quero pegar minha mãe e fugir, mas esse é meu pai. O homem que a degradou, ameaçou, bateu nela. O





mesmo pai que um dia ansiei. O homem de quem
minha mãe me protegeu. O homem cujo sangue
amaldiçoado corre pelas minhas veias.

Eu sinto o nosso potente e podre sangue. Está me
seduzindo para ser cruel, para acabar com o que comecei. E eu
ainda tenho um pouco de controle da minha própria raiva para
resistir à minha magia.

Eu endireito meus ombros, minhas asas se abrindo atrás de mim.

— Desmond, — minha mãe diz atrás de mim, — não.

Ignorando-a, eu vou para o meu pai, a escuridão se aproximando de
mim enquanto o vejo sentar. Eu ando até ele enquanto ele limpa uma
linha de sangue que escorre do canto da sua boca.

Ele olha para mim, seus olhos se movendo para as minhas asas. —
Então os rumores eram verdadeiros. — Então seu olhar se move sobre
o meu corpo, que eu sei que é esguio e magro, então para meu rosto.
— Pena que você é insignificante.

Eu não digo nada, apesar de minha mandíbula apertar.

Nós dois fechamos os olhos, nossa raiva se movendo como um rio sob
a nossa pele.

Finalmente, meu pai mostra um sorriso
cruel. — Sim, você é meu filho mesmo.
Esse poder é um fardo terrível, não
é?





Não tenho certeza se poderia responder se quisesse. Eu preciso liberar essa magia antes que ela me devore.

A mão da minha mãe aperta meu ombro, quebrando o feitiço. — Deixe-o, Desmond, — ela diz baixinho.

Mas não é suficiente.

Os olhos do rei se movem para minha mãe. — Deixe, — diz ele, estreitando os olhos, mesmo quando ele começa a sorrir. — Você acha que eu deixaria qualquer um de vocês me escaparem duas vezes?

Em um segundo meu pai estava na minha frente, no outro ele se foi.

Eu me assusto.

O mesmo poder que o meu.

É tudo o que tenho tempo para pensar antes que a mão da minha mãe seja arrancada do meu ombro.

Eu giro a tempo de ver o rei em suas costas, com uma faca em sua garganta.

Ele não hesita. Mais rápido do que posso reagir, ele arrasta a lâmina pelo pescoço delicado dela, cortando a garganta da única pessoa com quem eu já me importei.

O tempo parece parar. Tudo parece parar.

Toda a minha vida se condensa a um instante, a esse instante terrível. E isso não pode ser real. Nada disso pode ser real.





Não o que derrama de sua garganta como um estranho colar. Não o rosto surpreso de minha mãe ou o suspiro sufocado que borbulha de sua ferida. Não o rosto satisfeito de meu pai e seus olhos irados.

Isso... Isso não pode ser possível.

Tudo de uma vez, o tempo que volta à vida e percebo que isso é possível. Isso é real. É assim que a morte parece. É assim que a perda infinita e verdadeira parece.

Eu ainda sou aquela estrela que está morrendo, toda a minha magia, toda minha dor, toda minha fúria e medo pressionando para dentro. A pressão aumenta até ficar insuportável. A caverna escurece com isso.

Eu olho para minha mãe, e mal posso sentir as lágrimas quentes molhando meu rosto.

Meus olhos se movem para o meu pai.

Tudo silencia - minha dor, meu poder, meu coração moribundo. Só consigo ouvir minha respiração entrando e saindo de mim.

E então minha magia detona.





Há 254 anos

Meu poder explode ao meu redor, a onda de choque se espalhando.

Meu pai só tem um segundo para me ver com os olhos cheios de horror antes de sair da existência, deixando as cavernas em um instante.

Minha magia vaporiza tudo em seu caminho. A rocha, os escombros, a casa em que cresci, a fortuna que





minha mãe guardou para mim, os soldados ainda inconscientes diante de nossa porta da frente, os túneis que chamei de lar nos últimos dezesseis anos - tudo se desintegra no momento em que minha magia toca, desapareceu como se nunca tivesse existido.

Meus cabelos e roupas se agitam ao meu redor, com a vibração do meu poder. Saí de mim. Eu não posso ouvir nada sobre o rugido ensurdecador disso. Está nos meus ouvidos, na minha cabeça, no meu coração. Constrói mais rápido que a minha raiva, cresce mais do que a minha angústia e corta mais do que o meu orgulho. É um mar, e estou me afogando nele, sendo sugado mais e mais para dentro daquele abismo, daquele escuro abismo.

Assim como sinto que está prestes a me consumir, a magia desaparece.

Por alguns segundos, tudo o que posso fazer é tomar um pequeno espaço, o som do ar assobiando dentro e fora dos meus pulmões, ensurdecando no silêncio sinistro que se segue.

Eu balancei em meus pés, piscando enquanto observava a visão ao meu redor.

Acabou. Tudo se foi. As cavernas, os soldados, o rei.

Eu olho para o céu noturno acima de mim, uma visão que ansiava por todos aqueles anos que vivi em uma casa sem janelas.





E então meus olhos pousam na minha mãe. Ela é a única coisa que não foi tocada pelo meu poder. Mas até ela se foi.

Eu tropeço até ela, caindo de joelhos ao seu lado. Eu me junto, segurando seu corpo em meus braços. Seus belos olhos violetas olham sem vida para mim, seu pescoço aberto.

— Não, mãe... — Minha voz se quebra.

Em questão de segundos, o sangue dela cobre meus braços e mancha minhas roupas.

Isso não pode ser real.

Meus olhos caem no pescoço ferido. Eu aperto a mão trêmula, desejando que minha magia a cure. Nada acontece. Eu tento de novo e obtenho o mesmo resultado. Talvez eu tenha usado todo o meu poder antes, talvez eu não seja curador.

Ou talvez seja tarde demais.

Algum som estranho, sem palavras, borbulhando na minha garganta. Porque é tarde demais.

Sem pulso, sem respiração, sem vida.

Ela se foi. *Ela se foi.*

Acima de mim, as estrelas brilham.

Ela se foi e as estrelas ainda brilham.

Eu solto um grito agonizante, depois outro e outro. E então meus gritos viram soluços. Eu inclino minha cabeça sobre seu corpo quebrado, a





segurando perto. Se eu pudesse, eu arrancaria meu coração. Dói tão malditamente ruim.

Eu enterro meu rosto no pescoço da minha mãe. Eu a sinto esfregar o sangue na minha bochecha e no meu cabelo.

Eu não sei por quanto tempo eu a abraço. Horas ou minutos podem ter passado. Minha dor não consegue distinguir a diferença. Em algum momento meus soluços diminuem, substituídos por uma dormência pesada e dolorosa.

E então, minha pele se arrepia.

Meus ombros ficam tensos quando sinto os quentes olhares nas minhas costas. Eu sei, sem olhar, que as pessoas da cidade vieram investigar. Minhas asas ainda visíveis. Minha mãe ainda está embalada em meus braços. Ainda está morta.

Não importa mais. Nada disso importa mais. Não tenho mãe, nem casa, nem fortuna, nem futuro.

As pessoas começam a sussurrar atrás de mim e eu praticamente posso sentir sua curiosidade e seu medo. Toda a minha vida, eles me

acharam um bastardo, um pobre bastardo sem magia. Só agora eles estão vendo a minha verdadeira linhagem e poder.

Apenas um dia atrás, eu até gostaria.

Agora seus olhos parecem intrusivos.





Um deles mandou uma mensagem ao rei. Disse-lhe da minha existência. Um deles causou isso. Se foi aquela garota da aldeia, ou o pai dela, ou outra pessoa que viu algo que não deveria. Eles disseram ao rei onde eu morava. Certamente eles sabiam que ele viria para mim, certamente eles sabiam que suas palavras nos condenariam.

Eu me levanto devagar, minha mãe ainda em meus braços, então me viro para encará-los.

— Quem fez isso? — Eu digo devagar, meus olhos se movendo sobre os rostos da multidão reunida. — Quem escreveu ao rei sobre mim e minha mãe?

Ninguém fala, embora muitos deles comecem a se mexer, os olhos se movendo entre mim e eles.

— Quem fez isso? — Eu grito de novo, meu poder saindo de mim. Minhas asas distintas se abrem. Pela primeira vez em minha vida, eu deliberadamente as mantenho expostas. Aqueles que ainda não as viram, agora dão uma longa olhada nelas. Eu vejo seus olhos se arregalarem com medo.

Ninguém vem para frente. Eu olho para cada um dos seus rostos, e este é o momento em que todos nós percebemos que o garoto que eles pensavam que eu era, era uma miragem. Que esse tempo todo eles têm sido o rato do campo e eu





tenho sido a víbora deitada na grama.

— Juro pelo túmulo de minha mãe, — digo,
minha voz soando à noite, — vou descobrir qual de
você fez isso, e farei - você - pagar. — A terra treme com

minhas palavras e novamente, as pessoas suspiram, seus
rostos ficam pálidos.

Eu olho para as estrelas. Há um outro fae que precisa pagar. Um outro
que merece a maior parte da minha ira.

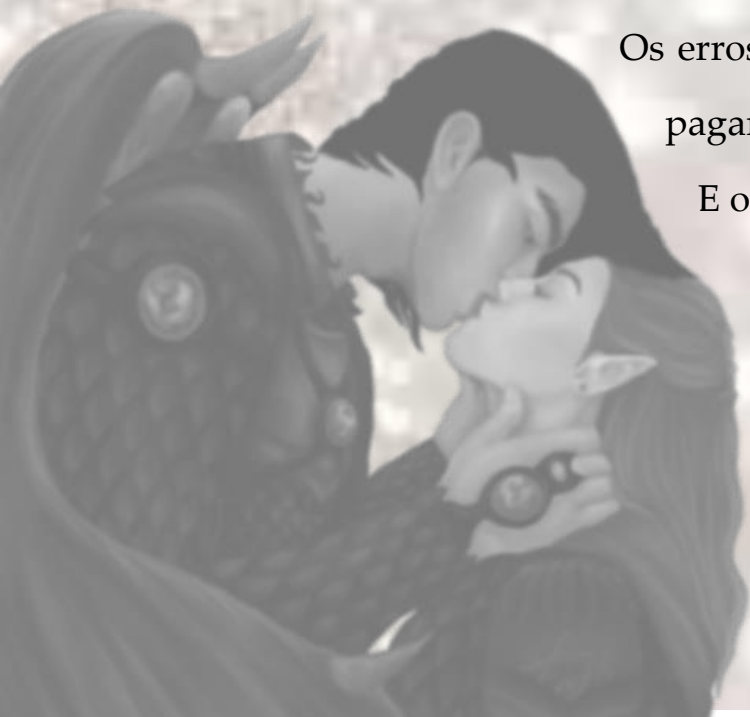
Sem pensar mais, dobro meus joelhos e salto para o céu, minha mãe
ainda se agarrava a mim. Minhas asas batem nas minhas costas e, pela
primeira vez na vida, eu as forço a voar.

Eu aperto meus dentes enquanto eles me impulsionam no ar, e no
começo a força de vontade e um pouco de magia me mantêm no ar.
Mas então o instinto assume o controle, e minhas asas começam a se
mover como se eu tivesse feito isso por um bom tempo.

E então eu estou indo para as estrelas acima de mim, e eu não olho
para minha pequena cidade com suas pequenas pessoas cheias de
pequenos sonhos.

Os erros devem ser corrigidos. Um rei deve
pagar.

E os reinos verão minha vingança.





CAPÍTULO TRÊS

Os anjos da pequena morte

Há 254 anos

Leva um dia para eu enterrar minha mãe e outro para deixá-la. Ela descansa entre as ruínas de Lyra, um dos mais antigos templos dedicados à deusa da nova vida, seu corpo aninhado entre as flores imortais de Lyra. A história da deusa científica era sempre uma das suas favoritas.

Eu olho para a terra recém-virada, meu queixo travado com força. Ela não deveria ser enterrada aqui, em um túmulo sem identificação na terra da Flora. Mas eu não posso voltar para a Arestys, e essa é a única casa que eu já compartilhei com minha mãe. Então a deixo para o seu sono final em uma terra que só tinha lido sobre.

Enquanto eu voo para longe de seu túmulo e a distância entre nós cresce cada vez mais, minha raiva e dor ardem profundamente dentro de mim.

Eu sinto minha identidade se despedaçando, me refazendo em algo mais duro, mais frio. Não há mais espaço no meu coração para suavidade. Eu tenho uma razão para existir e uma só: matar o rei.

Minha mãe queria que eu buscasse asilo no Reino do Dia, mas isso foi antes, quando minha mãe economizou riquezas para dar ao





Rei. Quais são as chances dele me aceitar agora,
quando eu estou sem dinheiro?

Eu já sei a resposta.

Ela não teria economizado o dinheiro se eu não precisasse.

O que significa que os últimos catorze anos de suas
economias, de nós vivendo de ensopado de beterraba e dormindo nas
cavernas de Arestys, foram em vão.

Tudo. Para. Nada.

A injustiça disso queima através de mim.

Sou um homem procurado e não há lugar para eu ir.

Minhas asas quase congelam no meio da batida quando uma
percepção me atinge.

Claro.

Há um lugar que pode acolher um fae manchado de sangue, sem um
tostão. Um lugar onde a violência nasce.

A cidade dos ladrões. Barbos





254 anos atrás

Me sento em um bar de má reputação em Barbos, cuidando dos restos da última cerveja que posso comprar. Eu não tenho dinheiro suficiente no bolso para muito mais do que outra refeição. Vou ter que dormir no telhado esta noite e esperar que ninguém me descubra antes do amanhecer.

Olho ao meu redor para as luzes coloridas de faes que estão penduradas ao longo das paredes do local, depois para a sala lotada. Amigos se reúnem em torno de mesas, seus olhos um pouco demais e seus sorrisos são um pouco astuciosos.

Sentado entre ladrões.

Nenhuma vez eu quis vir a um lugar assim! Tudo o que eu sempre quis foi crescer e ver o mundo e viver as vidas que eu tinha lido por tanto tempo. Agora parece que eu comprei um dos desejos amaldiçoados de Memnos - o tipo que dá a você o que você quiser, mas corrompe o desejo de modo que ele se torne um fardo em vez de um benefício.

Eu quase engasgo com o meu próximo gole de cerveja quando uma mulher fae em um top translúcido entra no bar. Ela flutua mais do que anda, os olhos mais brilhantes que as estrelas do lado de





fora. Eu não posso desviar o olhar dela, embora eu saiba que deveria.

Ela abre caminho entre as mesas, os dedos deslizando pelas superfícies pegajosas. A mulher deve sentir meu olhar porque seus olhos se voltam para mim. Ela me lança um sorriso, e a visão disso é tão chocante que eu olho um pouco mais. De volta à Arestys, apesar da minha aparência e minha propensão em dar as pessoas o que elas querem, eu não era a primeira escolha de parceiro de uma mulher. Ninguém queria demonstrar interesse pelo fae mais fraco da ilha. Eu sempre fui o erro que as meninas gostavam de cometer quando se sentiam corajosas.

Antes da mulher chegar à minha mesa, um fae de aparência suja carregando duas canecas de cerveja cai no assento na minha frente me tirando do meu devaneio.

Ele se endireita. — Confie em mim, você não quer esse tipo de coisa, — diz ele, sacudindo a cabeça para a mulher. Sobre o seu ombro ele diz a ela, — Foda-se, Kaelie. Esse cara não vai comprar o que você tem para oferecer.

Comprar...?

O sorriso da mulher se transforma em uma carranca. — Droga, Vale, você me deve por isso.

Os outros clientes do pub nos ignoram. Eu acho que isso não é uma briga notável em Barbos.





Vale se vira em seu assento para olhar para ela.
— Cai fora, — diz ele. — Ele não tem dinheiro e é
mais jovem que seus filhos - ou você é cega demais
para ver isso?

Dando a Vale um olhar que poderia matar o próprio Rei das
Sombras, ela desliza para longe de nós, circulando pela taberna até
que um fae forte a agarra pela cintura e a puxa para seu colo.

Vale se vira para mim, tomando um gole de sua bebida e se
acomodando.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ele.

Ele absorve minha expressão. — Você nunca viu uma prostituta?

Não, mas isso é irrelevante.

— Por que você está sentado aqui? — Eu pergunto.

Ele desliza sua segunda cerveja para mim. — Você parece solitário,
irmão.

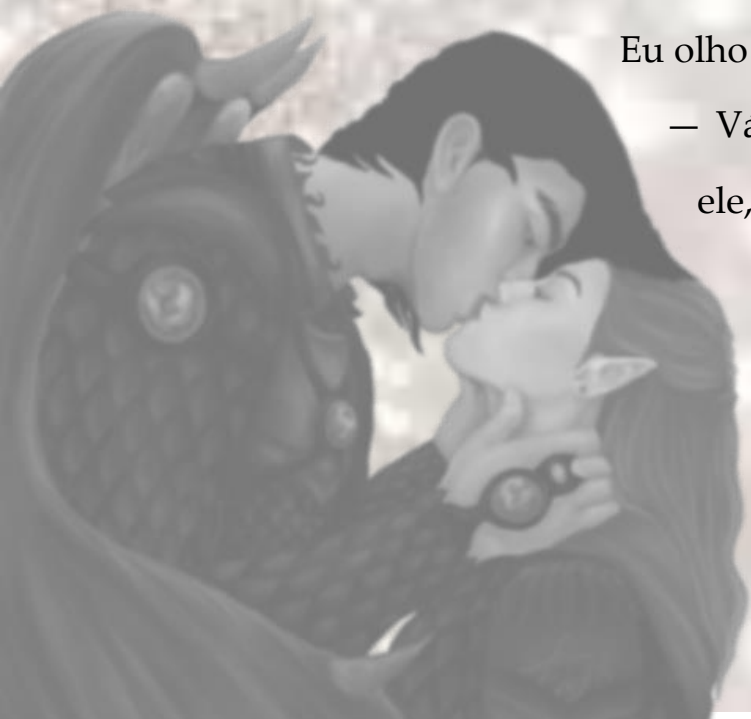
Eu franzo a testa. Eu não sou seu irmão. Meus irmãos estão em covas
rasas no Reino da Noite, e eu enterrei o último membro da minha
família um dia atrás.

Eu olho a caneca que ele passou para mim.

— Vá em frente, você pode beber, — diz
ele, me bajulando.

— O que você quer? — Eu pergunto.

Vale se recosta em seu assento, a
cadeira de madeira rangendo. —
Companhia.





Eu pego a caneca de cerveja que comprei. — Se é companhia o que você quer, então você devia ter feito a Kaelie sua oferta.

Ele solta uma risada áspera. — Sim, se eu aceitasse a oferta de Kaelie, eu estaria coçando minhas bolas por semanas e rezando para os deuses antigos por libertação. — Ele empurra a caneca na minha direção um pouco mais. — Beba.

Meus olhos se voltam para ele. Eu não sou um bebê; sei o suficiente sobre barganha para saber que no momento em que tomar um gole, estarei em dívida com este homem.

Eu empurro a caneca de volta para ele.

Inclinando-se para frente, ele empurra de volta. — Eu tenho uma coisa para você, — diz ele.

— Agora você está me propondo? — Eu pergunto, minhas sobancelhas se levantando novamente.

— Você entende rápido, — diz Vale. — Isso é bom - muito bom. Escute, eu já vi o seu tipo, e sei que de onde quer que seja sua casa, você não pode voltar para ela.

Eu fico um pouco tenso, repetindo meus últimos momentos e da vida de minha mãe. Meu olhar aguça em Vale; Eu estou nervoso com o quão bem ele pode me ler.





Eu sei que você precisa de dinheiro, — acrescenta ele. — Eu quero te ajudar.

Deslizo minha caneca de um lado para o outro, passando de um lado para o outro na mesa pegajosa.

— Ninguém quer me ajudar, — eu digo. — Se você me conhecesse melhor, você entenderia isso.

Vale olha em volta e limpa a garganta. — Tudo bem, “não me toque,” vou ser direto, — diz ele, baixando a voz: — Eu posso te dar um emprego altamente ilegal, que envolve a movimentação de mercadorias. Você será bem pago, — diz ele.

Finalmente, alguma verdade.

— Você está interessado? — Pergunta ele.

Minhas mãos ainda mexendo a minha caneca. Eu olho para a minha bebida agora vazia, tentando adivinhar minhas opções. Mas eu não as tenho. E se era para quebrar as leis do Rei das Sombras, eu podia fazer isso.

Eu olho para Vale. — Talvez.





Há 254 anos

Duas horas depois, Vale me leva a uma mansão na rua do pub. A casa está situada ao longo da borda da ilha, a parte de trás voltada para o céu noturno.

— Somos conhecidos por estas bandas como os Anjos da Pequena Morte - ou a Irmandade, — ele explica para mim. — Somos um bando de homens que podem levar as boas pessoas do Reino Noturno certas amenidades que de outra forma, poderiam não conseguir encontrar. E esta é a nossa sede. — Ele gesticula para a casa à nossa frente.

Eu olho para a casa, suas paredes cobertas de trepadeiras se elevando acima de mim, o ar quente da noite agitando as poças rasas de água. Vale me mostra por fora da mansão por mais tempo do que o necessário, me deixando absorver a impressionante riqueza ao meu redor. Eu olho para ele, meu rosto impassível. Todos aqueles anos de

controle que minha mãe me fez ter agora estão se tornando úteis. Porque estou impressionado - impressionado e fora da minha realidade.

Sou apenas um pobre garoto de Arestys, cuja a única exposição a outro mundo foi através dos livros de





minha mãe. E até alguns dias atrás, eu não era ninguém.

Vale me leva para dentro da casa. No interior, os quartos são ostensivos. Cada superfície é coberta de neve, pedra opulentas e esculpida em desenhos intrincados.

Perto do teto, pequenos pontos de luz brilham da escuridão. Nuvens em miniatura rolam entre elas, passando por uma pequena lua que está quase cheia. É óbvio que o topo da sala foi planejado para parecer um sonho. Só esse encantamento teve que custar uma fortuna.

À medida que passeamos pela casa, passamos por várias mulheres vestidas com roupas e correntes douradas que se reclinavam silenciosamente nos sofás.

Eu paro quando noto suas orelhas.

Vale dá mais alguns passos antes de perceber que não estou seguindo.

Eu ainda estou olhando para as mulheres. Seus olhos languidamente se movem para mim, mas elas não se movem.

— Elas são...

— Humanas — Vale acaba para mim, vindo para o meu lado. Eu

posso sentir seus olhos gananciosos em mim, sentindo uma abertura. — Você já experimentou carne humana? — Ele pergunta.

Claro que não. Eu nunca vi um humano; Eu só ouvi falar deles. Em





Arestys, todo mundo é pobre demais para possuir escravos. Mas não em Barbos.

Disseram-me que os humanos eram coisas grosseiras e feias, mas essas mulheres não parecem tão diferentes das mulheres faes. Elas usam grossas faixas de ouro em torno de seus pescoços, pulsos e tornozelos, os punhos todos ligados por grossas correntes de ouro. Eu assumi que as correntes eram adornos na moda, mas agora eu percebo que elas são algemas. As mulheres parecem como eu me senti a minha vida inteira. Mas é mais do que a aparência. Seus olhos tristes puxam essa parte de luto de mim. Eu entendo suas expressões, como se tivessem perdido algo precioso.

Vale me dá tapinhas nas costas. — Venha.

Meu intestino está torcendo. Eu não quero deixar essas mulheres, mesmo sabendo que não posso salvá-las. Eu não pude salvar minha mãe, e tenho certeza que merda nenhuma pode me salvar.

Relutantemente, eu sigo Vale saindo da sala.

Um minuto depois, entramos em uma grande sala feita principalmente de uma pedra escura atravessada por fios de ouro. A luz brilha vagamente nas janelas ao longo das paredes. Estendendo-se à nossa frente estão várias piscinas cheias de água brilhante. A luz dela dança ao longo das paredes.





O ar é pesado com vapor e magia; está pendurado em fitas enevoadas por todo o quarto e se aninha em meus pulmões.

— É importado da Lephys, — diz Vale.

— O que é?

— A água. — Ele acena para o líquido luminoso.

Eu sigo o olhar dele. Vários casais nus estão emaranhados sugestivamente nas águas, muitos com suas asas expostas.

Eu olho afasto o olhar.

— Nunca viu faes no cio? — Vale pergunta, seus olhos pegando cada movimento meu.

Eu forço meu rosto a ficar com alguma expressão branda. Em Arestys, eu era esperto. Aqui sou um ignorante, um Arestiano sem exposição ao mundo exterior. Eu odeio isso. Passei anos me educando sobre o Outro Mundo, tudo para evitar situações como esta. Tudo foi esforço desperdiçado.

Os lábios de Vale se esticam em um sorriso. — Nós sempre podemos mudar isso, meu irmão. Você descobrirá que nessa linha de negócios, nunca perderá parceiros - dispostos ou então.

Ou então? Minha pele se arrepia. Isso não é um parceiro, é um refém.

O sorriso de Vale desaparece e ele me conduz pelo caminho de mármore que corta duas das piscinas.





No outro extremo da sala está a maior piscina e está cheia com um homem e dezenas de mulheres. O longo cabelo preto do homem é trançado e equipado com ornamentos de joias.

...Pirata...

Ele se inclina ao longo da borda da piscina, enquanto as mulheres se aproximam dele.

Meu olhar se move de uma mulher para outra. Algumas têm pescoço nu e orelhas pontudas, enquanto outras têm orelhas arredondadas, com gargantas presas. Mais escravos.

Preguiçosamente, os olhos do homem deslizam das mulheres para nós.

— Do que se trata isso? — Ele pergunta, me estudando.

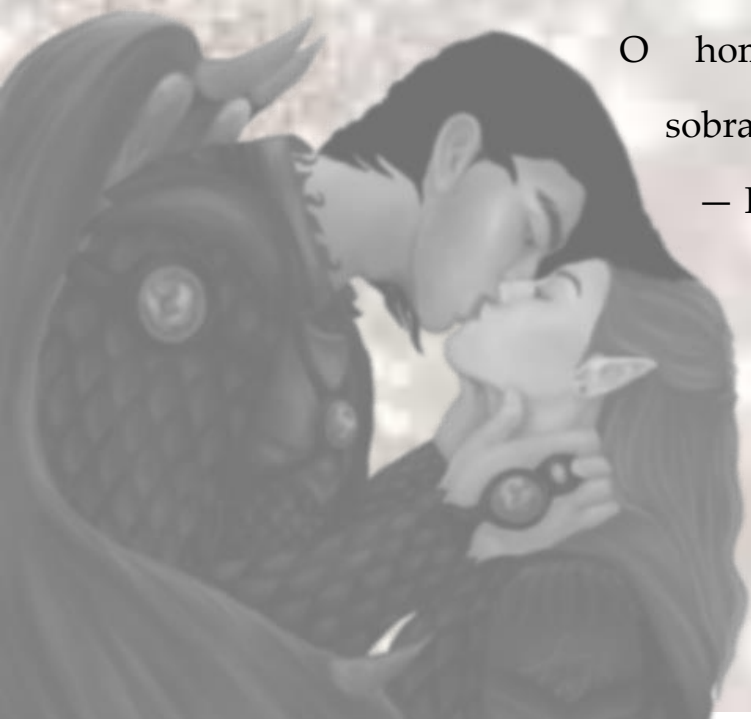
— Hermio, — diz Vale, inclinando a cabeça. — Eu encontrei nosso mais novo recruta.

Eu estreito meu olhar em Vale, irritado. — Eu não concordei com nada, — eu digo, minha atenção se movendo dele para Hermio, o homem na piscina.

O homem na piscina levanta uma sobrancelha. — Onde você o encontrou?

— Pergunta ele a Vale.

— Taverna do Dragão Morto. Ele estava com suas últimas economias. Minha atenção desliza para a Vale. Ele estava me observando?





— Mmmm... — Hermio franze os lábios, me olhando, — ele vai servir. Leve ele para se equipar e ficar corretamente quebrado. Eu quero ele no próximo trabalho.

Corretamente quebrado? Eles estão falando como se eu nem estivesse presente! Muitas coisas ruins acontecem e...

A mão de Vale envolve meu braço e ele tenta me afastar. O toque é proprietário, como se eu já fosse o seu subordinado.

Eu não vou ser massa de manobra de ninguém, e eu não estou fodidamente caindo nessa linha.

Eu tiro as mãos do fae. — Eu não estou interessado, — eu digo.

Uma mulher humana desliza até Hermio e começa a acariciar seus cabelos. Ele inclina a cabeça para trás e fecha os olhos. — Vale não explicou os termos de sua vinda aqui? — Ele pergunta.

Olho para Vale, cujo rosto é inexpressivo, mas não digo nada.

A mulher mortal olha para mim das águas brilhantes, seus olhos ocos. Não há nada por trás deles - sem medo, sem amor, sem ódio. Ela é uma nave vazia, desprovida de sonhos e desejos.

A visão é tão perturbadora que eu libero um pouco da minha magia, me alimento a escuridão e faço minhas perguntas as sombras. *...Roubados da terra...*

...Vendidas como escravos...

...Sua fortuna foi construída sobre as vidas dos escravos...





Suas respostas me enojam.

É claro que eu sabia que os mortais eram traficados aqui, mas esse conhecimento estava tão distante da minha existência. Agora, tão logo após a morte de minha mãe, ao ver essas mulheres escravizadas e sem esperanças, me lembro da infância que passei.

Minha magia surge através de mim, convocada pela minha indignação. Minha vida até agora foi arruinada por homens como Hermio, que usavam seu poder para esmagar os que estão abaixo deles. Por que os fortes sempre devem ferir os fracos?

Os olhos de Vale estão em mim, absorvendo cada reação minha. Eu tenho que apertar minhas emoções.

— Aqueles que são convidados aqui, — diz Hermio, — ou deixam nossas portas como irmãos, ou não saem de jeito nenhum.

A magia na sala se eleva e, de repente, sinto dezenas de olhos em mim do outro lado da sala, e sinto a lambida de magia hostil nas minhas costas. Estou sendo ameaçado em uma sala cheia de faes sem lei.

Minha raiva e dor se agitam dentro de mim.

Nunca serei fraco novamente.

Dando a Hermio e suas mulheres um último olhar superficial, eu me viro e volto pelo corredor, em direção à saída. De cada lado meu, faes assistem preguiçosamente.





As portas à minha frente se fecham, as grossas barras de madeira caindo pesadamente para bloqueá-las ainda mais.

Eu paro no meu caminho.

Eu olho para trás por cima do ombro para Hermio. — Abra as portas.

O canto da boca dele se levanta. — Um garoto sem dinheiro, deixe-me adivinhar... — seus olhos passam por mim, — Arestys, julgando pelo olhar desesperado de sua roupa, acha que pode me desafiar?

Muitas das outras faes na sala estão saindo da piscina, suas asas sacudidas agitadamente.

Raiva e ansiedade constroem sob minha pele. Meu poder começa a vazar de mim e a sala já escura começa a escurecer.

— Sim...

Hermio inclina a cabeça. — Agora o que é isso? O pobre mendigo tem um pouco de magia com ele. — Ele chia a língua. — Que desperdício, você vai morrer.

Minha magia atinge uma das luzes de faes acesas acima de nós. Pulsa uma vez, depois escurece na escuridão enquanto as sombras engolem isto.

...Mais...

Outra luz de fae cintila antes de apagar.

Hermio acena com a mão, e seus homens tomam isso como uma





sugestão. Eles se movem em minha direção, sua magia ondulando em sua pele.

— Não o mate imediatamente, — diz Hermio, levantando o canto da boca enquanto ele me olha. —

Porque ele é jovem e tolo, estou disposto a deixá-lo reconsiderar minha oferta - depois que ele ganhar uma lição, é claro. Minhas mãos começam a tremer quando os faes se aproximam de mim. Alguns deles notam, e eles me mostram sorrisos ameaçadores. Eles acham que eu tenho medo deles. Tolos. Tenho medo das minhas próprias capacidades. Minha mãe me ensinou como controlar minha magia, não como usá-la. Pelo que sei, pode falhar ou funcionar muito bem. Será um lance de sorte.

O primeiro dos homens de Hermio me alcança, agarrando meu braço. Tarde demais para preocupações agora.

Eu fecho meus olhos, inclino minha cabeça para trás e libero minha magia.

É a coisa mais fácil do mundo. Não, é mais que isso. Está soltando quando você está segurando. Eu quase suspiro quando a minha magia sai de dentro de mim.

Doce alívio.

O fae que agarra meu braço é o primeiro a ser atingido por ela. Ele não tem tempo para gritar quando meu poder sombrio corre sobre ele. Ele o arranca de mim e o derruba no chão





antes de engoli-lo. Minha magia continua, se movendo como uma onda e descendo sobre os faes ao meu redor. Poucos têm tempo para gritar antes que minhas sombras os devorem. Uma parte distante de mim pode sentir seus ossos se quebrando, seus corpos se desintegrando, sua magia alimentando a escuridão crescente.

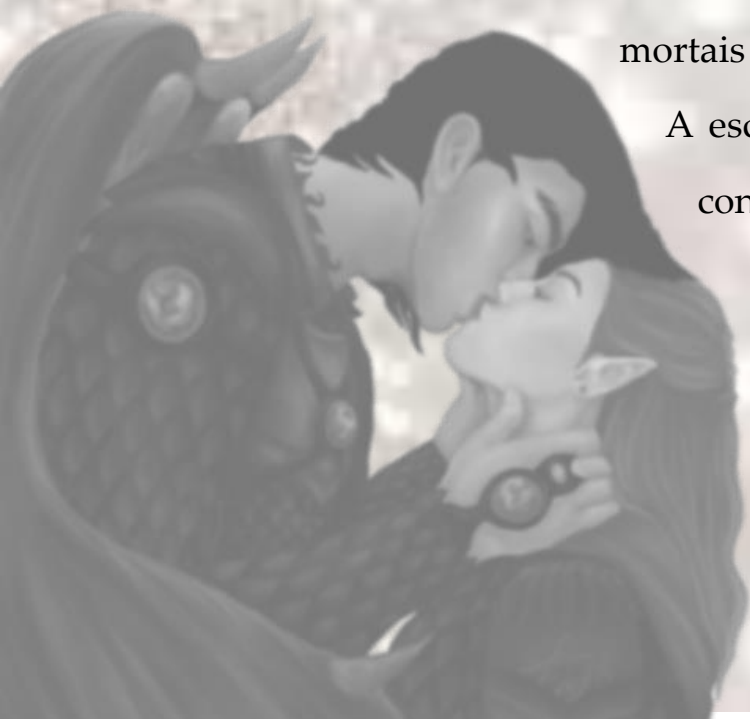
Alguns faes são corajosos o suficiente para jogar sua magia em mim, e eu posso dizer pela força que eles estão fazendo que eles estão dando tudo o que podem. Elas se dissolvem inutilmente contra a parede da minha própria magia.

Os homens e mulheres que ainda permanecem na água - presumivelmente aquelas pessoas que estão aqui mais como entretenimento do que como músculos - agora fogem da piscina, se movendo para o fundo da sala onde Hermio está, seus corpos nus brilhando com gotículas de água brilhante.

Não os escravos, suplico a minha magia.

Surpreendentemente, faz o que eu peço, se separando em torno dos mortais enquanto coloca cerco a todo o resto.

A escuridão extingue as luzes dos faes e consome a iluminação vinda das piscinas. Vale tem apenas um instante para olhar aterrorizado, e então dele só sobra pó de fae e resíduo mágico.





Finalmente, as sombras se aproximam de Hermio. O líder da Irmandade não parece tão assustador quando ele sai da piscina, se virando apenas para explodir seu poder em mim.

Eu estou realmente impressionado quando um tremor para minhas sombras por um segundo. Não é o suficiente para dominar minha magia, mas é o suficiente para encorajar o chefe. Hermio lança onda após onda em mim, cada uma mais fraca que a anterior.

Eu ando em direção a ele, coberto em minhas sombras.

Ele se agacha no fundo da sala, nu como no dia em que nasceu. — Por favor não, — ele implora.

A escuridão o quer; eles estão praticamente salivando por essa carne poderosa. Há magia por baixo da pele dele e eles querem tocá-lo, prová-lo, alimentá-lo.

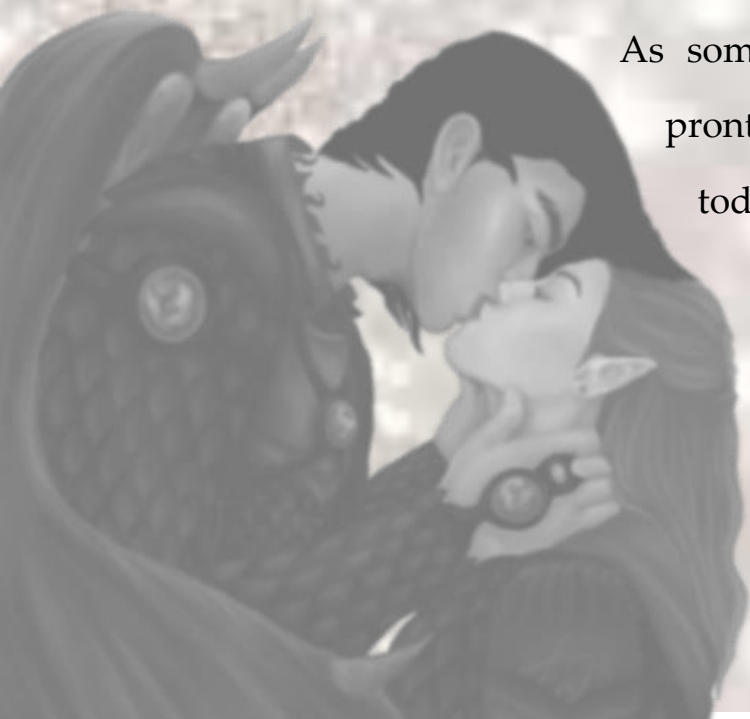
Minhas sombras aglomeram em Hermio por todos os lados, o engolindo. Ele começa a gritar - um som agudo, quase feminino - e então acaba prematuramente.

A escuridão é voraz, rasgando o fae em segundos. Não é suficiente.

As sombras sondam as saídas, não estão prontas para parar. Elas escorrem por todas as rachaduras e fendas que podem encontrar.

É demais, o poder saindo de mim.

Meu abraço está escorregando em





minha própria magia negra, e não consigo parar da maneira que fiz em Arestys; não está me deixando.

...Mais, mais, mais...

...Deixe-nos livre...

— Não, — eu sussurro, começando a suar enquanto eu luto para trazer meu poder de volta. A escuridão sopra as portas gradeadas das dobradiças. À distância, ouço gritos surpresos.

— Não, — eu digo de novo, meu corpo tremendo com o esforço.

— Pare.

As sombras explodem uma na outra pela porta escondida no fundo da sala.

Um fio de suor escorre pela minha bochecha. — Pare. -

A escuridão entra nas salas ao redor e os gritos começam a se formar. Se eu não parar agora, não serei um fae que exerce magia; Eu serei a magia que controla um fae.

Controle-se, Desmond!

— Pare! — Eu grito.

A escuridão se congela. Então, de repente, ele corre de volta para o meu corpo, batendo contra mim como um leviatã.

Eu caio de joelhos, sufocando com a magia.

No momento em que recupero meu folego a escuridão desaparece.





Tudo o que resta dos habitantes da casa de banhos são pilhas de cinzas brilhantes onde os faes se encontravam e uma dúzia de mortais.

Lentamente, os escravos levantam suas cabeças, me observando, seus corpos tremendo.

Vários fae de quartos próximos correm para dentro. Quando me vêem, eles param seus passos, seus olhos absorvem tudo. Se eles quiserem me matar, eu não tenho certeza neste momento se eu poderei detê-los. Mas eles não tentam me matar. Em vez disso, um por um, dobram os joelhos e inclinam a cabeça.

Eu olho para eles com pouca quantidade de admiração e medo.

... Eles respeitam o poder...

E de repente, o garoto impotente de Arestys não é mais impotente.





CAPÍTULO QUATRO

Um Companheiro Mortal

Há 252 anos

Eu olho para minha primeira tatuagem sob as luzes brilhantes e coloridas de um dos pubs mais sórdidos de Barbos. O anjo olha para baixo do meu braço, sua expressão fica num algum lugar entre triste e sereno.

Neste exato momento meu humor ecoa o dela. Eu esfrego meus olhos. — Então você é oficialmente um irmão agora? — Gladia, a garçonete que trabalha aqui, desliza uma cerveja para mim, olhando para a tinta.

Eu oficialmente tenho sido por dois anos agora, mas fazer uma tatuagem é como se casar com a organização. Minha pele agora é uma prova de minha lealdade, para melhor ou para pior.

E eu não tenho certeza de como me sinto sobre isso.

Mais do que nunca sinto a minha vingança...

— Onde estão seus irmãos? — A garçonete pergunta.

Chacoalhando um dos oficiais do rei.

Eu me inclino para frente. — Eu poderia dizer a você, — meus olhos caem para os lábios de Gladia, — mas então isso custaria alguma coisa.

Os olhos dela aquecem. — Estou disposta a pagar...





Uma hora depois, estou de calças baixas. Abaixo de nós, posso ouvir os sons abafados do bar.

Gladia apoia a cabeça nos travesseiros. — Indo tão cedo, Eurion?

Já faz dois anos desde que eu adotei um nome falso - melhor para despistar meu pai -, mas às vezes ainda me esqueço de que sou Eurion Nova e não Desmond Flynn.

Gladia me agarra, e endureço tentando me livrar de seu toque.

— Eu preciso ir.

Precisar pode não ser a palavra certa, mas as mulheres que eu deito nem sempre querem ouvir a verdade. Como o fato de que Gladia é nada mais que um corpo quente. Ou que não pensarei nela de novo até a próxima vez que a ver.

Eu posso não ser mais um bastardo pelo nome, mas eu sou um bastardo por ação.

— Você cheira a cerveja e sexo, — Malaki diz quando eu entro na mansão mais tarde naquela noite.

Ele vê minha manga e assobia. — Você fez uma tatuagem. — Não é exatamente uma acusação, mas poderia ser.

Nós tínhamos planejado fazer juntos.

No final, como tudo na minha vida, eu faço sozinho.

Phaedron atravessa a sala, com os olhos fixos nos meus. — Onde em todos os reinos você esteve? — Ele





diz quando me vê. — Eu precisei de você uma hora atrás. — Seu nariz enruga. — Você cheira a mulher, — ele rosna. — É isso que você tem feito enquanto seus irmãos esperavam por você? Molhar seu pau?

— Eu precisava de algum tempo para pensar.

— Enfiando as bolas em alguma fêmea? — Phaedron rosna. — Se você tomou a esposa de outro lorde, eu juro aos deuses que não vou socorrer você desta vez. Vou deixá-los pegar sua cabeça.

Não tenho certeza se me importaria.

Quando suas palavras não provocam nenhuma reação minha, ele suspira. — Você e Malaki, tragam suas bundas para Memnos. Precisamos transferir nossas remessas de água amaldiçoada nas próximas dez horas ou o acordo acaba.

Quinze minutos depois, depois de me enxaguar, Malaki e eu saímos da mansão juntos.

— Você não precisava esperar por mim, — digo rispidamente.

— O que eu devo fazer, deixar você entrar em apuros sozinho?

Eu solto um sorriso.

Nós dois estamos quietos por um minuto.

Então... — Por que você aguenta a merda de Phaedron? — pergunta Malaki.

— Ele é o chefe, — digo simplesmente.





— Só porque você não tomou o lugar de Hermio naquela noite, — Malaki diz cuidadosamente. Aquela noite.

As sombras, os gritos, a poeira de fae que ficou para trás.

Eu recebo a lembrança e olho para o meu amigo, realmente olho para ele. Demorou dois anos para Malaki, mas ele finalmente decidiu abordar este assunto.

— Você acha que eu deveria ter tomado, — afirmo.

Meu amigo me dá um olhar incrédulo. — Claro que acho que você deveria. Não se ofenda, Eurion, mas por que mais você está aqui? Você matou o líder anterior da irmandade. Os faes só fazem isso quando querem assumir o estabelecimento - ou terminá-lo. Mas você não fez nada disso. Em vez disso, você deu a posição a Phaedron e se tornou apenas mais um rapaz de recados. Por quê?

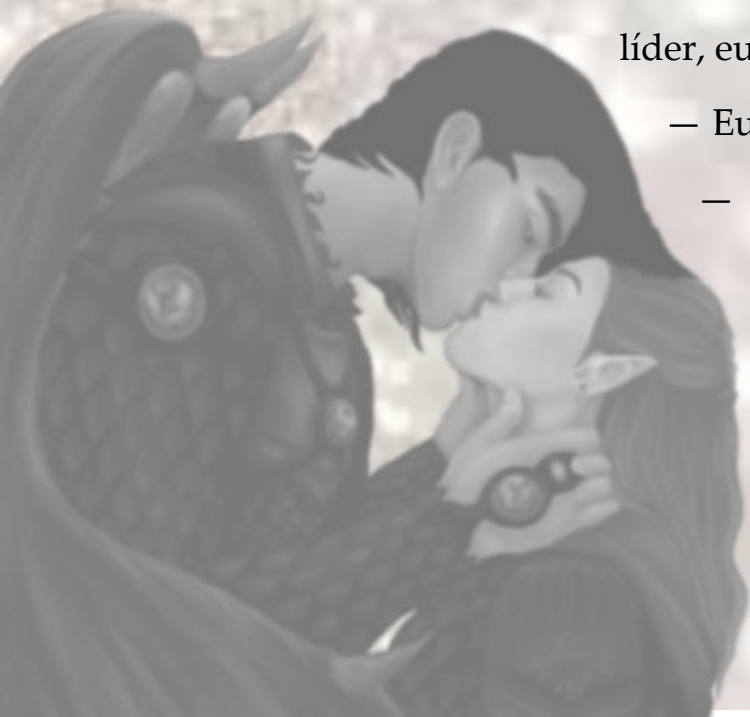
Porque eu estive abaixo de outras faes toda a minha vida, e de repente eu estava acima delas quando queria simplesmente ser um deles.

— Por que não? — Eu respondo.

Malaki sacode a cabeça. — Se eu tivesse recebido a chance de ser um líder, eu teria aceitado.

— Eu consegui o que queria, — eu digo.

— Parando o comércio de pele em Barbos? Você também poderia ter feito isso como líder - e você percebe que tudo o que você fez foi dado aos nossos rivais, — ele responde. —





Lembre-se que eu posso ver o que tem nas cabeças deles quando eles dormem.

Eu olho fixamente à nossa frente. — Você olhou a minha?

Se ele tivesse, ele descobriria quase todos os meus malditos segredos. Meus sonhos gostam de desfilar meus segredos em minha mente.

Malaki me olha de volta. — Você sabe que eu não fiz. — Ele parece ferido pela minha pergunta.

Eu sacudo minha cabeça. — Se você tivesse, você entenderia. — Se eu fosse sobreviver no reino de meu pai, eu teria que permanecer anônimo. Isso não significava ter papéis de liderança, grandes gestos de poder, ações valentes. Tudo o que eu precisava era ficar nas sombras e planejar minha vingança.

— Qual é o problema com você hoje? — Malaki pergunta, analisando meu rosto.

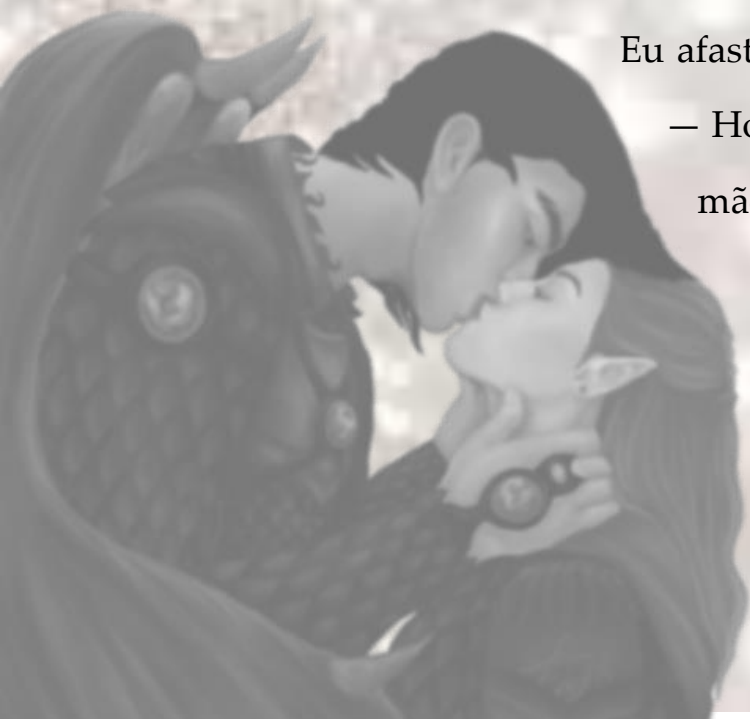
Eu olho para ele. Todos que me conhecem entendem que não compartilho muito de mim.

Eu afasto meus olhos para olhar para longe.

— Hoje é o aniversário da morte da minha mãe.

Uma batida passa, então Malaki diz:

— Merda. Eu sinto muito. Eu não sabia.





Eu olho ao longe. — Nada para se desculpar.

E com isso, eu voei para o céu, minhas asas sob encanto para parecerem com as de uma mariposa cinzenta.

Só muito depois, depois de termos transferido vários caixotes das águas amaldiçoadas de Memnos para a Terra e voltado à Terra dos Pesadelos, Malaki e eu temos outra chance de conversar sozinhos. Nós atravessamos as ruas de Memnos, as florestas da ilha pressionando por todos os lados. Líquido escuro desliza pela estrada de paralelepípedos. Eu posso sentir os olhares de dezenas de criaturas que se encobrem na escuridão.

— Quer ficar aqui um pouco mais? — Pergunta Malaki. Estes são velhos lugares para ele. Ele morava em Phyllia, a ilha irmã de Memnos, mas de tudo que ele me contou, ele passou a maior parte do tempo aqui, correndo com monstros. — Podemos ir para Phyllia, — continua ele, — onde as mulheres trocam de rosto e a cerveja nunca para de fluir.

Eu não estou com vontade de ficar, nem estou tão interessado em cerveja ou mulheres - apesar das atividades anteriores do dia.

Malaki me cutuca com o braço. — Vamos, Eurion. Você não está no momento para ficar sozinho.





Ele tem razão. Se eu fizesse do meu jeito, eu me sentaria na cidade e pensaria em todas as maneiras que eu poderia matar meu pai.

Uma risada baixa vem da folhagem densa à minha esquerda. — Malaki Phantasia, — uma criatura sai da escuridão, — já faz algum tempo.

Olho para o hobgoblin¹, com o nariz pontudo, queixo pontudo e as fileiras de dentes pontiagudos que encham a boca.

— Bom camarada, — diz Malaki, se aproximando do homem com um sorriso. Os dois apertam as mãos. — Eu pensei que você tivesse se mudado para a terra.

— Eu tinha. — O hobgoblin me olha. — Uma bruxa me baniu de lá depois que eu comi o familiar dela. — Ele mostra os dentes.

Malaki sacode a cabeça. — De toda a sorte... — Os dois homens conversam e, enquanto fazem isso, saio pela estrada de paralelepípedos, entrando na floresta. Há coisas que se escondem nas selvas aqui, coisas que até os faes têm medo.

Eu não me importo muito.

Eu me movo mais profundo na floresta.

Duendes escuros brilham com cores vermelhas e violetas; eles se empoleiram em galhos, me observando. Eu os

1

É um duende com forma macabra.





ouço escorregar sobre as folhas mortas e o uivo das bestas avisando que era melhor deixá-los em paz.

Eu ouvi tantas histórias para ter cuidado e ficar longe da floresta, mas agora eu não tenho isso em mim para temer este lugar.

De onde estou, os altares são quase invisíveis, cobertos pela densa folhagem que se alimenta avidamente da escuridão.

Eu quase posso fingir que o dossel acima de mim é o teto arqueado da minha casa na caverna. E que os gritos assombrados das diabas da morte e fantasmas quase posso imaginar que são os suspiros cansados da minha mãe.

— Ela foi corajosa, escondendo você desse jeito.

Minha cabeça gira ao redor.

De pé entre as árvores retorcidas está uma linda mulher, com os cabelos prateados pendurados em espirais até a cintura.

— Sua mãe, — acrescenta ela.

Eu franzo minhas sobrancelhas, me inclinando um pouco para trás.

Não é inteligente confiar nas coisas que habitam as florestas de Memnos. Coisas especialmente belas e terríveis.

Ela sorri, andando em minha direção através do mato.

— Quem é você? — Eu pergunto, meus olhos passando por ela.





Ela estala a língua. — Desmond Flynn, você sabe melhor do que a maioria que se você quer respostas, você tem que primeiro pagar.

Como ela sabe meu nome verdadeiro?

Ela sabe muitas coisas...

Ela estende a mão para segurar minha bochecha. Eu fico olhando para ela, sem saber se devo me virar e ir, ou ficar e ouvir o que ela tem a dizer.

Ela não me dá uma escolha.

Eu sinto uma pequena picada de dor quando uma das suas unhas afiadas corta a pele acima da minha mandíbula. Eu empurro a mão dela enquanto ela pressiona o polegar contra o corte.

Ela ri, o som soa como sinos, quando ela se afasta de mim. Algumas gotas do meu sangue cobrem o polegar. Ela esfrega entre os dedos, em seguida, desliza o dedo sangrento ao longo de sua língua.

— Mmm, — diz ela, fechando brevemente os olhos. — Isso é incomum.

Eu respiro sua magia.

Algum tipo de profetisa.

Seus olhos se abrem. — Talvez eu devesse chamar você de Desmond Nyx, herdeiro do trono da Noite, o filho que deveria ter morrido.





Instintivamente, minha mão se move para o punhal na minha cintura.

Seus lábios se curvam. — Eu não deveria saber disso? — Ela coloca um dedo na boca, estalando duas vezes. — Tudo bem, Eurion Nova, bastardo filho da puta, você é um nada e um ninguém que não fará nada com a sua vida e terá uma escrava como alma gêmea. É isso que você quer ouvir?

Alma gêmea de... Uma escrava?

Não. Pelos deuses, *não*.

— Você mente, — eu digo.

A mulher fae inclina a cabeça. — Sobre o quê? Sua mãe ser uma puta?

Ou você ser um bastardo?

— Eu não tenho uma alma gêmea. — Fae ou não.

— Oh, isso. — Seus olhos passam por mim e ela sorri. — Eu pensei que você ficaria feliz em ouvir que você tem uma companheira. Nem todos os faes tem, você sabe.

Meu estômago se fecha com a possibilidade. Pode um fae *ser* casado com um humano?

Ela deve estar mentindo.

A mulher me estuda, sua expressão satisfeita crescendo. — Então o poderoso Desmond Flynn está bem libertando escravos, mas não se casando com um? — Ela diz. — Muito hipócrita





para o homem que foi criado sem poder e sem dinheiro.

Eu provo um pouco de bÍlis em minha garganta.

— Você mente, — eu repito, minha voz rouca.

Ela me dá um olhar de pena. — Oh meu senhor, antes fosse.

O que esta mulher diz é loucura.

— Eu não sou um senhor, — eu respondo, engolindo.

Eu nunca me deitei com uma escrava. Para tomar uma como minha esposa, minha alma gêmea...

— Certo, — diz ela com sarcasmo, — você é um bastardo. Eu esqueço, ainda estamos fingindo.

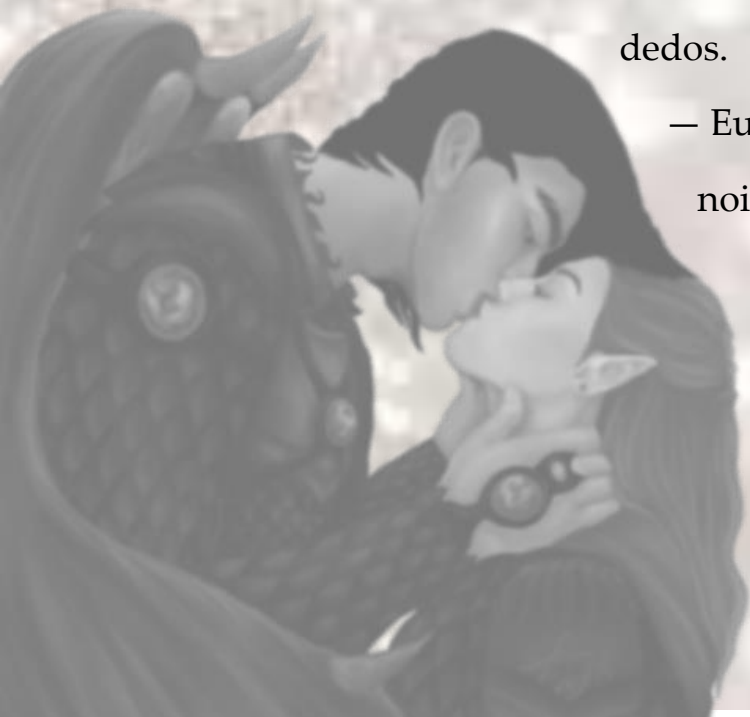
Eu a olho quando ela começa a me circular.

Merda, ela poderia estar dizendo a verdade? Ela sabe outras coisas sobre mim.

Se o que ela diz é verdade, estou destinado ao sofrimento. Mesmo analisando o passado de como os humanos podem ser grosseiros e mesquinhos, ainda há uma expectativa de vida insignificante para eles. Uma vida mortal pode começar e terminar num estalar dos meus dedos.

— Eurion? — A voz de Malaki soa no ar da noite.

Eu fecho meus olhos. Este momento, que eu assumi que não poderia ficar pior, acabou de acontecer.





Eu olho por cima do meu ombro. Malaki está a vários metros atrás de mim, olhando entre mim e a mulher fae.

A mulher levanta as sobrancelhas. — Meu Senhor tem amigos? Meu, você percorreu um longo caminho desde seu começo humilde. Pena que ele nem sabe o seu verdadeiro nome. Difícil manter uma amizade quando é construída sobre mentiras. Malaki avança. — Deixe-nos, moça.

Ela não se move. Em vez disso, ela lambe o resto do meu sangue do dedo. Suas pálpebras se fecham.

— Oh, que futuro espera por você! — Ela diz, seus olhos correndo para frente e para trás sob suas pálpebras. De repente, eles se abrem.

— Eu diria o resto, mas onde está a graça de viver se você já sabe como tudo termina?

Ela começa a recuar para a folhagem. — Filho de Galleghar Nyx, você vai precisar de mais do que pura fúria para matar seu pai. Junte-se à guarda real. Encontre seu valor. O que você procura está do outro lado disso. Talvez então um tipo diferente de governante reine sobre o Reino da Noite.

— Oh, e seja gentil com a sua querida companheira humana. Você realmente não a merece.

A profetisa desaparece nas árvores e agora estou com a bagunça que ela fez.





Vários segundos passam em silêncio.

— Galleghar Nyx... É seu pai? — Malaki finalmente diz.

Eu deveria fugir? Devo matar meu melhor amigo, meu irmão?

Assim que o pensamento passa pela minha cabeça, sinto a vergonha passar por mim. Eu não sou meu pai, que mata seus inimigos no momento em que ele se sente ameaçado.

Mentir sempre funciona.

Eu organizo a desculpa que pretendo dizer. A mentira já amarga e eu nem comecei a falar.

Meus olhos encontram os de Malaki e eu simplesmente... Não posso. Não esta noite, no aniversário da morte da minha mãe. Eu não tenho muita luta em mim. Eu não tenho nem duas décadas e me sinto tão cansado quanto os antigos.

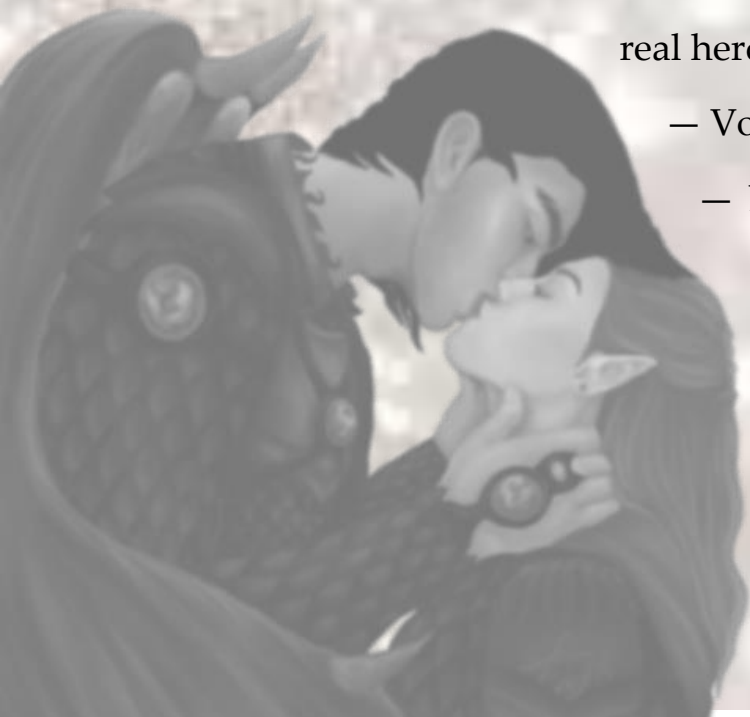
Em vez de respondê-lo, abro as minhas asas, dissolvendo o encantamento que normalmente as envolve. Malaki cambaleia para trás, com os olhos paralisados em minhas asas, asas que só a linhagem real herda.

— Você escapou do assassinato em massa?

— Ele pergunta, seu olhar encontrando o meu.

Tão longe.

— Minha mãe e eu vivíamos escondidos, — explico. — Meu pai





não sabia da minha existência até pouco mais de dois anos atrás. Ele nos encontrou alguns dias antes de eu me juntar à Irmandade.

Os olhos de Malaki brilham com compreensão.

Galleghar visita, mãe morre, filho foge. É bastante fácil juntar tudo.

— Você sobreviveu a um encontro com o Rei das Sombras? — Ele diz, surpreso.

Eu molhei meus lábios secos e acenei.

Malaki pragueja. — Essa informação poderia matá-lo, poderia me matar. — Ou poderia torná-lo rico — muito, muito rico. E homens como meus irmãos... A única coisa que eles amam mais que seus camaradas é o dinheiro.

Ele esfrega o rosto com uma mão escura e bronzeada. — Deuses. — Ele leva a mão para o seu punhal no coldre.

Meu poder se agita enquanto olho para a lâmina de Malaki. É por isso que minha mãe me ensinou a guardar meus segredos para o meu maldito eu.

Mas em vez de me atacar, Malaki pressiona a outra mão contra a adaga e corta a palma da mão com a lâmina. Imediatamente o cheiro de sangue enche o ar. Com o punho sangrando, Malaki deixa o líquido vermelho escorrer no chão. Ele me olha intensamente. — Eu





juro pelos Deuses Imortais que, enquanto você pedir, o seu segredo não vai sair dos meus lábios. O ar brilha com magia, e então ele implode, se sugando para dentro da ferida exposta de Malaki e o ligando ao seu juramento.

Leva vários segundos para eu encontrar minha voz.

— Por que você fez isso? — Eu finalmente pergunto, chocado.

Ele puxa um lenço do bolso e o pressiona na ferida. — Além de ser seu amigo? — Ele diz, como se isso fosse suficiente. Ele me olha. — Você já considerou o fato de que você pode não ser a única pessoa que quer o Rei da Noite morto? — Malaki coloca o lenço no bolso da calça. — O rei tirano não fodeu somente com a sua vida.

Eu analiso o rosto de Malaki, imaginando o que meu pai fez para ganhar a ira de meu amigo.

— Eurion - ou seja qual for o seu nome realmente - eu não vou entregá-lo ao rei, — diz ele. — Eu quero que você cumpra as palavras daquela mulher e mate o Rei da Noite - e eu quero ajudar.





CAPÍTULO CINCO

Faça guerra, não amor

Há 239 anos

— Esta é uma ideia mais estúpida, — diz Malaki quando aterrissamos em Somnia.

Eu dobro minhas asas camufladas e olho ao redor da capital do Reino da Noite.

Malaki faz careta quando um soldado da noite nos passa. — Nós chacoalhamos os caras, não nos juntamos a eles.

É verdade. Ao longo dos anos, a guarda real se tornou prática de alvos dos Anjos da Pequena Morte. Se não acabamos com eles, então estamos comprando informações de vira-casacas ou os persuadindo.

— Eu não estou planejando manter a paz do rei. — Eu digo a última palavra como a farsa que é.

Neste momento o rei não está procurando por soldados dispostos a incendiar aldeias que abrigam traidores. Ele quer faes dispostos a dar suas vidas para que a Noite possa reivindicar um pouco mais de território.

— E o seu rosto? — Pergunta Malaki.

Ele se refere a impressionante semelhança que eu tenho com o rei.

— Você nunca percebeu minha semelhança até que você soube quem eu era, — eu digo, olhando





para a rua. Faes correm junto, e todos eles têm uma aparência sobre eles, como se fossem alguém importante.

— Sim, mas eu sou um merda desatento, — diz Malaki.

— Essas pessoas não são.

É verdade que há pessoas aqui que viram o rei a maioria dos dias de suas vidas, mas a questão é que ninguém espera que eu exista. A crença comum é que Galleghar Nyx é o último de sua linhagem. E embora meu pai possa saber da minha existência, ele não fez esse conhecimento público.

— E as nossas tatuagens? — Diz Malaki.

Eu olho para o céu. — Agora você está preocupado com a tinta? — Tecnicamente, os Anjos da Pequena Morte sacaneiam o rei por um tempo ou dois, mas uma manga de tatuagens dificilmente é uma prova disso.

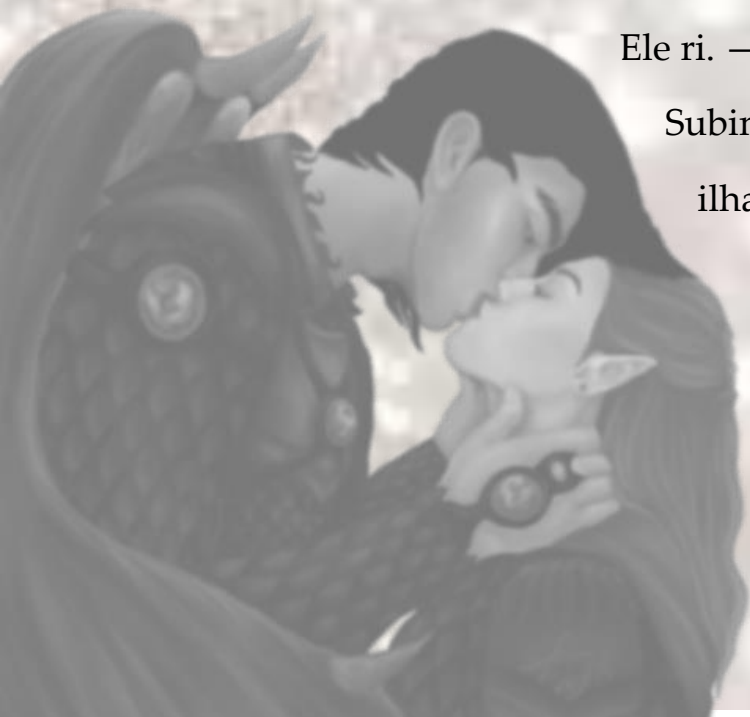
Malaki faz um barulho no fundo da garganta. — Fae honesto não contamina a pele com tatuagens.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Você conheceu um fae honesto?

Ele ri. — Sim, você me pegou aí.

Subimos a colina em direção ao centro da ilha.

Acima das lojas fica o palácio. Eu franzo a testa enquanto olho para ele, minha magia começando a pulsar. Galleghar poderia estar lá





agora, fácil de matar. Todo o dia que eu o deixo viver, mais faes morrem. Alguns morrem no campo de batalha, lutando uma guerra sem sentido.

Outros morrem porque ele cobra a vida deles. E depois há aqueles como minha mãe - como eu - cuja existência continuada é uma afronta a ele.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — diz Malaki, me tirando do meu devaneio.

Eu inclino minha cabeça, ainda franzindo o cenho. Esta é a única coisa que tenho a certeza.

Ele suspira.

— Você não tem que se juntar a mim, — eu digo.

Malaki abaixa a voz. — Eu não vou deixar você sozinho.

Eu olho para ele. Sua lealdade não pode ser comprada, mas de alguma forma eu ganhei.

Minha atenção se distancia de Malaki quando ouço um leiloeiro gritando números. À nossa frente, uma multidão se juntava. Além deles, de pé em um pódio, há quase uma dúzia de humanos acorrentados.

Eu paro com a visão deles. Normalmente faço algo sobre isso. Nos bons dias, simplesmente deixo minha escuridão libertar as correntes dos escravos. Nos dias ruins... Os





proprietários de escravos pagam com suas vidas.
— Eurion, — Malaki avisa, usando meu nome falso, — se você fizer alguma coisa agora, vamos ter que sair.

Libertar escravos *chama* a atenção...

Eu aperto meu queixo e com relutância continuo subindo a rua. Me dói profundamente me afastar dos escravos.

Não posso salvá-los.

— Não temos que fazer isso hoje, — diz Malaki. — Você poderia libertar os escravos, fugir desse lugar e viajar pelos reinos para procurá-la. — Ele não precisa esclarecer quem está se referindo.

Minha companheira mortal.

— Eu não quero me apaixonar, — eu digo.

Pelo menos não por *ela*. Uma humana.

E essa é a minha vergonha. Eu odeio como faes tratam humanos, mas eu não quero uma para mim.

Malaki me dá um olhar incrédulo. — Ela está esperando por você em algum lugar lá fora. Se você não procurar por ela, nunca poderá encontrá-la.

Isso seria o melhor.

— Quando você se tornou um cara romântico? — Eu pergunto, olhando para um grupo de mulheres fae e fingindo que não dou a mínima para essa conversa.





Ele balança a cabeça para mim. — Você é um idiota do caralho. Você tem uma companheira...
— *Humana.*

Eu disse isso. Minha consciência parece mais pesada - não mais leve - por isso.

Malaki recua. — Eu pensei que você de todas as pessoas não se importaria com isso.

— Você pensou errado. — Liberar escravos e amá-los são duas coisas muito diferentes.

Ele ainda está olhando para mim, e eu sinto o julgamento em seu olhar. — Você sabe que não é grande coisa, — diz ele. — Muitos fae costumavam ter humanos como maridos e esposas nos velhos tempos.

Mas estes não são os velhos tempos.

— É fácil você dizer isso quando não precisa estar com um.

Isso o cala.

Eu era todo arrogante uma vez também - salvando escravos de servir mestres terríveis. Eu me sentia muito satisfeito comigo mesmo pelos

meus esforços. Eu era um libertador, um salvador. E então eu ouvi essa maldita profecia, e ficou um pouco pessoal demais. Não há problema em salvar os escravos, desde que você os mantenha à distância. Mas ir para a





cama com um - ser *companheiro* de um...

— Se isso é sobre a sua mortalidade, — Malaki pressiona, — há sempre vinho lilás.

Eu endureço as minhas feições. — É mais do que isso.

-

Passei minha vida inteira tentando provar que sou mais do que apenas um pobre, impotente bastardo, mas não consigo sair do buraco de onde vim. Me comprometer com um ser humano, mais uma vez me fará parecer fraco, vulnerável.

Mais à frente avisto o centro de recrutamento militar, onde os faes podem fazer uma inscrição - isto é, se não forem convocadas primeiro. Nem todas as noites os fae são chamados para o serviço ativo, mas aqueles que o fazem muitas vezes são pobres ou fracos demais para pagar os feitiços que removerão seu nome do grupo de recrutas.

É raro que uma fae se recrute, mas é exatamente isso que Malaki e eu estamos fazendo.

“Junte-se à guarda real. Encontre seu valor. O que você procura está do outro lado disso.” Ainda posso ouvir as palavras da profetisa na minha cabeça.

— Eu não deixei os Anjos para caçar uma mortal, — eu digo com finalidade, encerrando o assunto.

Eu saí para me vingar e, pelos deuses, vou fazer isso.





CAPÍTULO SEIS

Todas as profecias têm um preço

220 atrás

Ser soldado é um trabalho ingrato. Os reinos do dia e da noite estão sempre lutando pelas terras fronteiriças, os territórios que dividem nossos dois reinos. E enquanto eles estiverem em disputa, sempre haverá outra batalha para lutar. Isso significa mais derramamento de sangue, mais perto da morte, mais ceder à minha natureza sombria.

Desde que Malaki e eu nos juntamos às forças armadas, quase duas décadas atrás, estivemos quase continuamente implantados nas fronteiras, primeiro lutando no território de Dusk e agora aqui em Dawn.

Nosso acampamento fica em um meteorito cintilante que o Reino Noturno mantém trancado em órbita. Esta massa de terra estéril faz Arestys parecer um oásis.

Apenas os edifícios mais importantes daqui são estruturas sólidas. O resto do posto avançado nada mais é do que uma pequena cidade de tendas, o tecido delas perdeu a cor de tal uso prolongado. A guerra tem durado mais tempo do que o Rei das Sombras se sentou no trono. Minha





avó, a mãe do rei, começou essa guerra há quase quatro séculos e continua assim desde então.

No final do turno de hoje, volto para minha tenda, a entrada se fechando atrás de mim. Sento-me na minha cama e estralo meu pescoço antes de me abaixar e começar a remover minha armadura.

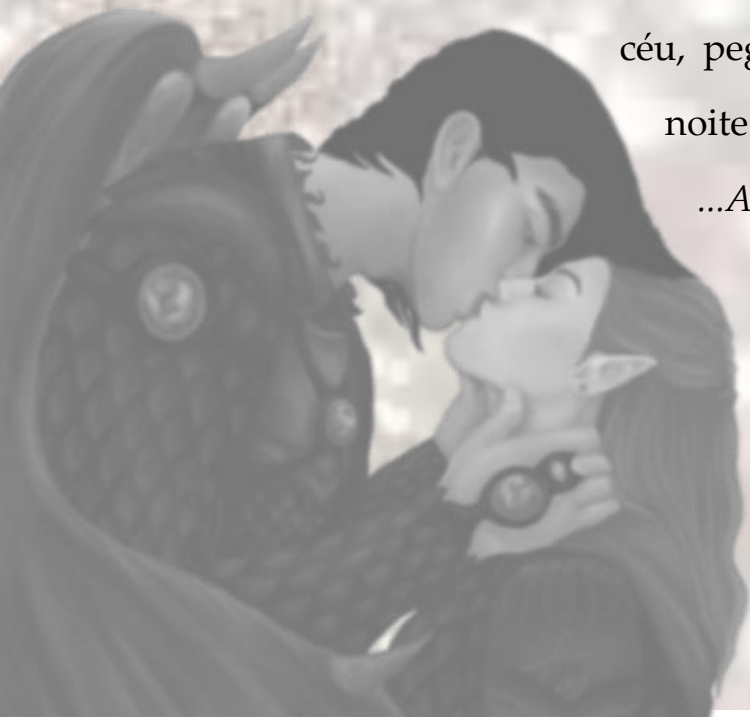
Neste ponto, usar o equipamento de proteção é uma mera formalidade. Não houve nenhuma luta ativa por quase duas semanas, não depois de derrotarmos os veteranos do Dia tão completamente que eles tiveram que recuar. Eventualmente eles estarão de volta. Eles nunca se vão por muito tempo.

Eu solto minhas botas e as atiro para o lado. Então eu removo a armadura de couro que envolve meus antebraços e peito. Este lugar está sendo duro.

Eu olho para o teto de onde eu estou. Está sob encanto por ser semitransparente e, através dele, mal posso distinguir as mais fracas sugestões de estrelas no céu que antecede a aurora. Não importa quanto tempo eu vivo aqui, nunca vou me acostumar com a visão do céu, pego em algum lugar entre o dia e a noite.

...Alguém está indo em sua direção...

As sombras estão sempre me provocando, na esperança de provar um pouco do meu poder em troca de seus segredos.





Deixe que venham.

Eu não estou com vontade de fazer negócios ociosos com sombras hoje.

As abas da minha tenda são jogadas para o lado, e

Malaki entra. — É a nossa última noite nesta porra de terra devastada. Vamos nos embriagar e celebrar.

É a nossa última noite - por enquanto. Não tenho ilusões de que qualquer um de nós voltará a Barbos por muito tempo. Apenas o suficiente para lembrar como é bom não lutar por uma causa estúpida. E então nós seremos chamados de volta, assim como já fomos uma dúzia de vezes antes. A guerra está sempre em fúria.

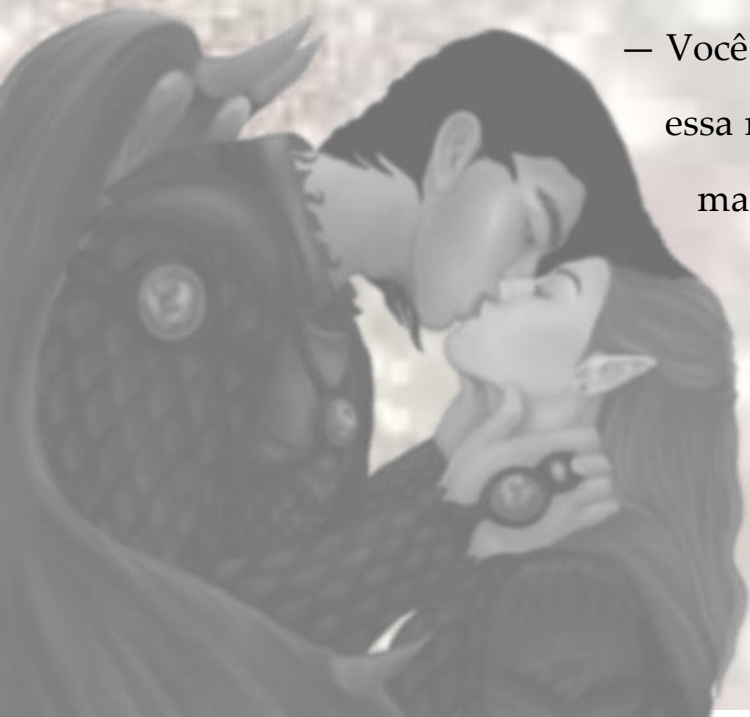
Meus olhos se movem para a faixa de bronze circulando meu bíceps. Eu franzo a testa para isso. Como eu estava feliz por recebê-lo, acreditando que esta seria a minha abertura para enfrentar o rei novamente. Mas isso não equivalia a nada.

Malaki me observa, seus olhos não perdem nada. — Você é o único homem que conheço que faz bico de guerra, — diz ele.

Eu empurro o berço. — Eu não estou fazendo *beicinho*.

— Você está, — diz Malaki. — Porque deixar essa maldita rocha significa que você está mais longe do que nunca de ter sua vingança.

Eu me levanto. — Onde será as festividades? — Eu pergunto, ignorando suas palavras. O vinho e





as mulheres vão melhorar tudo, e há sempre um pouco dos dois por aqui.

— Sala de jantar.

Claro. É lá que as atividades acontecem geralmente - a menos que sejam levadas para fora.

Antes de sair com ele, pego uma garrafa de óleo, um pano sujo e minha espada embainhada, meu cinto de couro enrolado em volta dela. Nós dois saímos da minha tenda e eu olho para o amanhecer. A borda do sol perpetuamente se senta no horizonte.

Malaki e eu atravessamos o acampamento, abrindo caminho entre tendas. Ao nosso redor, eu posso ouvir vários soldados cantando, um deles até tocando uma lira. Quando estamos perdendo uma batalha, as músicas se transformam em ódio, mas agora, a música é animada e otimista da nossa recente vitória.

Malaki e eu entramos no refeitório, o lugar nada mais é do que uma enorme tenda cheia de móveis e soldados rústicos. Faes se sentam ao redor das mesas, suas bochechas vermelhas e suas bocas soltas. Não demorará muito até que as festividades saiam para o lado de fora.

Depois de bebermos muito nós gostamos de dançar a céu aberto.

Alguns soldados ainda em serviço estão servindo comida no fundo da sala. Empoleirados ao lado deles estão dois barris - um de destilados e outro de cerveja. Tem gosto de mijo,





mas quando você está longe da civilização por tanto tempo, é praticamente ambrosia.

Malaki e eu seguimos para um grupo de soldados sentados em volta de uma mesa circular, o grupo bebendo e rindo.

É assim que são meus dias. Acordar, comer no refeitório, pegar um turno, sair, outra refeição e compartilhar uma bebida com os camaradas - talvez me aqueça com uma mulher - e então ir para a cama. Acordar e tudo começar de novo.

Uma hora depois de entrarmos no refeitório, a sala se encheu até a borda com soldados barulhentos. Eu puxo minha espada e abro o frasco de óleo. Derramando um pouco no meu pano, começo a limpar minha lâmina, minhas botas apoiadas na mesa.

Esta noite estou com um humor sombrio. *Ainda não estou perto de matar o rei.*

Talvez a profetisa nunca quisesse que eu estivesse no exército por tanto tempo. Talvez eu tenha encontrado meu valor há muito tempo sem perceber, e todo esse tempo que passei matando o inimigo foi em vão.

Minha espada mal começou a brilhar quando as abas da tenda da sala de jantar são abertas. Duas dúzias de homens e mulheres escassamente vestidas entram na sala, muitos deles claramente aqui para trocar





carne pela noite. Eu endureço quando vejo alguns mortais misturados com os fae.

Isso é novo. Sempre há faes chegando a esses postos avançados para aliviar os soldados de seus impulsos mais *primitivos*, mas nunca humanas.

Os olhos de Malaki estão em mim. Ele se inclina. — Supostamente, os mortais são um presente do rei para nossa mais recente vitória.

Um presente? Casar com um humano é proibido. Até mesmo dormir com um é um tabu. Eles são considerados impuros e primitivos. Para enviá-los para nós como recompensa... Parece mais um insulto do que um presente.

O grupo de homens e mulheres entram na sala, juntando-se rapidamente a soldados interessados. Malaki e os outros ao meu redor se levantam, deixando as faes e as humanas conduzi-los para fora, onde dançam ao redor das fogueiras antes de saírem para as nuvens para um pouco de privacidade.

— Não vem? — Malaki pergunta quando percebe que ainda estou sentado.

Eu dou uma sacudida na minha cabeça, minha atenção na minha espada. Até agora, dei de ombros nas três tentativas separadas para ir com eles.

A garota que está com Malaki dá um puxão no braço dele com uma risadinha. Ele recua alguns passos,





querendo me dizer alguma coisa, mas ele escolhe não dizer, em vez disso, se vira e sair com o resto dos soldados. Em questão de minutos, a sala foi esvaziada.

Apenas quando penso que posso ter um pouco de tempo sozinho, ouço o suave farfalhar das saias de uma mulher vindo em minha direção.

...Escrava...

A mulher se aproxima de mim.

— Eu não durmo com os humanos, — eu digo antes que ela possa me tocar, sem deixar de olha a minha lâmina.

Há uma pausa e seu cabelo escova o meu enquanto ela se inclina sobre o meu ombro. — Eu posso prometer a você que eu vou fazer as coisas que suas amantes fae não fazem.

Eu embainho minha espada e tomo um gole da minha cerveja. — Não é nada pessoal. Eu simplesmente gosto de minhas mulheres dispostas.

Ela passa a mão no meu peito. — O que faz você pensar que eu não estou?

Eu pego seu pulso e corro meu polegar sobre o emblema real marcado em sua pele. A lua crescente parece grotesca quando é marcada na pele.





— Diga, — eu pergunto, estudando, — você estaria me propondo se não pertencesse à coroa?

Ela se inclina. — Diga, você estaria sentado aqui, esperando pela batalha, se você não pertencesse à coroa?

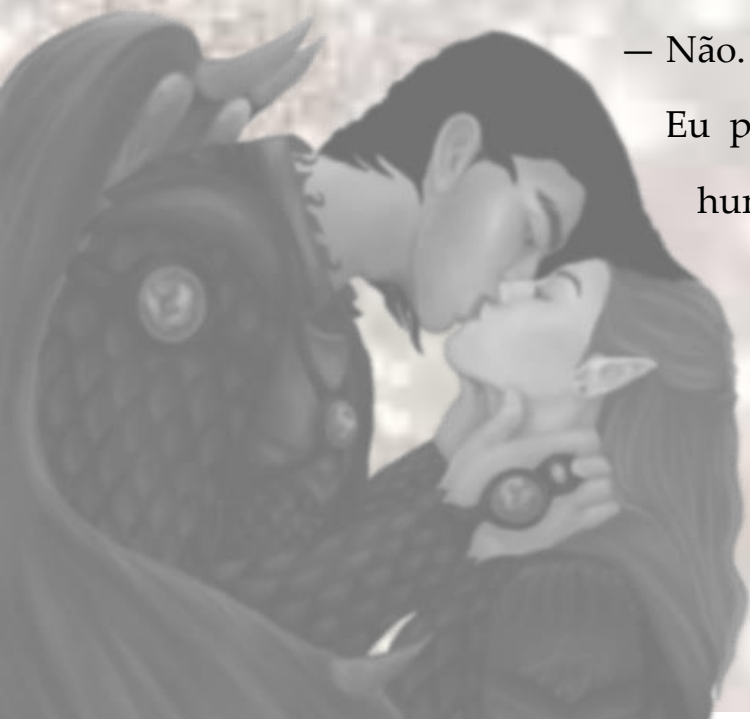
Eu solto a mão da mulher e olho para ela. Ela tem uma língua mais afiada do que algumas faes que conheço, mas suas feições dificilmente combinam com a boca. Olhos largos, rosto em forma de coração e pele macia e cor de marfim rodeada de vermelho e selvagem. É um rosto muito bonito, um rosto muito bonito e inocente. — Ponto justo, — eu admito.

Eu olho para ela um pouco mais. Ela despertou minha curiosidade. Embora eu tenha passado anos salvando mortais, nunca parei para falar com um deles. E agora, aqui estou eu, surpreso que esta mulher humana possa realmente chamar minha atenção com suas palavras. Tomando uma decisão, eu aceno para a mesa agora vazia que eu estou. — Quer se juntar a mim?

Em resposta, a mortal começa a se sentar no meu colo.

— Não. -

Eu posso querer falar com essa mulher humana, mas não quero que ela me toque. Eu não quero nenhuma mulher humana me tocando. Nenhuma exceto...





Um sorriso cínico quase escapa do pensamento meio formado; aparentemente eu estou me guardando para a minha noiva mortal. Que bizarro.

A mulher se senta à minha frente e pega uma caneca de cerveja que um dos outros soldados abandonou. Ela me encara enquanto toma um gole.

— De onde você é? — Eu pergunto a ela, meus olhos astutos.

Ela abaixa a bebida. — Você realmente quer conversar? — Ela parece surpresa.

— Se você não quiser... — Eu gesticulo para a sala, onde vários soldados ainda estão sentados. Tenho certeza que alguém vai querer o que ela está oferecendo.

Seus olhos percorreram a sala antes de voltar para mim. — O que você quer conversar?

— Você é o entretenimento. Diga você.

Eu estou sendo um idiota. Eu não me importo. Não foi assim que imaginei minha última noite aqui.

— Por mais surpreendente que seja, não estou sendo paga para conversar, — diz ela.

— Você não está sendo paga de jeito nenhum. — Outro comentário de merda.

Mas também é a verdade.

Seus olhos estreitam. — Como foi o seu di..?

— Chato, — eu a interrompo.





Ela parece ofendida. Egos humanos frágeis.

— Como você se tornou uma escrava? — Eu pergunto.

— Eu fui sequestrada quando era um bebê. — Então ela é uma changeling.

— E então? — Eu pergunto.

— ...Então eu fui criada para agradar os faes.

...Mentira...

Eu estreito meus olhos para ela. — Não, você não foi.

Ela hesita. — Não, — ela concorda, — eu não fui. Meu mestre me ensinou todo tipo de coisas que você não deveria ensinar aos escravos.

— Então, como você acabou aqui? — Eu pergunto.

— Meu mestre morreu sem me libertar. Quando a propriedade dele foi a leilão, fui vendida para a coroa e aqui estou.

Ela levanta uma sobrancelha para a banda de guerra que eu uso. — Um soldado condecorado com medalha. O que você fez para ganhar?

Profundamente no território inimigo, cegando a luz do sol enquanto queimava meus olhos. Sangue derramando das minhas muitas feridas. Cercado por todos os lados. Minha magia se espalha saindo de mim, devorando o inimigo e permanentemente arrastando a noite para o que antes era território do dia.





Eu tomo outro gole da minha cerveja. — Eu matei as pessoas certas.

Ela percebe minha expressão. — Então, você conheceu o rei? — Ela pergunta.

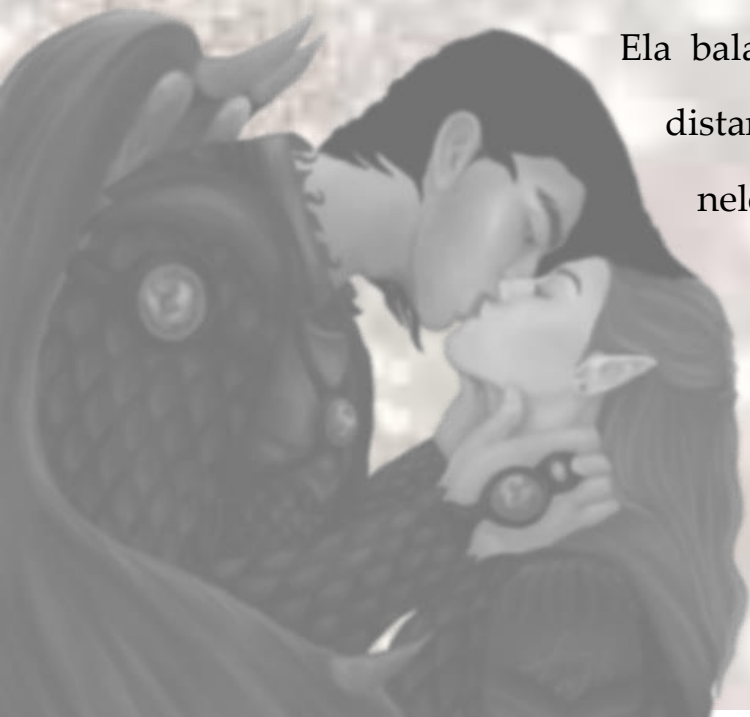
Eu olho para a minha caneca. — Ele estava fora na noite em que fui condecorado. — Pelo menos, foi o que a mão direita disse quando ele, e não o rei, me presenteou com uma medalha de bronze. Mais provável que não, Galleghar estava dormindo com seu harém ou matando inocentes. Ninguém adivinha do que ele gosta mais. Minha mão aperta minha caneca com a lembrança. Eu estava tão pronto para acabar com ele. Quantas vezes um soldado chega tão perto?

A mulher se inclina em seu assento. — Huh. — Ela olha para sua marca na pele, — eu o vi uma vez. — Seus olhos se movem para mim. — Ele parecia muito com você de fato.

Precisou de uma humana para perceber.

Faço um grande esforço para me manter calmo. — Então ele deve ser um diabo bonito.

Ela balança a cabeça lentamente, os olhos distantes. — Ele é. Mas havia algo de cruel nele. Algo ao redor dos olhos e da boca dele. — Ela leva a mão até o queixo, distraidamente passando os dedos ao longo da borda. — Você poderia dizer que ele era um homem que





gostava de matar. — Ela pisca, voltando ao presente. — Não como você.

Eu levanto uma sobrancelha. — E o que isso quer dizer?

Seus olhos são muito perspicazes. — Eu encontrei soldados suficientes para descobrir quais gostam da carnificina e quais simplesmente suportam isso - ou eu estou errada sobre você?

Ela não está, e o fato de um mortal poder me ler tão bem me assusta.

Ou eu tenho muito mais trabalho para fazer no controle de minhas características, ou ela é ainda mais afiada do que eu lhe dei crédito.

Do lado de fora do refeitório, a música e o riso silenciam. Eu me afasto da mulher humana, inclinando a cabeça para ouvir melhor. Leva apenas alguns segundos para os gritos começarem.

Minha cadeira raspa quando estou de pé, e seguro mais forte minha espada.

— O que está acontecendo? — A mulher humana pergunta.

Ao meu redor, os outros soldados no refeitório estão olhando, sentindo alguma coisa no ar. Eu alimento um pouco da minha magia com a escuridão.

...Inimigo...

...Entre vocês...

Merda.

— Emboscada! — Alguém lá fora grita um segundo depois.





Sem olhar para trás, saio do refeitório. Soldados da noite estão lutando ao meu redor, pegando suas armas. Movendo-se como uma onda entre eles estão faes em uniformes dourados.

Soldados do dia.

Eu não tenho tempo para pegar minha armadura. Tudo que eu tenho é a espada na minha mão.

Eu pulo no ar e me junto à briga, meu braço com a espada balançando quando eu começo a esculpir no inimigo. Eles estão em toda parte, ao nosso redor e acima de nós, ateando fogo a tendas e cortando os desavisados soldados da Noite.

— *Desmond!* — A voz de Malaki vem de algum lugar de cima e à minha esquerda.

É o som do meu nome verdadeiro que chama minha atenção para ele. Eu olho para Malaki a tempo de olhar para o sol. Quando olho para ele, escurece apenas o suficiente para eu ver o ouro brilhante de um uniforme do soldado do dia. Ele está vindo para cima de mim, sua arma já me cortando.

Não há tempo suficiente para bloquear o ataque. Se eu não fizer nada, serei um homem morto. Não haverá vingança, nem companheira, nem amanhã. Só haverá o que vem depois, depois que os faes morrem.





Assim que estou prestes a derreter na escuridão,
uma sombra me tira do caminho.

Minhas asas se dobram surpresa e eu caio do céu.

Demoro alguns segundos para me endireitar, e quando
vejo, vejo algo que deixa meu sangue frio. Onde eu estava
antes está Malaki.

Seu braço está levantado, bloqueando a maior parte do golpe com o
antebraço, mas a lâmina do inimigo ainda corta seu rosto, tão
profundo que deve ter atingido algo importante.

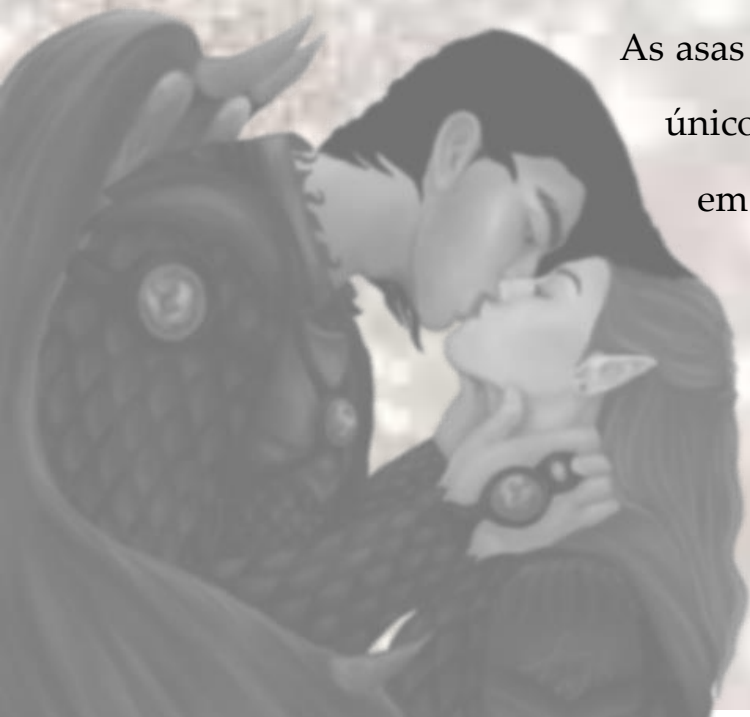
Por uma fração de segundo, o mundo fica quieto.

Meu amigo, meu amado amigo. Ele protegeu meu segredo do mundo
e agora ele levou um golpe por mim.

Eu rujo, quebrando o silêncio.

A escuridão explode de dentro de mim, devorando meus inimigos e
inundando a madrugada com sombras. Com esforço, eu controlo
meu poder de volta dentro de mim antes que os soldados mais
próximos pudessem fazer mais do que olhar intrigado ao redor deles.
Ninguém sabe sobre a extensão do meu poder.

As asas de Malaki se dobram e agora ele é o
único a cair do céu. Minha magia troveja
em minhas veias enquanto eu voo em
direção a ele. Eu mal posso respirar
através da dor no meu peito. Eu
fecho a distância entre nós e o pego
em meus braços.





— Eu tenho você, amigo, — eu digo.

Seu rosto é uma bagunça de sangue e coisas carnudas. Um de seus olhos se foi; o outro está desfocado.

Eu olho para o céu a tempo de ver o brilhante soldado do dia me encarando friamente. Minhas mãos se apertam ao redor de Malaki.

Muito deliberadamente o soldado vira as costas para mim e retoma a luta ao ar.

Ele não me considera uma ameaça. Seu erro.

Eu levo Malaki e eu para o chão. Meu amigo precisa de um curador, mas agora mesmo os curandeiros estão lutando por suas vidas. O melhor que posso fazer é tirar a dor dele. Eu passo a mão sobre o rosto dele, sentindo sua agonia pulsar contra a palma da minha mão antes que minha magia passe através dele. Só vai durar uma hora ou mais. Espero que seja o suficiente.

Eu olho em volta para o posto avançado em chamas. Nenhum lugar para esconder ele. Metade das tendas estão em chamas, e o resto está

prestes a queimar. Eu me contento em colocá-lo em uma pilha de pertences abandonados nos arredores de nosso acampamento, posicionando Malaki para parecer que ele foi atingido. Esse é o melhor disfarce que posso dar a ele.





Eu me afasto dele. Eu tenho que acreditar que ele
ficará bem por agora.

— Eu volto, meu amigo, — eu prometo.

A vingança chama primeiro.

Eu subo no céu, meus olhos vasculhando os céus. Minha fúria
canta em minhas veias. Soldados inimigos não têm tempo para me
tocar; minha escuridão se esgota, se banquetando com eles um por
um. Eu estou me xingando deixando meu poder escapar de mim tão
imprudentemente, mas eu nunca estive tão perto de perder meu
amigo.

Ele estava disposto a morrer por você.

Apenas uma outra pessoa se importava comigo intensamente, e ela
morreu.

Abaixo, o mundo está em chamas. Malaki não tem muito tempo. Isso
precisa terminar. De um jeito ou de outro, vou me certificar disso.

Eu vi o soldado fae brilhante do Dia à distância. Ele elimina
rapidamente os soldados da noite; eles caem do céu um por um.

Eu vou em direção a ele, minhas asas batendo como loucas. Sua forma
pulsava com luz ofuscante. Ele deve ser um rei.

Seu poder está praticamente derramando
dele.

Eu o alcanço assim que ele arranca
sua espada da barriga de outro
soldado da Noite.





Meu corpo quase treme com a necessidade de cobrar o duelo. Em vez disso, paro muito próximo do soldado Day.

Controle-se, Desmond.

Sua lâmina pinga de sangue. Mas enquanto eu assisto, o sangue borbulha e assobia no metal até que ele se dissolve. Encanto que a deixar ficar perpetuamente limpa.

Eu olho o resto dele. Pele bronzeada e cabelos como ouro. Olhos mais azuis que topázio. Pele brilhante como o sol. Eu só ouvi histórias dos gêmeos Soleil, mas eu estou supondo que este é um deles.

O dia real rola em seu pulso, sua espada assobiando enquanto faz uma figura oito no ar. — Voltou para mais, puta das sombras?

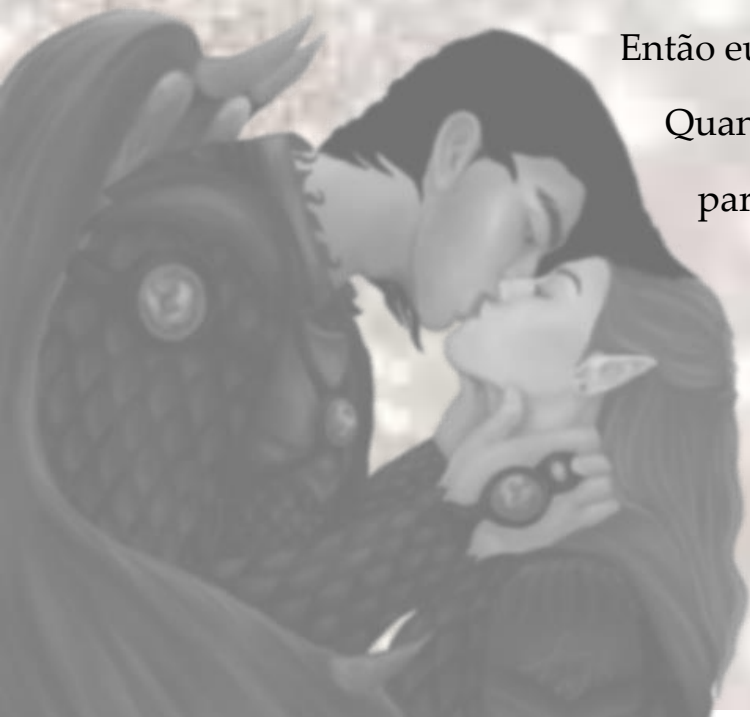
Eu aperto firmemente minha própria espada.

Esse filho da puta quase matou meu querido amigo. Ele precisa morrer.

Meu poder está se dobrando e ansiando por se libertar. Mas não estou interessado em limpar esse fae com minha magia. Eu quero tomar sua cabeça do jeito antigo.

Então eu espero.

Quando não faço nenhum movimento para atacá-lo, ele suspira, olhando para o horizonte e afrouxando os ombros, deixando claro que é tedioso lidar com soldados de infantaria como eu. Relutantemente ele volta sua





atenção para mim e faz seu movimento, fechando a distância entre nós. Todo o tempo eu paio lá no ar, esperando.

Ele balança a arma e a espada se arqueia no ar. Meu braço se abre, minha lâmina se conectando solidamente com a dele. Ele sacode com surpresa. Certamente ele não achou que seria tão fácil matar uma segunda vez?

Ele puxa a própria lâmina de volta e eu deixo, ainda sem fazer nenhum movimento ofensivo.

Ele cegou Malaki. Deveria ter sido eu.

Esse último pensamento, mais do que tudo, alimenta minha raiva.

Outro soldado do Dia se aproxima de mim. Enquanto continuo o encarando, eu acerto minha lâmina no peito do soldado que chegou, o abrindo. Com um grito, ele cai.

— Isso deveria me impressionar? — Pergunta a realeza do dia.

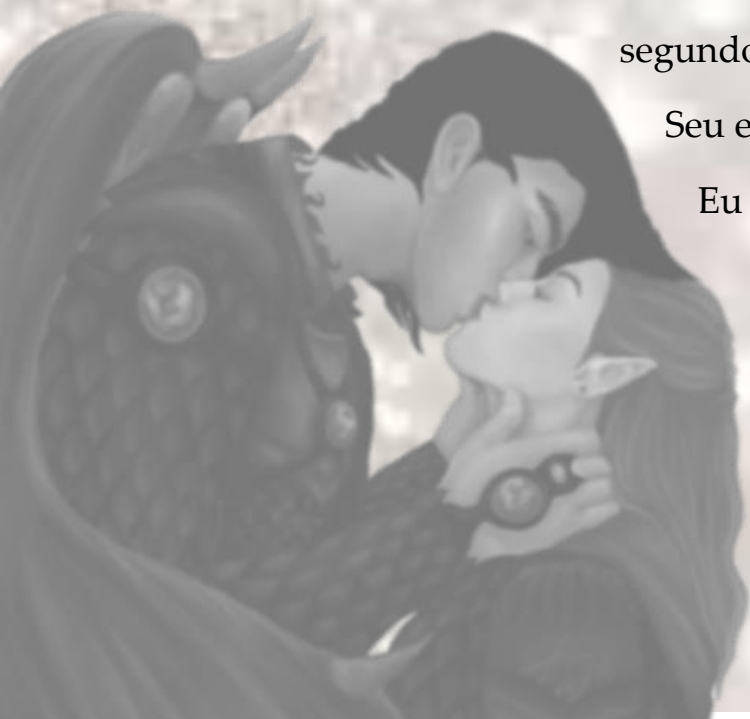
Eu não respondo

— Você consegue falar?

Quando não respondo, ele olha para longe de mim por uma fração de segundo.

Seu erro.

Eu me movo então, balançando minha espada. Ela corta a pele do ombro dele.





Ele grita enquanto sangue floresce da lesão, se infiltrando em seu uniforme de ouro.

— Primeira regra de batalha: não subestime seu inimigo.

Com um grito, ele levanta sua espada e me aponta, e então nós dois estamos trancados em combate.

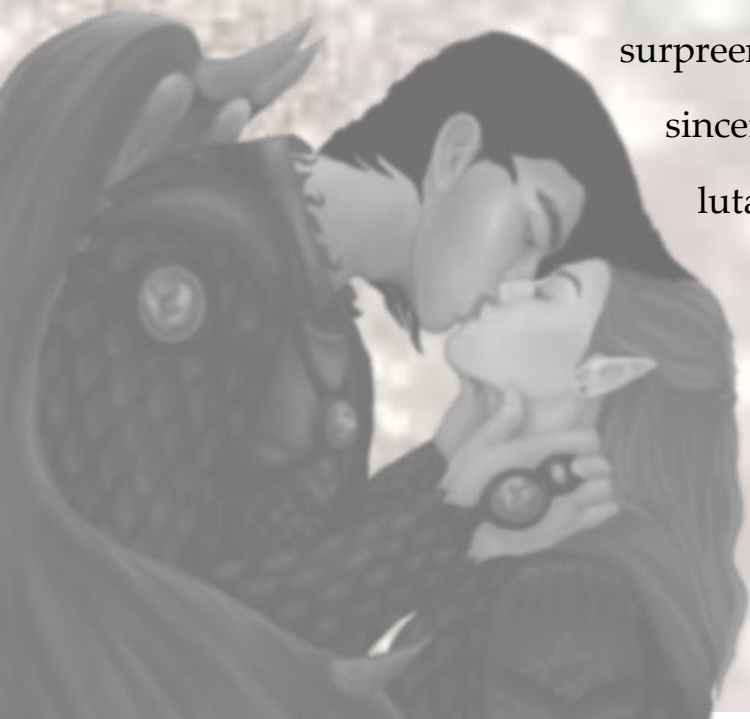
Esquerda, direita, corte superior, golpe descendente. Somos uma onda de movimento. Nossas lâminas de metal cantam enquanto se encontram, faíscas dançando do poder por trás de cada ataque. Ele é impressionantemente bom, mas ele acha que é melhor que um soldado comum como eu. Arrogância pode matá-lo rapidamente no campo de batalha. A morte não se importa se você nasceu um rei ou um mendigo.

Eu encontro cada golpe de sua lâmina. Ele deveria ser o melhor espadachim; tenho certeza de que ele tem décadas de vida e os melhores instrumentos que o dinheiro pode comprar. Mas eu tenho minhas sombras fofas e minha angústia e vingança. Isso e quase vinte anos de guerras constantes. É uma mistura

surpreendentemente útil de fatores, e eu sinceramente os usei para dominar como

lutar. Afinal, sei que vou precisar de mais do que apenas magia e astúcia para derrotar o Rei das Sombras.

No momento que o Soldado do dia começa a respirar com dificuldade,





eu começo a lutar com ele a sério. Seus olhos se arregalam pelo mais breve momento em que ele percebe que estava me segurando.

Agora eu sou o único no ataque, e ele está tentando parar cada um dos meus sucessivos golpes. Minha raiva fria e calculista tomou conta. Está em todos os meus movimentos. Eu não poderia me conter se eu tentasse.

Eu levanto minha espada e baixo. Ele desvia do meu golpe e, no processo, deixa seu estômago exposto, me dando a abertura.

Eu puxo minha arma para longe, e, trazendo meu braço da espada para trás, eu o conduzo para frente, em seu intestino. Ele desliza de um lado para o outro e sai do outro.

Os olhos dele se alargam. Ele achava que ele era imune a se machucar? Morrer? O jeito que ele está olhando para mim, ele deveria ter imaginado.

Seu braço com a espada se inclina quando ele solta um estrangulamento.

Com um som liso e úmido, eu puxo minha arma para fora dele.

Sua mão se move para a ferida, sua boca abrindo e fechando. Então seus olhos rolam para trás e suas asas se dobram.

Ele começa a cair do céu.

Eu olho para ele enquanto seu corpo cai. Eu deveria acabar com ele; tudo o que fiz foi gravemente feri-lo. Mas





o homem humano estava certo, eu não sou como meu pai. Eu odeio a arte de matar.

Então eu o deixo ir.

A emboscada chega ao fim pouco depois. O tal soldado era de fato um dos herdeiros gêmeos do Rei do Dia. Ele tinha sido o cérebro por trás da emboscada, e uma vez que ele caiu, suas tropas perderam a coragem e recuaram, o levando e o outro ferido de volta com eles.

Eu não me incomodo em assistir a sua retirada. Em vez disso, desço para o acampamento. Malaki ainda está onde eu o deixei, seu único olho bom fechado, seu pulso fraco. Carregando em meus braços, corro para o que restou da tenda da curandeira.

Já há soldados feridos ao lado da maioria das camas de palhas e apenas alguns curandeiros que entraram na batalha para ajudar os feridos, mas o local ainda não está repleto de feridos, o que estará em outra hora. Pouco depois de deitar Malaki, um curandeiro vem até nós e começa a trabalhar nele.

— Ele vai viver? — Eu pergunto dez minutos depois. Malaki não tem feito mais do que estremecer desde que chegamos.

O curandeiro acena com a cabeça, sem levantar os olhos do trabalho. — Sim, ele vai viver. A ferida parece ruim, mas o corte é bem limpo. Ele





perderá o olho e carregará uma cicatriz pelo resto de sua vida, mas sua mente está intacta.

Eu sinto ambos, alívio e derrota. Ele vai ficar com cicatrizes e sem visão de um olho. Faes são sinônimos de beleza; ter esse tipo de deformidade significa que Malaki, que ama as mulheres tanto quanto eu, será visto como indesejável.

— Você deveria ir. Ele precisa de tempo para descansar. — O curandeiro diz isso com cuidado, mas é menos uma sugestão e mais uma ordem. Mais soldados estão se acumulando, e a última coisa que precisam são de camaradas pairando.

Relutantemente, eu fico de pé, e parece que estou levantando o mundo enquanto faço isso. Tudo é tão pesado - meus músculos, meus ossos, meu coração, minha mente.

— Você vai me dizer se ele piorar? — Eu pergunto.

— Claro, — diz o curandeiro. É uma mentira e nós dois sabemos disso. Há muitos pacientes aqui para acompanhar um homem.

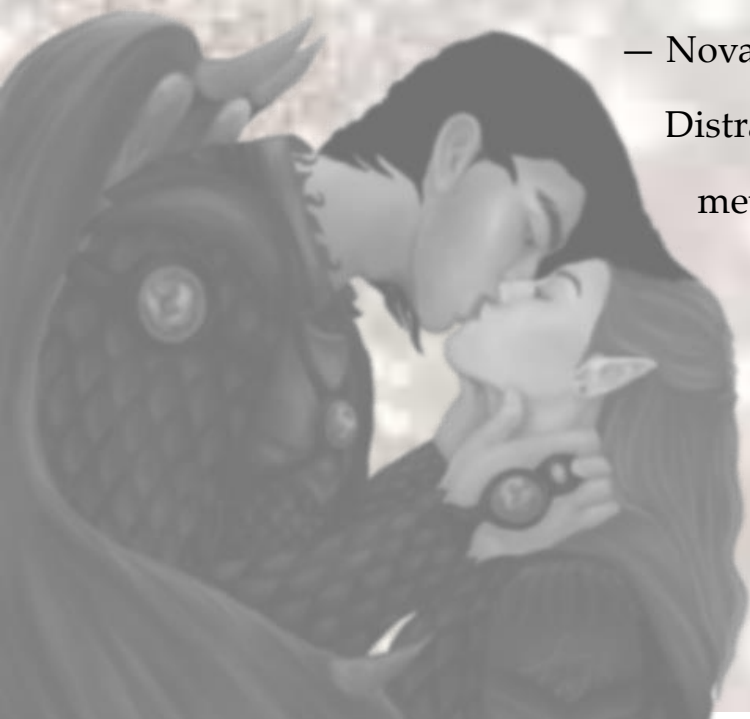
— Volte de manhã, — acrescenta ele. — Ele vai estar melhor então.

Eu respiro fundo e saio da tenda.

— Nova!

Distraído como sou, quase não reajo ao meu falso sobrenome.

Eu olho para um dos generais da Noite. Ele está do outro lado, mas rapidamente caminha em minha direção.





Eu estou em atenção e toco meus dedos na minha testa em respeito.

O fae repete a ação distante. — Eu vi o que você fez lá fora, — diz ele.

Por um segundo eu acho que ela está falando sobre o meu momentâneo lapso de poder, quando a minha escuridão se esvaiu de mim, e eu tenciono. Se a pessoa certa notasse - digamos, como esse astuto general - eles saberiam que apenas um fae noturno da linhagem real poderia ter uma magia tão extensa.

— Eu vi o final do seu duelo com o soldado do Day, — diz ele, e eu relaxo um pouco. — Você sabe que não foi qualquer fae do Dia; esse era Julios Soleil, um dos filhos do rei.

Eu levanto minhas sobrancelhas. Minha suposição estava correta.

— Você é a razão pela qual eles recuaram. — Ele me dá um olhar significativo. — Eu me certificarei de que o rei ouça seu valor; seu sacrifício não ficará sem recompensa.

Eu olho para o general, meu batimento cardíaco ficando mais alto e mais alto a cada segundo que passa até que seja uma batida entre meus ouvidos.

Ele vai dizer ao rei. Derrubar um dos filhos do inimigo é grande. O tipo de grande que te deixa com honras. O tipo de grande que permite que você conheça o rei.





Eu posso sentir a virada do destino; depois de todo esse tempo, finalmente conseguirei essa reunião com meu pai. A vitória parece certa. Se eu não estivesse tão determinado a me vingar, Malaki e eu não estaríamos aqui, e ele nunca teria se machucado.

— Obrigado, — eu digo, minha voz rouca.

O general acena para mim e sai em seguida, se dirigindo à tenda de médicos.

Meu coração está pesado enquanto eu volto para minha própria tenda. Eu passo pelo refeitório, um pouco surpreso em vê-lo intacto. Eu paro, em seguida, entro, fazendo um caminho mais curto para o barril.

Cinco passos, paro no meu caminho. Vários corpos jaziam espalhados pelo chão, um é soldado do Dia e outros três são da Noite. Mas não é a visão deles que fecha entope garganta.

A poucos passos de mim está o corpo estripado da mulher humana com quem eu compartilhei uma bebida. Seus olhos afiados agora olham fixamente para o teto, e sua boca se abre frouxamente.

Eu cambaleio até uma mesa próxima e caio em uma das cadeiras, meus olhos fixos nela.

Eu não sei porque é a morte dela que me quebra.

Ela era apenas uma humana, escalada para morrer dentro de





algumas décadas de qualquer maneira. Eu não sabia o nome dela, e um dia atrás, eu não teria pensado que valeria a pena saber. Mas eu estava errado. Tudo está errado. Os humanos não são apenas escravos para libertar. Eles não são as criaturas lentas e grossas como me ensinaram.

Eu cubro meus olhos com uma mão e choro.

Por Malaki, esta mulher e esta minha vida desorganizada.

Eu tenho estado tão ocupado tentando encher o mundo com meu ódio que eu não deixei espaço para mais nada.

Esta noite, isso muda.

Juro pelos Deuses Imortais que, uma vez que terminar aqui, vasculharei a terra por minha alma gêmea. Vou deixar meu passado para trás e focar no futuro. E quando a encontrar, *se* a encontrar, não vou perder tempo com medo do que os outros vão pensar. Eu vou apreciá-la, respeitá-la, *amá-la*.

Por todos os dias de sua vida mortal, eu a reivindicarei como minha.





CAPÍTULO SETE

Para Matar um Rei

Há 220 anos

O dia do acerto de contas chegou.

Não posso dizer quantas noites fantasiei em encarar meu pai, mas tenho certeza de que, em cada uma delas, eu era mais sanguinário do que sou agora.

Hoje, estou simplesmente determinado.

Os guardas reais me pegam da sala de espera onde estou sentado há várias horas e me conduzem para o outro lado do palácio, com os rostos estoicos.

Nós subimos os degraus do castelo, minha armadura de couro preto brilhando sob as estrelas, e então eu estou passando pelas portas duplas de bronze.

Eu posso ouvir o ritmo constante do meu pulso como uma batida. Estou saindo deste lugar com a cabeça do meu pai, ou não saio daqui vivo.

As portas fechadas da sala do trono estão à frente. Os soldados e eu paramos na frente deles enquanto esperamos para ser vistos. Demora quase 20 minutos, mas eventualmente ouço as vozes dos funcionários anunciando minha





presença. Um momento depois, as portas são abertas e eu sou escoltado para dentro.

Eu levanto meu queixo. Eu quero que ele veja meu rosto. Para me reconhecer depois de todos esses anos.

O rei está em seu trono sua atenção voltada para um assistente ao seu lado. Atrás dele, guardas cobrem a parede dos fundos. A cada lado do palanque estão algumas de suas concubinas, reconhecidas por sua imensa beleza e pelos seus trajes escuros, a pele polida como um fio fino para brilhar sob a luz.

Chego até sua frente e os guardas que me cercam param ali. O rei ainda não se incomodou em olhar para mim.

Eu dobrei meu joelho e inclino minha cabeça.

Aguardo outro minuto antes de me dirigir a ele.

— Ah, nosso soldado vitorioso, — o rei finalmente diz, sua atenção agora certamente em mim, — que feriu um dos herdeiros do Reino do Dia e salvou seu amigo de uma emboscada. Dois punhos para um único ato. Impressionante.

Mesmo que ele não tenha me reconhecido neste momento, posso dizer que ele não gosta de mim.

Aborrecimento e até mesmo um pouco de sarcasmo estão rolando em sua voz.

Provavelmente não há nada mais entediante para um tirano do que um homem que é realmente honrado.





Não que eu seja esse homem. Mas eu saboreio seu desagrado, independentemente disso.

— Este não é seu primeiro punho de guerra, eu vejo,
— continua ele.

Eu sinto o peso daquele primeiro no meu braço. Representa anos de intrigas e lutas e esperanças. Representa uma amarga decepção e uma oportunidade perdida - uma que será corrigida hoje.
— Levante-se.

A calma me banha.

Eu estou de pé, minha cabeça, a última coisa a se endireitar. Pela primeira vez em três décadas, meus olhos se encontram com os do meu pai.

Por um momento, seu rosto está livre de toda expressão. E então, como um relâmpago, vejo o reconhecimento inundar suas feições.

— *Você*, — diz ele. Seu olhar se move para os homens posicionados ao redor da sala. — Guar...

Antes que a palavra possa escape completamente de sua boca, eu libero minha magia. Minhas sombras explodem de dentro de mim, escurecendo o quarto.

Os soldados de Galleghar se correm para frente, suas asas se agitando. O resto da sala corre para as saídas, gritando em confusão e medo. Eu fecho as grandes portas da sala do trono, as





fechaduras selando quando se encaixam uma a uma. Então as tranco.

O Rei da Noite e eu nos encaramos do outro lado da sala enquanto minhas sombras sufocam a luz e os soldados se aproximam de mim, deixando o lugar para escuridão.

O canto da minha boca se enrola em um sorriso.

Festa, eu comando minhas sombras. Em um instante elas devoram os soldados capturados em sua teia.

O resto dos faes na sala estão em pânico. Homens e mulheres estão lutando uns sobre os outros, suas asas se materializando enquanto tentam abrir as portas.

Espero que a magia de retaliação de Galleghar me acerte. Estou pronto para isso; inferno, eu vou saborear a dor. Mas o ataque não vem. Em um instante, o Rei da Noite está me olhando, e no próximo ele vai embora, fugindo de mim assim como fez na última vez que nos encontramos.

Eu me dissolvo na escuridão, correndo atrás dele. É quase impossível senti-lo a princípio. A noite é quase infinita e está cheia de milhares de criaturas. Se Galleghar fosse apenas outro fae, levaria tempo para localizá-lo. Mas então, o rei agora não é um fae. Ele é a escuridão, assim como eu sou.





Eu sinto uma onda durante a noite, o poder imenso e aterrorizante e muito semelhante ao meu.

Lá.

Eu me aproximo ao Rei da Noite, que está à minha frente e à minha direita, e eu estou em espírito atrás dele. Nós nos infiltramos pela escuridão, nós dois nada mais que sombras de nós mesmos.

Como vou pegar meu pai? Assim, o Rei das Sombras é tão insubstancial quanto eu. Não há nada de nenhum de nós para segurar, quebrar.

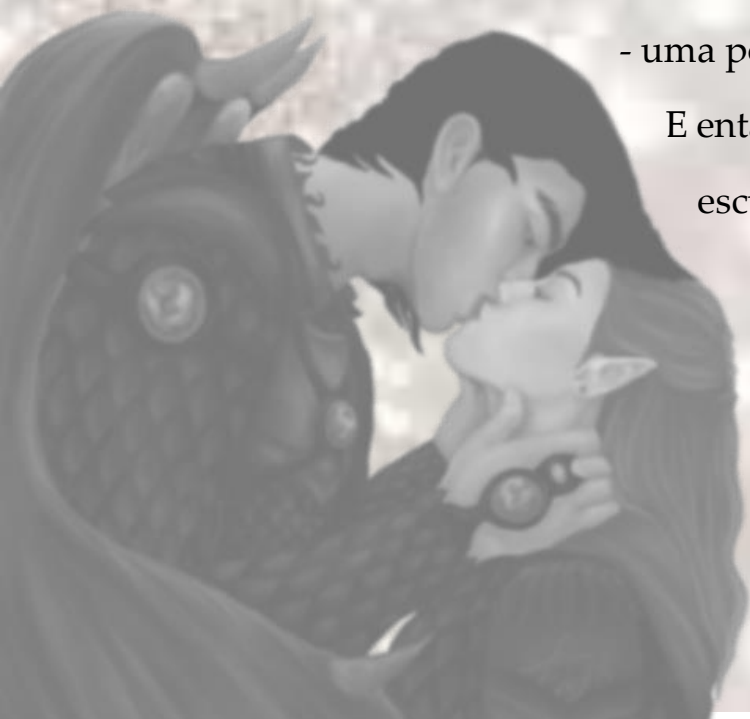
De repente, seu poder explode, fluindo através da escuridão. Eu acho que vai passar por mim, mas em vez de fazer isso, bate no que parece ser o meu peito.

Eu sufoco quando seu poder me penetra, forçando meu corpo a aparecer.

Isso, aparentemente, é como você faz algo insubstancial- substancial. Eu fico visível no ar, meu corpo se solidificando. Ao meu redor as estrelas cintilam. Por um momento, me sinto apenas mais uma delas

- uma pontinha de luz no universo infinito.

E então eu lembro que não sou a luz, sou a escuridão. E agora, meu corpo rigidamente travado, eu nem mesmo sou a escuridão. Eu sou apenas um homem.





Começo a cair do céu, o feitiço de Galleghar travando meus membros. Eu tento me dissipar de volta para as sombras, mas não consigo.

— Garoto tolo, — sussurra o ar da noite ao meu redor,
— você pensou que poderia me vencer no meu próprio jogo?

Eu era a noite antes de você.

Sua magia congelou quase todas as minhas partes; eu posso sentir o feitiço rastejando pela minha pele, deslizando pelas minhas veias, se movendo até a minha medula. Cada segundo que passa me aproxima do campo.

Ele se move no meu coração, e se eu não paro o escuro encanto agora, não terei que me preocupar com o meu corpo se quebrando no chão; o feitiço vai congelar meu coração antes que isso aconteça.

Há uma parte minha que deseja desistir, desistir. Esta minha parte tem sido uma sequência de lutas, uma após a outra. Muito mais fácil simplesmente ceder ao inevitável e morrer.

O problema é que, quando nada é fácil, você se acostuma à luta. Às vezes, você até anseia por isso...

Eu preparo a minha magia. Até que ela se mova lentamente. Eu olho para o chão, a apenas alguns segundos de me despedaçar.

Rangendo meus dentes, libero meu poder, o forçando a sair. Por um precioso segundo, nada acontece.





Então, de repente, o encantamento de Galleghar se dilui, se dissolvendo em minha corrente sanguínea. O resto do meu poder explode, agitando o ar da noite.

Minhas asas se abrem e eu as bombeio rapidamente. Meu corpo levanta de volta no ar, minhas garras brilhando ao luar.

Galleghar para, pairando no meio do céu. Ele olha para as minhas asas, as dele estendidas atrás.

— Minha ruína... — Ele diz isso tão baixo que eu quase não escuto.

Uma fração de segundo depois, seu corpo se dissipa de volta na escuridão, e mais uma vez eu me dissolvo na noite e corro atrás dele, me preparando para outro golpe de magia.

Isso nunca acontece.

Galleghar reaparece em um dos pátios reais, seu corpo se formando em um instante. Eu me junto a ele um segundo depois, os dois se encarado.

Após o incidente na sala do trono, seus guardas estão prontos para me atacar. Assim que avistam a mim e ao rei no pátio, começam a se

aproximar por todos os lados, lançando

feitiços que fazem o ar ondular. Antes que

qualquer um deles tenha a chance de me

acertar, eu solto a minha escuridão.

Minhas sombras tremulam e se

derramam, avidamente comendo os

feitiços dos guardas como comida





antes de varrer os guardas um segundo depois. Os soldados nem sequer têm chance de gritar; a noite desce sobre eles, os consumindo em segundos. Apenas seus ossos e armadilhas sobrevivem ao ataque, tilintando quando atingem o solo momentos depois.

Eu mandei minhas sombras para Galleghar, mas elas se separam ao redor dele como um riacho ao redor de uma pedra.

Meu pai, que me observou preguiçosamente matar seus soldados, agora estreita os olhos. — Se você conhecesse seu poder melhor, você saberia que a noite não vai atacar a si próprio.

Galleghar pega a espada em seu quadril, a segurando frouxamente perto do seu lado. Sua lâmina é um metal escuro.

Ferro. Homem corajoso por carregar tal arma por aí. Um corte em sua própria pele o enfraqueceria e, quando se trata de batalha, é provável que você se corte com sua própria lâmina uma ou duas vezes.

— Você quer o meu reino? — Ele diz. — Você nunca vai conseguir.

Eu solto uma risada amarga. — Você acha que é por isso que estou aqui?

Ele não responde, apenas faz cara feia para mim.

Eu avanço, minha mão vazia sem minha espada. Minhas armas foram tiradas de mim antes de eu entrar





no palácio. — Estou aqui porque você a matou. Eurielle.

Minha mãe. É estranho chamá-la pelo nome que ela assumiu primeiro como espiã de Galleghar, depois como sua concubina. Isso a faz de alguma forma maior e mais estranha para mim. E ela era - ela era muitas coisas antes de ser minha mãe. Espiã, donzela, amante, guerreira. Levou sua morte para eu descobrir sobre todas elas.

Eu me movo para a borda externa do pátio, me inclinando para agarrar uma das espadas dos guardas caídos do chão. Pensando em me distrair, Galleghar lança um raio de magia em minha direção. Eu levanto meu antebraço e grunho quando ele se quebra contra o meu corpo. As forças emitidas pela armadura que eu uso são encantadas para me defender contra tais ataques.

Eu me endireito, sacudindo o pulsante baque no meu braço enquanto seguro o punho da espada. — Você tinha que saber que não funcionaria.

— Isso matou muitos faes antes, — diz Galleghar.

Eu me movo em direção a ele, afrouxando meu pulso. — Eles eram todos bebês? Ou apenas alguns?

Um músculo em sua mandíbula se endurece. O Rei da Noite pode ser um homem abominável, mas ele





não gosta de ser considerado como tal. O dragão que quer ser cavaleiro. Que bizarro.

Meu pai e eu começamos a circular uma ao outro.

Ao nosso redor, eu posso ouvir gritos e, vagamente, estou ciente de que mais guardas estão vindo em nossa direção. Minha escuridão trabalha rapidamente neles.

— Você vai morrer por isso, — diz Galleghar. — Vai ser lento, e quando você pensar que acabou, você será puxado de volta para a terra dos vivos. Eu vou te quebrar tantas vezes antes de te matar que você não vai se lembrar do seu próprio nome.

Eu sorrio, não me incomodo em responder.

— Veja como você é orgulhoso, — diz ele.

Eu posso perceber que isso o incomoda, minha confiança. Quão incomum deve ser para ele encontrar alguém que não pode assustar. Seus olhos passam por mim e ele zomba. — Alguém pensaria que você já foi coroado rei. Mas você não é um rei. Nascido de uma prostituta, criado como um bastardo, destinado a casar com uma escrava.

Eu quase tropeço.

Como ele sabe sobre a minha companheira?

Ele sorri, a expressão cruel sobre ele.

— Oh, eu sei tudo sobre o fraco Desmond Flynn.

Como?





As sombras sussurram para ele como fazem comigo?

Eu alimento a noite um pouco de magia. Ele pode ouvir você? Eu pergunto.

...Não consegue nos entender...

...Não do jeito que você consegue...

Então ele não descobriu com as minhas sombras.

— Diga-me, — continua ele, — estou curioso, você sabia que estava destinado a acasalar com um daqueles porcos estúpidos?

Meu aperto em minha espada aumenta e fios quentes de fúria me atravessa. Eu o forço a recuar. Gallegar me quer com raiva, ele me quer desleixado. Ele quer que eu queime como o sol com a minha fúria.

Mas eu sou o mais distante e a frieza da noite. Eu sou a escuridão impenetrável. Frio, distante, calmo. Este homem não será minha ruína, eu serei a dele.

— Quase não acreditei, — continua ele. — Não minha linhagem. Mas, considerando a sua educação — ele enruga o lábio superior, — imagino que você tenha mais características da sua mãe do que as minhas.

Essa mãe que me salvou quando ele me queria morto. Em vez de me odiar porque eu era dele, ela me amava porque eu era dela.





— Eu agradeço os deuses, você está certo, — eu digo. Mas temo que ele não esteja. Quando olho para o espelho, é ele que vejo, não minha mãe.

Galleghar continua a se movimentar pelo pátio, passando por cima dos ossos de alguns de seus guardas caídos.

— Então todo esse tempo você se escondeu no meu exército, — diz ele. — Como você deve ter ficado amargo. Lutando por mim.

Sim, por um tempo eu estive. Mas não mais.

— Isso me deu uma audiência com você, — eu digo.

Ele ri, o som tão vazio que soa falso. — Então você me mata, e depois o quê? Você assume meu reino? As pessoas nunca vão te respeitar, um bastardo.

Mesmo depois de tudo, isso ainda é o que ele está preocupado? Seu reino roubado?

Espere um momento.

Eu paro.

Uma ideia tão profunda, tão completamente agitada me atinge. Em toda essa conversa, há algo que ele deixou escapar.

Galleghar sabe sobre a minha companheira, e agora ele continua mencionando o meu interesse em seu trono...

Ele previu o futuro.





Minhas sombras crescem, se aproximando de todos os lados. — Você falou com um profeta e descobriu a verdade, — eu digo, a percepção batendo em mim. — Eles viram a sua morte. E eles me viram te derrubando.

Minha ruína. Foi o que ele disse no céu.

— Hoje não, meu filho malquisto. — Sem aviso, Galleghar lança sua magia em mim.

Eu aperto meu queixo quando ele olha para a minha armadura e se atira no céu. O próximo segue o primeiro. Isso acaba agora, solto a minha espada e lanço uma explosão da minha própria de volta para ele.

É o poder bruto colocado contra uma energia bruta. Nossos ataques fazem a terra sacudir, atingindo as delicadas plantas que cercam o pátio e retirando os paralelepípedos do chão. Até as estrelas parecem tremer, sua luz se iluminando e diminuindo.

Galleghar gira se afastando de mim, arremessando outro golpe na minha direção, e tudo que posso fazer é desviar disso. Nós dois

estamos trancados em uma dança mortal. Eu

arremesso uma série de tiros nele,

enquanto evito os deles. Eu começo a

sorrir mesmo quando o suor escorre pelo meu rosto.

Finalmente, um adversário digno.

Um que eu posso libertar todo o





meu potencial. Se eu não estivesse tão ansioso para matar meu pai, eu diria que estava me divertindo.

Eu pulo para o céu, jogando outra rajada de magia em seu caminho enquanto tento me esquivar de um de seus golpes. Mas eu subestimei o alcance das minhas asas. Seu poder atingi a borda de uma, perfurando a pele membranosa.

Eu assobio, minha asa se dobrando e eu começo a mergulhar no chão enquanto sua magia queima através de mim. Minha própria magia troveja dentro de mim enquanto eu caio, e Galleghar não consegue evitar isso. A força total dela bate em seu peito, o jogando em uma cerca próxima.

No instante seguinte, eu bato no chão com força, a pedra quebrando abaixo de mim. Eu me forço a me levantar, mesmo com o meu corpo protestando. Minhas asas se dobram em minhas costas enquanto eu me endireito.

Galleghar geme de onde está, demorando para se levantar, e eu uso isso a meu favor, o esmurrando com um, dois, três, quatro explosões

do meu poder. Seu corpo recua repetidamente a cada golpe, empurrando de novo os arbustos.

O Rei da Noite está lá imóvel, e então, quando começo a pensar que finalmente o dominei, seu corpo se dissolve na noite.





Eu quero rosnar em aborrecimento. Aqueles sucessivos golpes deveriam tê-lo destruído; eles teriam destruído qualquer outro inimigo. Em vez disso, ele ainda tinha energia suficiente para se dissipar desse lugar.

Eu usei tudo o que tenho. Não tenho certeza se isso é o suficiente. Nosso poder é muito parecido. Você não pode afogar a água com água ou queimar fogo com fogo.

Se eu quiser acabar com ele, não será com minha magia.

Eu pego a espada que eu deixei cair mais cedo, olhando a minha volta. Galleghar não apareceu, mas sei que ele está aqui em algum lugar, esperando para me pegar desprevenido.

Ele se aparece no ar acima de mim, abaixando-se sobre mim com a arma equilibrada. Eu levanto a minha espada bem na hora, apertando os dentes enquanto eu suporto todo o poder e peso de Galleghar.

Ele deve ter descoberto a mesma coisa que eu: que não podemos matar o outro apenas com a nossa magia. É preciso algo mais básico para nos matar.

Com um grunhido, eu finalmente o atiro para longe. Ele cai rolando, se levantando um momento depois com a espada a punho.

Eu sempre imaginei que meu pai era um fraco que gostava de se esconder por de trás de suas ameaças, violência e prestígio, mas, a





contragosto, admito que ele é um inimigo impressionante, e não apenas por causa de sua força bruta. Mesmo que ele não tenha visitado um campo de batalha na história recente, ele é um lutador habilidoso.

Ele me encara e desaparece.

Eu estou movendo minha espada antes que ele reapareça, e é uma coisa boa. Minha lâmina encontra a dele no momento em que a ponta chega a minha garganta.

Estou tão perto dele que posso ver todas as características que herdei dele. Os olhos cinzentos e gelados, a testa orgulhosa e os lábios curvos. Eu fui um tolo em pensar que eu poderia me esconder à vista de todos por esses anos. Eu sou quase seu gêmeo. Eu fui um sortudo filho da puta por não ter sido descoberto.

Nossas lâminas guincham quando eu forço o dele para longe. Antes que eu possa avançar, Galleghar desaparece mais uma vez. Eu só percebo que ele apareceu atrás de mim quando eu sinto o corte de sua lâmina contra as minhas costas, o ferro fritando minha carne e comendo a minha magia. Eu aperto meu queixo contra a dor, virando para encará-lo. Mas novamente, ele se foi.

Ele some e aparece, apenas demorando o suficiente para passar a espada pela minha pele, e a cada golpe eu enfraqueço. Minhas





roupas logo se tornam uma colcha de retalhos de linhas escarlates. Eu me movo mais devagar e meus golpes são mais fracos.

Não consigo acompanhá-lo.

O pensamento traiçoeiro desliza pela minha mente.

Eu poderia ter experiência de combate, mas meu pai teve tempo para cultivar seu poder e aperfeiçoar suas habilidades de luta.

Isso e ele ainda tem uma espada de ferro.

Eu não sou páreo.

Galleghar deve sentir meu momento de fraqueza, porque ele redobra seus esforços, sua lâmina cortando da esquerda, para a direita, de cima, para baixo, assobiando pelo ar com cada golpe.

Com um golpe final, ele me coloca de joelhos.

Eu sou uma bagunça sangrenta. O líquido carmesim escorre de uma dúzia de feridas diferentes. Minha magia não vai fechar nem o mais superficial deles.

Galleghar caminha ao meu redor, com o rosto satisfeito. — Esse foi o melhor que destino poder me jogar? Um bastado fraco?

Tão cansado. Cansado como jamais estive.

Desculpe mãe. Você não terá justiça depois de tudo.

Galleghar gira a espada, um sorriso malicioso curvando o canto dos lábios.





Ele era um homem que gostava de matar.

Não como você. As palavras da mulher mortal soam pela minha mente.

Se eu não matá-lo, mais mulheres como ela serão compradas e vendidas, usadas e mortas. Se eu não acabar com ele, mais soldados morrerão no campo de batalha, mais faes serão tomadas para o seu prazer ou executadas porque o desagradam.

Eu consigo reunir um pouco de teimosia.

Não vou deixá-lo me matar.

Eu finco um pé embaixo de mim.

Se eu não o derrotar, ninguém o fará.

Eu começo a me levantar. Estou coberto de um brilho do meu próprio suor, meu corpo tentando se livrar das toxinas que entraram na minha corrente sanguínea.

Ele levanta uma sobrancelha. — Não é o suficiente, não é?

Este é o homem que forçou minha mãe em seu harém. Que a humilhou na minha cara, o homem que a assassinou.

Minha magia começa a se construir novamente.

Ele é um veneno mais potente que o ferro, um flagelo que precisa ser varrido da terra.

Com um grito, eu me lanço para ele, com a espada à mostra. Já não sou frio e impassível. Eu não sou a noite escura e intocável, mas a estrela moribunda dentro dela. Eu sou





calor e paixão, raiva ardente, e sinto tudo agora. Cada violação, cada desrespeito cada vida cortada por este homem. A ruína que ele causou. Eu sou mais rápido do que nunca, meus movimentos são mais precisos e poderosos.

Seu sorriso de satisfação é apagado enquanto ele erra os golpes. Ele tenta desaparecer, mas agora sou a sombra do Rei das Sombras, prevendo cada um de seus movimentos. Nós dois entramos e saímos da noite, formando o suficiente para atacar um ao outro antes de desaparecer na escuridão.

Nós aparecemos sobre os ossos de um de seus guardas, a espada de Galleghar erguida para cima, e pronto para me cortar. Mas em sua ânsia, Galleghar deixa seu próprio peito exposto.

Eu me movo como o vento, envolvendo uma das minhas mãos em volta do seu pescoço. E então, com o outro, eu dirijo minha espada através de seu coração. Faz um som molhado e carnudo quando entra nele.

O corpo de Galleghar se sacode com a intrusão. Fracamente, suas mãos envolvem minha lâmina.

Ninguém te previne sobre esse tipo de morte - o tipo pessoal. Quanta energia você precisa colocar em seu golpe para forçar uma lâmina entre as costelas. Como você pode sentir sua arma atravessar as partes duras e





cortar a carne mais macia. Quão íntimo é quando
você olha nos olhos de um homem enquanto tira
a vida dele. É tão íntimo quanto ter um amante,
apenas desejos diferentes e mais terríveis levam à
morte.

Décadas tenho sonhado e planejado e esperei por este momento.
Finalmente, esse momento é meu.

O rei da noite começa a rir.

Eu olho para ele, horrorizado. Ele levou uma espada no coração. A
última coisa que ele deveria estar fazendo é rir.

— Eu sabia que esse dia chegaria, — ele diz. Ele balança em seus pés
antes de suas pernas desmoronarem debaixo dele. Ele cai primeiro de
joelhos, suas mãos deslizando para longe da minha lâmina. — Eu
tentei impedir, mas você não pode enganar o destino.

Galleghar cai de costas. Ele está curvado e torcido de uma maneira
que só os moribundos fazem.

Ele ri novamente, desta vez mais fraco quando o sangue começa a
cobrir seus lábios. — Você acha que é melhor que eu - posso ver em

seu rosto - mas você não é. A necessidade de
conquistar e matar está em nosso sangue.

Eu olho para ele, friamente. Eu posso
sentir suas palavras deslizando sob a
minha pele, e eu sei que elas vão me
devorar nos próximos anos.





A cabeça de Galleghar balança para frente e para trás com suas risadas fracas. — Vamos ver... Que outras coisas uma alma pode ser.

Era suficiente.

Eu torço a espada em seu peito. Ele engasga, sua garganta gorgolejante. Ele agarra meu braço enquanto eu puxo minha lâmina, seus olhos arregalados, como se ele não esperasse a morte depois de tudo. Uma torrente de sangue escorrega de sua ferida. Ele aperta minha armadura, aqueles olhos cinzentos congelados fixos nos meus. Lentamente, a escuridão os leva até que, eventualmente, não há mais Galleghar Nyx, apenas uma casca vazia.

Depois de quatro séculos de tirania, o Rei das Sombras está morto.





CAPÍTULO OITO

Um corpo para amaldiçoar

Há 220 anos

Na cripta Real debaixo do meu palácio, eu olho para o corpo do meu pai. Ele está deitado em uma laje de pedra branca, seu corpo limpo e vestido. Aqui embaixo as luzes fae brilham fracamente, fazendo as paredes de mármore arqueadas ao nosso redor brilharem na luz fraca.

Mesmo na morte, há algo em seu rosto que é arrogante, cruel e inconquistável. Olhando para ele e você teria pensado que ele tinha saído vencedor do nosso duelo.

Eu toco minha testa, onde meu círculo de bronze imperfeito fica. Recuso-me a usar a coroa de Galleghar ou qualquer outra, exceto esta. É a coroa de um soldado - simples, despretensiosa e mais importante, não fica na porra do caminho se a batalha começar.

Eu vivi muito tempo na lama para desenvolver um gosto por coisas extravagantes.

Eu baixo a minha mão. Naquela última noite da vida de Galleghar, na noite em que o matei, ele sabia que eu tiraria o reino dele. Eu realmente não tinha compreendido isso. Eu achava que poderia entrar, acabar com ele e desaparecer no ar. Governar nunca





fez parte da minha estratégia. Mas mesmo se eu não fosse filho de Galleghar, matar reis é como os conquistadores chegam ao poder.

Então, aqui estou eu, relutante em liderar, mas ainda mais relutante em abdicar e deixar um dos bajuladores conspiradores de Galleghar herdar o trono.

Eu ando em volta do corpo do meu pai e esfrego meu lábio inferior com o polegar. Eu odeio que ele tenha que ficar aqui, permanecendo neste castelo, mesmo agora. Eu não tenho intenção de deixá-lo ficar, mas no momento, não há outro lugar para ele ir.

Já se passaram semanas desde que o atingi com minha espada, e em todo esse tempo seu corpo não evaporou. As criaturas não o comeram - nem os cães de caça, nem os pássaros, nem os peixes, nem mesmo os monstros que vivem nos campos de Memnos. Eles foram a minha primeira tentativa de eliminá-lo, para o choque e horror de todos os nobres arrogantes. Eles têm mais medo de mim e de meus modos bárbaros do que tinham do meu pai.

Quando as criaturas não consumiram o corpo de Galleghar, eu tentei enterrá-lo, apenas para que a terra o cuspsse de volta. Tentei colocar seu corpo no mar, mas a água se recusou a aceitá-lo. Nem mesmo o fogo profanou a sua carne; a pira queimou até o chão e, assim que as últimas brasas morreram,





Galleghar ainda estava lá, com todos os fios de cabelo da cabeça intactos.

Eu o estudo agora, meus olhos se estreitando.

Existem apenas quatro razões pelas quais um corpo não decai: Um, o fae não está morto. Dois, o fae é poderoso demais para matar. Três, o fae é muito puro de coração para retornar à terra. E quatro, o fae é tão depravado que a natureza se recusa a reivindicá-lo.

Este último motivo parece o mais preciso.

Minha boca se afunda enquanto olho para o corpo incorruptível de Galleghar Nyx. Muito acima de mim, as últimas mulheres de seu harém estão arrumando suas coisas e indo embora. De suas centenas de concubinas - e, no final, havia centenas - dezenas e dezenas lamentaram sua perda, algumas chegando a ser abertamente hostis a mim. Ele matou seus filhos e elas ainda lamentaram a morte dele. Eu não posso envolver minha mente em torno disso.

Seus aposentos serão convertidos em uma sala de armas, uma biblioteca e suítes. Todos os vestígios do uso anterior dos quartos serão apagados. É o mínimo que posso fazer para honrar a memória da minha mãe.

E é isso que tudo se resume: eu matei Galleghar porque ele matou a pessoa que eu amava. Eu chamei de justiça, mas isso não parece justiça; minha





mãe ainda está morta, eu ainda estou sozinho, e esse vazio dentro de mim ainda está lá.

Dou um olhar final ao Rei das Sombras. Tantas coisas que ainda queria dizer a ele. Tantas maneiras que eu ainda queria machucá-lo.

Eu nunca vou ter a chance.

Eu pego seu corpo e o atiro por cima do meu ombro. Não importa. O rei está morto e esta noite será a última noite em que Galleghar Nyx vai assombrar esses corredores.





Há 220 anos

Leva várias horas para chegar às Terras Banidas. Esta terra árida e escarpada é a única área do Outro mundo que não é governada por nenhum dos principais reinos. Se você cometeu algum grande pecado e conseguiu evitar uma sentença de morte, provavelmente você será banido para este lugar, o que para a maioria dos faes é quase o mesmo que uma sentença de morte.

Uma planície aberta de terra banhada pelo sol se estende ao meu redor, desprovida de vida. A paisagem plana e árida só é quebrada pelos íngremes penhascos rochosos que me cercam de ambos os lados.

Não é simplesmente que este lugar esteja vazio de vida. É que a própria magia foi destruída da terra.

A maior parte do Outro Mundo está impregnada de poder. Está no ar, na água, nas plantas e nos animais - na própria terra. E é esse poder que nos dá vida. A história por trás das Terras Banidas é que, há muito tempo, quando o santificado dos deuses veio a governar o Outro Mundo, Oberon e Titânia, a Mãe e o Pai,





foram os primeiros a descobrir a magia. Ficava nos campos selvagens e no mar brilhante. Ele se lançou largamente com a noite e floresceu com a aurora de cada dia.

Eles descobriram que podiam se fortalecer bebendo profundamente da terra, e assim fizeram. A Mãe e o Pai, percebendo que os corações dos faes sempre seriam famintos, procuraram moderar os apetites dos seus semelhantes, e assim eles deram a cada domínio divino um aspecto do Outro Mundo - noite, dia, terra, mar, plantas, animais, amor, guerra, morte. O poder foi dividido e transmitido até que todos tivessem um pouco. Cada deus poderia extrair poder do aspecto que governavam e somente dele. Apenas Oberon e Titânia poderiam usar a magia crua de tudo.

Mas os faes são criaturas famintas, especialmente impiedosas, e não muito tempo depois de receberem o dom da magia, muitos dos deuses menores se levantaram contra Oberon e Titânia. Uma grande batalha foi travada entre esses titãs aqui nesta parte do Outro Mundo.

Os deuses roubaram a magia do ar, da terra, das plantas e animais que vagavam pela terra. Eles puxaram dos riachos e o tiraram das estrelas e das sombras. Tudo isso para abastecer seu poder monstruoso.

No final, a mãe e o pai derrotaram seus inimigos e os massacraram de onde estavam. Mas o dano já havia





sido feito. A terra tinha sido abusada tão exageradamente em seus recursos que se tornou magicamente estéril. Nenhuma quantidade de tempo e nenhuma quantidade de magia restauradora poderia desfazer o dano.

E foi assim que as Terras Banidas passaram a existir.

Até o mundo mortal tem mais magia que este lugar. É o pesadelo de todos os faes. Para nos isolarmos do sustento que nos mantém caminhando... Isso pode enlouquecer um fae.

À minha frente, um aglomerado de rochas marca meu destino. Eu caminho até eles, o corpo do meu pai ainda está caído sobre o meu ombro.

Eu uso minha magia para afastar os pedregulhos maiores. Abaixo dela, um buraco se abre na terra. Eu caio nele, ilumino a caverna com um pouco do meu poder. As luzes feéricas que eu lancei brilham fracamente enquanto a terra arranca minha magia e seca. Tudo aqui leva um pouco mais de energia por um resultado pequeno.

A sala subterrânea em que entro nada mais é do que um fosso esculpido na terra, e o sarcófago do grande rei é apenas um pedregulho grosseiramente esculpido em um caixão coberto. Usando meu poder, tiro a tampa e despejo meu pai no caixão de pedra.





Eu não posso queimá-lo, enterrá-lo ou dá-lo como alimento para os carniceiros, mas posso bani-lo. Eu posso deixá-lo onde a magia morre. Com outro movimento do meu pulso, a tampa se ergue no ar e desliza de volta para o caixão.

A última coisa que vejo é o rosto de Galleghar e, em seguida, a tampa de pedra rasa sobre ele, fechando com um estrondo profundo.

Um por um, deixo as luzes das faes se apagarem. Eu paro antes de sair, uma onda de agitação desliza sobre mim.

Por que o Outro Mundo não toma seu corpo?

Isso me incomoda. Magia desafia a lógica, mas até isso adere a certos padrões.

Eu dou uma última olhada no túmulo do meu pai. Afastando meu pressentimento, eu desapareço na noite.





CAPÍTULO NOVE

Tudo é justo no amor

Há 208 anos

Já faz quase trinta anos, mas estou de volta à vida selvagem de Memnos, em busca de uma profetisa cujo nome eu não conheço.

— É uma ideia estúpida, — Malaki disse quando eu disse a ele onde eu estava indo. — Há coisas lá que não dão a mínima se você é rei. Eles vão comer você do mesmo jeito.

Eu coloco meus punhais em meu cinto. — Então eu vou fazê-los me temer.

Ele franziu a testa para mim.

— Eu preciso falar com essa mulher, — expliquei. — Ela tem as respostas que eu procuro.

— Pelo menos me deixe ir com você, — ele implorou.

Mas eu não o deixo se juntar a mim. Malaki era o único em quem confiava o suficiente para governar em meu lugar.

Então agora eu ando pela floresta escura sozinho. O lugar é ameaçadoramente silencioso, salvo por alguns uivos não naturais de vez em quando.

Tenho a nítida impressão de estar sendo seguido, mas pelo o que não tenho ideia.





Deixe-os me perseguir, eu poderia conseguir uma luta.

— Onde ela está? — Eu pergunto as sombras agora.

— ...*Quem?*... -

— A profetisa — eu digo. Eu jogo a sua imagem para noite. A escuridão se acumula em torno dela, estudando suas feições.

— Procurando por mim? — Uma voz ronrona em minhas costas.

Eu me viro e enfrento a mulher sozinha. Ela é exatamente como eu me lembrava. Seu cabelo prateado cai em cascata até a cintura e seus olhos são um pouco loucos.

Aqueles olhos loucos me encaram. — Desmond Flynn, tem sido pouco tempo. Diga-me, por que meu rei veio me visitar?

Ao contrário da última vez que me encontrei com ela, não é um choque ouvir meu nome verdadeiro falado de seus lábios. Agora que eu não estou mais me escondendo - agora que sou rei - é o nome pelo qual eu atendo.

Eu pensei que gostaria de me livrar de toda a minha triste infância, mas sou estranhamente sentimental sobre o meu nome. É uma lembrança dos meus humildes começos - e da mãe que deu tudo por mim no final.

— Eu acho que você já sabe, — eu digo.

Na verdade, não tenho certeza de que a profetisa saiba. Eu não sei quanto onisciente ela é. Mas é melhor assumir o pior.





Ela levanta as sobrancelhas. — Oh eu sei agora?

Eu não respondo.

Seu olhar flui para meus punhos de guerra. — Eu vejo que você seguiu minhas instruções. — Sua atenção

flutua para mim. — Estou curiosa, — ela diz, — você acabou matando-o? — Ela sorri um pouco enquanto pergunta.

A profetisa começa a andar ao meu redor, suas saias balançando com o movimento. — Eu imagino que você fez. — Ela toca um dos meus braços, passando os dedos levemente para baixo. — Você tinha muita raiva na última vez que nos falamos. Eu me pergunto se ainda queima tão calorosamente...

Eu levanto uma sobrancelha zombeteira. — Esta é a melhor leitura que você pode fazer nos dias de hoje? É claramente menos impressionante do que eu me lembrava.

— Ah, o poderoso rei finalmente está se encontrando. Vou tentar o meu melhor para atender às suas expectativas. — Ela sorri para mim, como ela pode ver através da minha bravata.

A profetisa para na minha frente. — Então você não está aqui para acabar com seu pai, e você já tem a coroa... —

Ela levanta os dedos. — Vamos ver:

vingança, poder - ah, isso! Amor. — Ela parece positivamente satisfeita. —

Você está aqui sobre a garota humana, não é? — Ela joga a cabeça





para trás e ri. — O poderoso Desmond Flynn foi atingido pelo amor.

Isto é manifestamente nada divertido.

Ela aperta minhas mãos na dela, me assustando.

— Fale, — ela diz.

— Fale o quê?

— Fale que você está aqui por ela - a garota humana. Fale: 'Estou apaixonado por uma escrava que nunca conheci'.

Ah, pelo amor de Deus.

Ela ri novamente. — Fale -O pensamento dela deixa meu pau duro.-

Estou lidando com uma mulher louca. Eu começo a me afastar dela.

— Ah, ah, — ela repreende. Sua magia ataca, abrindo a pele ao longo do meu pescoço.

Eu a agarro pela garganta enquanto meu sangue começa a fluir, batendo suas costas contra uma árvore próxima. — Você percebe que é alta traição ferir o rei? — Eu digo baixinho.

Talvez eu consiga lutar hoje à noite depois de tudo.

Ela estende a mão e dá um tapinha na minha bochecha. — Vamos lá,

então, Desmond, não seja um babaca. As profecias não vêm livremente. —

Enquanto ela fala, o sangue escorrendo pelo meu pescoço começa a se afastar. A profetisa coletando seu pagamento.

Relutantemente, eu solto a mulher.





Ela esfrega o pescoço, os olhos distantes. — Sua companheira humana vai te deixar meio louco antes de encontrá-la, e ainda mais quando você a encontrar.

O olhar da profetisa aguça mais uma vez. Ela recua e eu acho que isso é apenas parte de sua natureza inquieta até que eu percebo que ela está saindo.

Eu a ultrapasso. — Espere, é só *isso*?

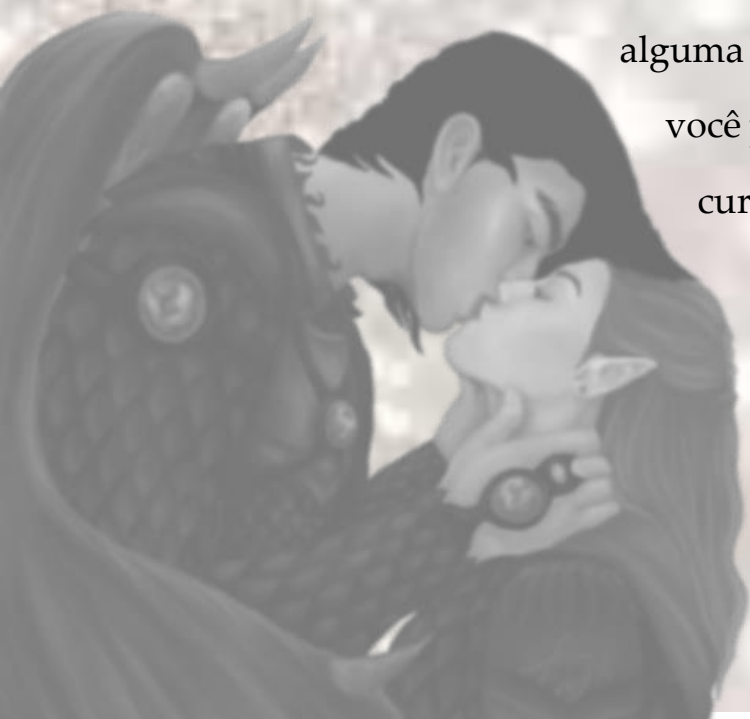
Eu toco a ferida que cura ao longo do meu pescoço. Dei-lhe muito mais do meu sangue desta vez do que antes. Certamente ela tem mais para mim do que uma única sentença da profecia? Especialmente um que eu poderia ter dito a ela eu mesmo.

Ela me dá um olhar perplexo. — Eu tenho contrariado você, meu rei? — O canto de sua boca se curva um pouco.

Eu quero sacudir esta mulher. — Isso não foi uma profecia, — eu rosno.

— Foi, — diz ela, — só que não foi a que você queria. — Ela me dá um olhar irônico. — Você achou que encontrá-la seria fácil? Que de

alguma forma o Destino devia ser fácil para você porque o fio da sua vida é muito mais curta do que a nossa? — Ela toca meu peito, bem onde meu coração descansa sob a pele e o tecido. — O amor custa mais que o poder e é mais do que vingança ou ódio.





A profetisa solta a mão e se afasta. — Espero que
você a encontre. Boa sorte, meu rei, — ela diz, e
acho que ela está falando sério.

Com isso, ela se derrete na floresta. E eu não estou
melhor do que antes.





CAPÍTULO DEZ

Da Terra

174 anos atrás

Eu ajusto minhas roupas estranhas, olhando para o meu reflexo em um dos espelhos que cobrem os corredores do palácio. Minha roupa é muito mais grossa do que estou acostumado. Eu posso praticamente sentir as mãos calejadas e as horas de trabalho que foram gastas no tecido, depois o tecendo, depois meticulosamente tingindo, cortando, moldando, costurando.

Isso me lembra de um tempo que estou melhor esquecendo, uma época em que tive que fingir que não estava explodindo em minhas roupas com o poder.

Eu ouço o barulho de passos quando alguém desce o corredor.

— Desmond! — Uma mulher fae chama.

Eu levanto o meu olhar a tempo de ver Harrowyn, uma mulher nobre, indo em minha direção, suas bochechas rosadas e seus lábios orvalhosos.

Eu esfrego minha mão na minha boca. *Nunca deveria ter dormido com a filha do general.* Mas em minha defesa, ela já deveria me conhecer - todas deveriam conhecer - que eu não sou bom por mais de uma ou duas noites de diversão. O problema é que toda mulher





acredita que é aquela que será a única. Que ela será a fae para quebrar o covarde Rei da Noite de seus maus hábitos. Que ela vai usar sua coroa e gerar seus filhos.

Nunca vai acontecer.

Eu passo a mão sobre o tecido grosso que eu uso. *Preciso me livrar disso.* Eu não tenho tempo para Harrowyn. Eu preciso sair agora, ou não vou sair de jeito nenhum, e isso é o mais próximo que cheguei em décadas.

Amaciando meus nervos, me viro e vou para os fundos do palácio. Harrowyn me chama de novo, sua voz ficando cada vez mais fraca quando percebe que não vou responde-la.

Uma vez um bastardo, sempre um bastardo.

Deixo a mulher fae e o castelo atrás de mim, cruzando os terrenos reais em direção à casa circular do portal que avança à minha frente. Eu lancei minha magia nela e suas enormes portas se abriram. No interior, o ar oscila, parecendo uma miragem. Eu olho para o portal. Eu estou realmente fazendo isso.

Pela primeira vez em anos, meu coração começa a trovejar.

Minha companheira já pode ter vivido e morrido. Você pode nunca encontrá-la.

Hesito, minhas próprias inseguranças enterradas profundamente em mim.





Uma parte mais profunda e primitiva de mim esmaga minhas inseguranças com uma simples declaração — *Eu devo tentar.*

A necessidade de encontrá-la se tornou quase um pensamento obsessivo meu.

Eu respiro fundo, olhando para o ar oscilante do portal, e então passo através dele.

Terras passam por mim, mundos também. Eu vejo tudo passar enquanto desço. Eu estendo minha mão e o vórtice ao meu redor ondula. Montanhas cobertas de neve e desertos empolgantes aumentam o zoom. Eu fico olhando maravilhado até encontrar a saída que estou procurando.

Saio da linha, o mundo se focando. Eu endireito a bainha do meu casaco enquanto dou uma boa olhada ao meu redor.

Terra.

Eu estive aqui algumas vezes. Nunca por muito tempo, mas sempre tempo suficiente.

O terreno está pintado em tristes e sombrios tons de cinza e, no horizonte, posso apenas sair de Londres. Eu tento não fazer careta. Já consigo ver os rostos cansados e desesperados de seus habitantes, já posso sentir o cheiro do estrume e do excremento humano que reveste as ruas lamacentas. Eu





posso ouvir a tosse das pessoas vivendo juntas.
Que lugar miserável. E aqui estou eu, pronto para
me juntar a eles.

Porque em algum lugar, algum lugar minha noiva
estará entre eles.





CAPÍTULO ONZE

Como o negociador passei a ser 155 anos atrás

Minha bota cava no pescoço do metamorfo. De todos os supernormais da Terra, os metamorfos podem ser os filhos da puta mais loucos por aí. Este se tornou um cão de rua sórdido para se esconder de mim.

— Ah, — eu digo, inclinando a cabeça, — você achou que eu não iria encontrar você?

À nossa volta, os sons de Calcutá flutuam pelo ar. Infelizmente, para o homem que estou moendo no chão, ninguém vai parar nesse beco.

— Por favor.

— Você sabe qual é o seu problema? — Eu pergunto casualmente, a bota ainda em seu pescoço. — É que todos do seu tipo pensam que podem ser mais espertos que eu. — As sombras deste reino são particularmente desleais. Não é preciso muito para que elas falem.

Eu me inclino e puxo o pulso de Edgar Worthington nas costas. Uma linha preta e grossa está entalhada no antebraço do metamorfo.

— Você tem uma dívida a pagar. — Isso é o que eu ganho por dar aos criminosos uma coleira solta.

— Eu ia pagar! — Ele diz, sua voz aumentando com a mentira.





— Você ainda *vai* pagar, — eu digo. — Só que agora, você fará um esforço adicional. — Em seu antebraço, outra linha preta começa a aparecer ao lado da primeira.

O metamorfo começa a gritar quando a marca queima em sua pele.

— Não, não!

— Agora você não vai apenas encontrar os nomes de todas as almas gêmeas registradas na Europa, você vai conseguir os registrados nas Américas também. — Este não é um plano infalível para encontrar minha companheira, mas é um começo.

Ele cuspiu. — Eu não concordei com isso

Eu torço o braço dele. — Você não concordou? Engraçado, parece que me lembro de você estar muito ansioso para cobrir o meu lance quando você queria dinheiro. — Me aproximo de seu ouvido.

— Desta vez, eu sugiro que você realmente cumpra a sua parte no acordo, ou então você descobrirá porque eu ganhei a reputação que tenho. -

Com um rápido puxão e um pouco de magia, quebro o braço esquerdo dele.

Por uma fração de segundo, o rosto de Edgar registra surpresa. Então a dor se instala e ele começa a gritar. — Você quebrou a porra do meu braço!





— Você tem três semanas, — eu digo sobre seus gritos.

Ele está suando e ofegante, ainda olhando para o seu braço, até as minhas palavras afundarem. — Três semanas? — Sua atenção se encaixa em mim. — Isso é impossível. Levará meses para navegar pela a Europa sozinho.

— É por isso que é uma coisa boa você ser um metamorfo. — Ele pode se transformar em qualquer criatura que ele quiser e nadar ou voar até lá.

Eu me endireito, o liberando. Arrumando a minha camisa, eu me viro.

— Mas meu braço está quebrado! — Ele grita em minhas costas.

— Não é problema meu, — eu digo por cima do meu ombro.

De volta ao Outro Mundo, sou feroz, mas honrado.

Aqui sou desprezível e sem lei. Aqui sou o negociador.





CAPÍTULO DOZE

O oposto da esperança

Há 37 anos

Faz tanto tempo. Um século atrás, pensei que vir à Terra fosse uma boa ideia, mas talvez todos esses anos eu tenha desperdiçado meu tempo.

Sua alma gêmea já viveu e morreu. Você não a encontrou a tempo.

Eu posso sentir o desespero rastejando enquanto eu desço a linha ley, de volta ao meu palácio, mas sei que voltarei à Terra novamente.

Como eu não iria?

O caminho para encontrar minha companheira queima em mim. Suando eu deito para dormir, meus pensamentos sobre ela eu fecho os olhos. Quando eu tomo outra mulher, é o toque e o gosto de minha companheira que eu fantasio. Quando me sento no meu trono ou olho para a minha cama, é o espaço vazio ao meu lado que desejo preencher.

Caçá-la se tornou meu novo vício. Noite após noite volto à terra por ela, meu coração se esgotando, desgastando.

Nestes longos anos eu me tornei cínico, mas nunca perdi a minha determinação.

Assim que a encontrar, e tenho que acreditar que a encontrarei, não a deixarei ir. Vou mimá-la, amá-la e,





eventualmente, a alimentarei com o vinho lilás.
Eu a farei total e completamente minha e serei
dela.

Até a escuridão morrer.





Parte II

Seja Minha Sempre





CAPÍTULO TREZE

O começo

Maio, há 8 anos

— Negociador, eu gostaria de fazer um acordo.

No momento em que ouço aquela voz feminina flutuar pelo éter, sei que há algo diferente nisso. Parece que a ambrosia desliza pela minha garganta e me ilumina de dentro para fora.

Atraído pela minha curiosidade, eu me manifesto dentro de uma casa chique de Los Angeles. Há sangue por toda parte, respingado nas paredes, na mesa, nas cadeiras, no chão. Parece que alguém tentou pintar a cozinha com os dedos.

E bem no seu epicentro está o que costumava ser uma pessoa, deitada em uma poça de líquido escarlate.

Depois de um momento, assobio para o corpo sem vida. — Esse é um homem morto. -

Eu ando até o cadáver em questão. Eu vejo esse tipo de coisa com muito mais frequência do que as pessoas gostariam de acreditar.

Amigo ou amante fica irritado com o parceiro e o mata em um ataque de paixão.

Existem poucas maneiras de remediar esse tipo de coisa. Felizmente para meus clientes, sou um desses remédios.

Eu olho o corpo.





— Hmm, — eu digo. Meu cliente está com sorte.

— Correção. Quase morto.

— O quê? — Mais uma vez essa voz percorre minha pele como uma carícia, despertando a minha magia.

Isso vai te custar provavelmente mais do que você está disposta a oferecer, - eu digo -mas eu ainda posso ressuscitá-lo, -

— Eu não quero ele vivo, — diz a mulher, horrorizada.

Eu me viro meus olhos atraídos para a criatura por trás da voz.

E então eu a vejo.

Eu me sinto como se tivesse sido atingido por um trem de carga. É preciso muito esforço para manter meu rosto inexpressivo. Ela é estranhamente linda, mas eu não acredito que tenha algo a ver com a minha magia subindo e descendo pela minha pele.

Tum-tum, tu-tum... Meu coração fica mais lento até quase parar.

Como um relâmpago me atingindo, sinto uma agitação no peito e minhas asas começam a se manifestar.

Queridos deuses, essa poderia ser...?

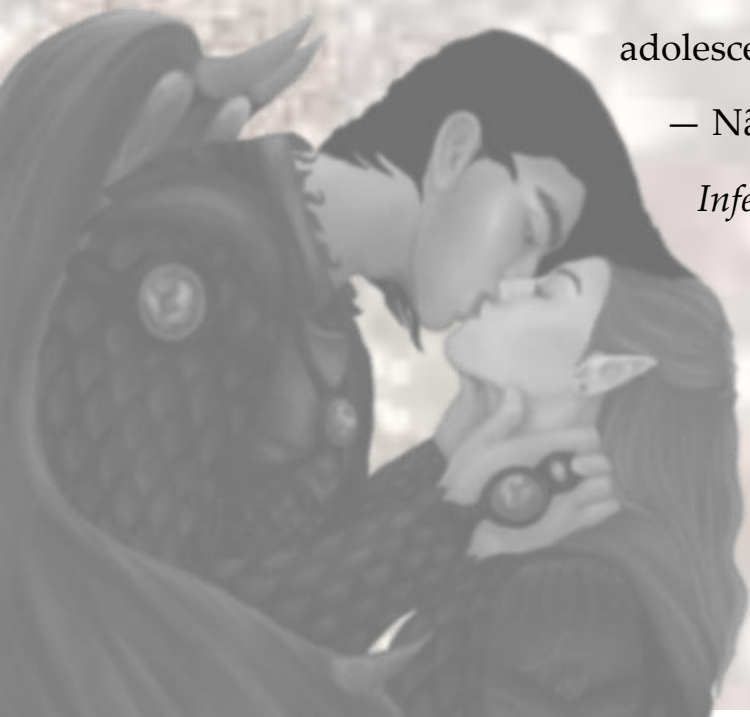
Eu penso de novo. Essa não é uma mulher. Esta é uma garota. Uma adolescente.

— Não — eu digo.

Inferno não.

— Não o quê? — Ela pergunta.

— Eu não faço negócios com menores. — Eu não sei como eu tenho capacidade para responder





logicamente. Os diabos sabem que minha reação não teve nada a ver com uma barganha.

Querido fodido destino e anjos, depois de todo esse tempo...

Mas eu não deveria sentir mais que isso? O compartilhamento entre almas gêmeas a conexão deveria se encaixar na reunião.

A empolgante alegria que passa por mim esfria um pouco. Eu não deveria apenas sentir a ligação, eu deveria senti-la através disso. Tudo que sinto é um formigamento no meu peito e...

Tome-a, pegue o que é seu.

É ela.

Merda.

Já ouvi o suficiente sobre a possessividade dos faes e esperava por essa reação.

Ainda assim, não há algo certo sobre isso - sobre *mim*.

É uma emboscada. Alguém descobriu o meu segredo e eles armaram para te pegar.

Eu começo a desaparecer.

— Espere, espere! — A garota me chama, sua voz entra em pânico, e quando ela faz isso, sua pele cintila, se iluminando por poucos segundos.

No momento em que a magia pulsa através dela, eu *sinto*. É quase





imperceptível, mas por um instante senti uma pressão no meu coração.

O vínculo.

Não, eu penso, a encarando furiosamente, não.

A profetisa disse que ela seria humana, e essa garota não é humana, nem perto. A profetisa disse que ela seria minha companheira, mas esse encontro não parece a conexão instantânea pela qual eu estava esperando.

Fodidamente estranho é o que é isso.

Alguém deve ter me amaldiçoado; o que estou sentindo tem que ser algum tipo de encantamento sombrio lançado de um inimigo em mim.

Depois de um momento, a pele luminosa da garota volta ao normal.

Meus olhos estreitam. — O que você é? — Eu pergunto.

...Sereia...

Uma sereia? *Claro*. A beleza, a má sorte - tudo faz sentido.

— Por favor, — a garota pede, sua pele não mais se iluminando por dentro. — Eu realmente preciso fazer um acordo.

— Escute, — digo, distraído, — Ouça, eu não faço negócios com menores. Vá a polícia.

— Esse é o discurso normal que dou aos mortais menores de idade que me chamam. Só que desta vez, eu me forço a dizer as palavras e fazer o





papel. Eu tenho que lutar contra o impulso de ajudá-la.

— Eu não *posso*, — diz ela, e percebo agora o quanto mal sua mão treme. — Por favor me ajude.

Porra, por que isso é tão difícil?

...Você sabe porquê...

Meu olhar se move para o rosto da garota, e no momento em que eu a olho, sei que já vou concordar com qualquer barganha idiota que ela queira. Mesmo que algum inimigo meu esteja orquestrado este encontro. E é tudo por causa de seus olhos. Eu não posso desviar o olhar deles. Aquele velho ditado mortal que diz, que olhos são janelas da alma, é absolutamente verdadeiro; estes estão feridos, muito, muito feridos.

Talvez isso não seja uma manobra inteligente. Talvez ela seja simplesmente o que parece, e a estranha atração que sinto não tem nada a ver com algum encanto escuro.

O sangue a cobre, salpicado em seu rosto, salpicado em seu seio e grudava em seu cabelo. Seu lábio inferior tremia.

O que aconteceu com você e quem eu tenho que matar para consertar?

A escuridão assobia, clamando ao meu redor, divulgando todo tipo de segredo.

...Muito tarde...

...Ela já te atingiu...





...Abusou dela...

...Muitos anos...

...Muitos horrores...

...Teve o que merecia...

A fúria me invade enquanto as sombras me contam todos os seus segredos. Eu agarro o homem morto, e tenho que lutar contra o desejo real de esmagar seu rosto com a minha bota. Minha atenção volta para a garota.

...companheira...

Cale-se.

— Quem é ele? — Eu pergunto, sentindo todos os tipos de emoções sinistras aumentando.

Ela engole.

— Quem. É. Ele? — Estou quase explodindo de raiva. Eu não me sinto assim desde o meu pai, e mesmo assim, será que a minha raiva foi sempre tão quente, agressiva e feroz?

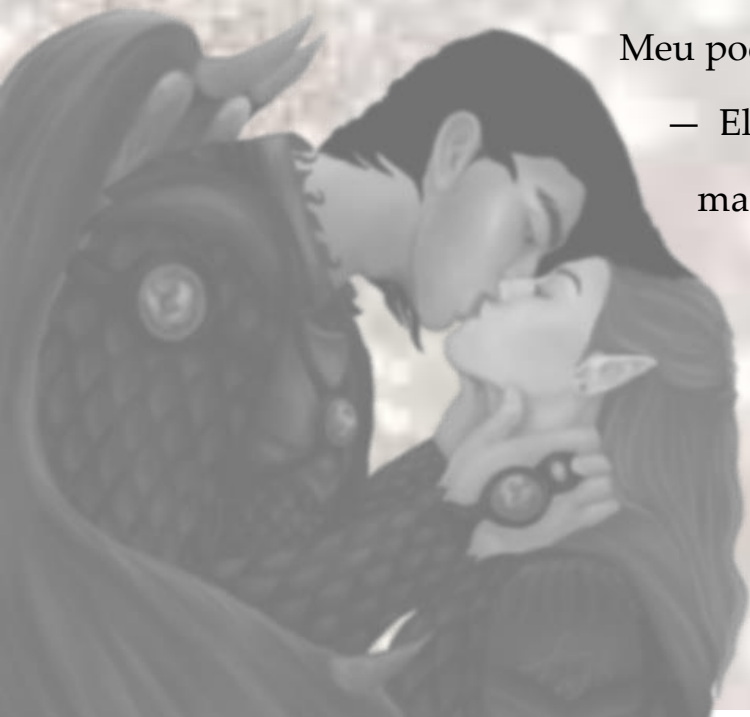
— Meu padrasto, — ela diz.

Meu poder engrossa em minhas veias.

— Ele mereceu? — Eu já sei a resposta, mas não posso aceitar. Se essa garota é quem eu acho que ela é...

Você não sabe se ela é sua alma gêmea.

Nada sobre isso se alinha com o que você





já ouviu falar sobre companheiros ligados. Você poderia estar sendo enganado.

Uma lágrima desliza por sua bochecha, cortando uma mancha de sangue que marca seu rosto. A visão corta minha fúria e ceticismo e desperta a pouca empatia que tenho. Eu vi muitas pessoas vulneráveis ao longo da minha vida, mas esta é a primeira vez que a dor de alguém parece minha.

Eu esfrego minha boca. *Ela é uma adolescente sangrenta, Desmond. Uma adolescente em um lugar ruim.*

Talvez eu esteja sendo enganado, talvez não. Mas ela é jovem e assustada e tem morte em suas mãos, e a visão chega até mim.

Eu não posso não ajudá-la.

— *Tudo bem,* — eu falo. — Eu vou ajudá-la.

Não posso acreditar que estou fazendo isso - *sem nenhum custo.* Só desta vez.

Estou me convencendo, mais do que para a garota. — Considere isso minha boa ação para o século.

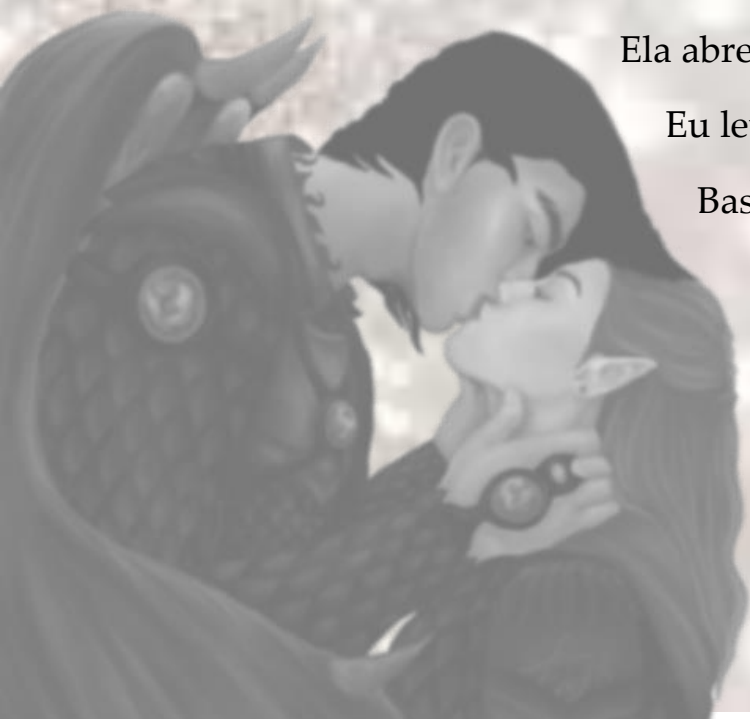
Quebrando todas as minhas regras malditas.

Ela abre a boca para me agradecer.

Eu levanto a mão. — *Não.*

Basta acabar com isso e dar o fora antes de prometer mais alguma coisa a garota.

Eu libero minha magia, deixando-a percorrer pelo ambiente. Primeiro,





ele queima o sangue, esfregando todos os vestígios dele da cozinha. Se a polícia investigasse este lugar, a cozinha sairia limpa. Até mesmo a Polítia, a força policial sobrenatural, não seria capaz de descobrir um traço de sangue, embora eles possam perceber o fraco resíduo de magia que meu poder deixa para trás.

Em seguida, eu acabo com a garrafa quebrada. Normalmente, para trabalhos como esse, guardo as provas. Eu fiz isso por muito tempo para saber que os clientes adoram renegar os compromissos. Manter por perto de pequenos lembretes maldosos de seus feitos é um longo caminho para garantir que homens e mulheres maus permaneçam honestos.

Eu acho agora que não tenho isso em mim para segurar essa evidência sobre a cabeça da garota.

Otário de bom coração. Mesmo que ela seja quem eu acho que é, ter alguma influência seria a coisa mais inteligente a fazer. Em vez disso, queimo tudo.

Quando termino de remover a evidência, concentro minha atenção no corpo.

Esse pedaço de merda. Eu consigo reconstruir bem a noite desta menina das coisas deixadas para trás. Há um livro e anotações manuscritas na mesa da cozinha. Dever de casa. Em





algum momento entre uma tarefa da escola e jantar, a vida dessa garota foi para o inferno.

Entre a garrafa quebrada e o pescoço do morto, ela deve ter usado a garrafa como uma arma, achando que ele ficaria longe. Mas ele não ficou, ele foi até ela, então ela se virou para ele, acertando seu pescoço e cortando uma artéria no processo. E foi bem, assim que isso aconteceu, acabou o jogo.

Este deslize de menina matou um homem, e em vez de chamar a polícia ou a Polítia, ela me ligou. Os pelos dos meus braços se arrepiam. Isso é mais do que o acaso; esta é minha morte na mão... Ou é o destino se movendo entre nós.

Eu foco minha atenção no homem a minha frente.

Suas feições parecem familiares...

Eu endureço.

— É quem eu acho que é?

Ela não precisa responder; Eu ouço profundamente nos cantos escuros da casa.

...Hugh Anders...

Eu solto uma série de xingamentos.

O recém-falecido é um respeitável vidente em alguns círculos e um infame em outros. Não admira que o tenha reconhecido; ele era um colega de profissão. Nós dois vivíamos da sorte dos criminosos.





Essa garota só fez minha boa ação dez vezes mais difícil.

— Malditas sereias amaldiçoadas, — eu digo em voz baixa. — Sua má sorte está me atrapalhando.

Assim que o mundo sobrenatural perceber que Hugh se foi, todo tipo de gente vai começar a cutucar e fazer perguntas desagradáveis. Há dúzias - se não centenas, de clientes de Hugh que vão telefonar para sua própria equipe de limpeza, prontos para apagar quaisquer pistas condenatórias que possam ligá-los ao homem morto. Vai ser aberta a temporada para qualquer um remotamente ligado a Hugh.

E estou olhando para a pessoa mais próxima dele.

Eu vou ter que ganhar favores por isso. Tudo por uma garota com olhos assombrados... Que pode ou não ser minha companheira.

Meu coração pula uma batida.

— Tem algum parente? — Pergunto. Seria bom demais para ser verdade.

Ela balança a cabeça, os braços enrolados como se estivesse se abraçando, e eu finjo que não estou tendo todos os tipos de desejos estranhos para protegê-la e confortá-la.

Eu xingo novamente. Adolescente órfã, pai assassinado... Esta história está começando a soar familiar.





— Quantos anos você tem? — Eu pergunto.

— Eu vou fazer dezesseis anos em duas semanas.

Eu relaxo com as palavras dela. Eu posso trabalhar com dezesseis anos.

— Finalmente, — eu respiro, — algumas boas notícias.

Arrume suas malas. Amanhã você está se mudando para a Ilha de Man. *Onde eu poderei ficar de olho em você de longe.*

Parece que eu dei um tapa na cabeça dela. — O que? Espere — *Amanhã?*

— A Peel Academy tem aulas de verão daqui a algumas semanas — digo suavemente. Eu já tinha conseguido apertar alguns botões para conseguir um intercambio para uma criança meio-demônio meio-humana, se matriculasse. A Academia Peel não gosta particularmente de criaturas das trevas enfeitem seus estimados corredores; sempre é preciso alguns acordos e muita torção de braço - tanto figurativa quanto literal - para matricular magias indesejadas. Essa garota não será nada em comparação.

— Você vai participar das aulas a partir de então, e não vai contar a ninguém que você matou o maldito Hugh Anders. — Este trabalho

seria a ruína da minha existência. Hugh Anders. De todo azar do mundo

— A menos que, — acrescento, — você prefira que eu deixe você aqui com essa bagunça. — zero chance de isso acontecer. Mas ela não precisa saber disso.





— Não, por favor, fique!

Seu desespero é um soco no meu estômago. Eu não sei o que fazer com esse sentimento que está me amarrando. Tão estranho.

E eu ainda não consigo decidir se ela é uma armadilha ou a coisa real.

— Eu vou lidar com o corpo e as autoridades, — eu digo. — Se alguém perguntar, ele teve um ataque cardíaco.

Meu olhar permanece na garota. Eu acho que estou hesitante em deixá-la. Ela está com ensanguentada e abalada, e eu quero limpar o medo de seus olhos.

Eu empurro o pensamento para longe. Estendo meus dedos, o corpo de Hugh Ander levanta no ar.

— Há algo que você deveria saber, — eu digo.

— Uh-huh? — Seu olhar se dirige para o homem que ela matou, e eu posso ver sua coragem escorregando. A última coisa que eu preciso é que ela desista.

— Olhos em mim, — eu comando.

Sua atenção volta para mim e posso vê-la se recompondo fisicamente.

— Há uma chance de minha magia se desgastar com o tempo — eu digo. —

Eu posso ser poderoso, mas essa maldição muito pequena que todas





vocês sereias tem pairando sobre suas cabeças
podem anular até mesmo a minha magia. —

Não é segredo que a má sorte segue as sereias, o que
significa que meu poder, sem dúvida, vai se desgastar.

E isso significa mais magia e tempo gasto sem retorno. É assim
que se sente ao trabalhar com isso.

— O que acontece se for esse o caso? — Ela pergunta.

Eu sorrio. Uma sereia que não sabe imediatamente jogar como
algumas pessoas — agora isso é novo.

—Então é melhor você começar a usar suas artimanhas femininas,
querubim, — eu digo, provocando-a. — Você vai precisar delas.





Maio, há 8 anos

Eu me manifesto num terreno vazio a um quilometro de distância da casa da garota. Agora que estou finalmente sozinho, paro de lutar contra o meu instinto.

Minhas asas explodiram nas minhas costas.

Eu praticamente engasgo com o meu próprio choque.

Essa garota... Ela era - é -Pode ser - minha companheira.

Não. Por tantas razões, não.

Mas a voz dela, o rosto dela, o toque dela - e o jeito como minhas asas reagiam, o jeito que todo o meu corpo reagia...

Não.

Mas minha magia pulsa de um jeito que nunca aconteceu.

Eu aperto minhas têmporas, fechando meus olhos para pensar. Mas

foda-se tudo, eu não consigo pensar quando ainda posso ver seu rosto perfeitamente em minha mente, seus olhos escuros me assombrando.

Ela matou o pai dela. Minha pele pinica. Seu presente está ecoando meu passado, e está mexendo com





todos os tipos de emoções com as quais eu não quero lidar. É como se alguém segurasse um espelho no meu rosto e me mostrasse um vislumbre dos meus anos conturbados de adolescência.

E ainda...

Ela é requintada. Perfeita.

Mas ela pode não ser minha. Ela é uma sereia, pelo amor de Deus, ela é destinada a enfeitiçar otários como eu. E isso sem levar em conta a possibilidade de que alguém a esteja usando para chegar até mim.

Eu esfrego meu peito, onde meu coração ainda lateja.

Mas ela pode ser minha. E essa possibilidade é tudo.

Eu tento afastar o rosto da garota da minha mente, mas não vai desaparecer. Ela tem o mesmo cabelo preto da minha mãe e o mesmo olhar atormentado em seus olhos que eu costumava ter.

Eu olho por cima do meu ombro, na direção de onde eu a deixei. Independentemente de quem sou ou quem ela é, ela é muito jovem para eu estar à espreita. Vou terminar essa barganha, e isso será o fim - por enquanto.

Agora que eu sei onde ela está e onde ela estará pelos próximos dois anos, vou ficar de olho nela de longe. Quando ela for mais velha, vou me aproximar dela novamente. Até lá, vou manter minha distância.





Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo. Minha pele parece estar eletrificada, e meu coração, meu coração estável, está batendo, sentindo tudo como se fosse a primeira vez.

Cada vez que passa, mais seguro fico que talvez ela não seja uma armadilha depois de tudo. Que ela não é apenas uma garota, mas *a garota*.

Depois de todo esse tempo, eu finalmente encontrei minha companheira.





CAPÍTULO QUATORZE

Inferno para pagar

Maio, há 8 anos

Dirijo-me a casa de George Mayhew, um antigo cliente meu e um dos melhores necromantes² de todos os tempos. O homem é viciado em pó de duende, e ele vai barganhar seus serviços em um instante por sua próxima dose. Desgraça para ele, conveniente para mim.

Eu apareço na sala de Mayhew. Um segundo depois, o cadáver sem sangue de Hugh Anders aparece também, o coloco em sua mesa de café espalhando uma caixa de pizza quase inteira e derrubando uma cerveja.

— Puta merda! — George se empurra de seu sofá, seu controle de videogame voando de seu aperto. — Ei, que porra, cara? — Ele diz, me olhando.

— Ressuscite-o, — eu ordeno, sacudindo a cabeça para o corpo.

— Cara, você arruinou meu jantar.

Como se eu me importasse.

A necromancia ou nigromancia é a suposta arte de se comunicar com o mundo espiritual para obter informações do passado, do futuro ou do pós vida por meio da evocação dos mortos ou dos espíritos destes, utilizando-se ou não dos restos mortais que pertenceram a outras pessoas.





Eu olho em torno de seu lugar. O apartamento de George cheira como uma loja de animais, graças aos roedores que ele cria. A necromancia é, em essência, magia de sangue. É preciso vitalidade para trazer algo de volta dos mortos, e George, como a maioria dos necromantes, não gosta de se matar para o trabalho quando podem matar uma pequena criatura fofinha em vez disso.

— Você quer mais uma fonte de pó? — Eu digo. — Ressuscite-o.

Ele me olha obstinadamente. — Eu tenho te chamado há semanas e você está me ignorando. Por que eu deveria ajudá-lo agora?

— Tudo bem, — eu digo. Eu estalo meus dedos e o corpo sai da mesa.

— Eu vou encontrar outro necromante.

George se levanta um pouco rápido demais. — Espere, espere, espere.

— Ele enxuga as mãos engorduradas em sua camisa.

Cara de classe.

— Quantos gramas? — Pergunta ele. Seus olhos têm um brilho ganancioso para eles.

— Vamos ver, — eu respondo.

Ele passa a língua ao longo do lábio inferior, fingindo realmente considerá-lo.

Finalmente ele concorda. — Eu vou fazer isso, — diz ele.

Eu gesticulo para o corpo. — Então, faça isso.





George se levanta, sua atenção se movendo para o cadáver. Um momento ele é um viciado, no seguinte, um profissional. Ele circula Hugh Anders, inclinando a cabeça enquanto inspeciona o homem morto.

—O idiota parece elegante, — comenta. — O que ele fez para se livrarem dele?

Eu ignoro a pergunta de George.

Quando ele percebe que eu não estou respondendo, ele levanta as palmas das mãos. — Tudo bem, cara, sem perguntas. — Ele retorna para a tarefa em mãos. — Cerveja? — Ele oferece.

Eu olho para ele. Ele e eu sabemos que ele está testando minha paciência.

Ele sacode a cabeça. — Apenas tentando ser educado.

George se abaixa agarrando um dos braços de Hugh. — Ainda quente, — diz ele para si mesmo. Ele dobra o apêndice. — E a rigidez da morte não se estabeleceu - este é novo. Isso o torna fácil.

Ele se levanta, desligando a TV e o jogo que eu interrompi. Ele então se dirige para o seu sistema de entretenimento, abrindo um armário situado ao lado da TV. A partir dele, pega pequenas sacolas com várias ervas, várias velas e um pacote de fósforos. Colocando as velas no





chão ao redor da mesa de café, ele as ilumina uma a uma.

Depois que ele faz isso, ele apaga as luzes da sala e vai para o seu quarto, retornando com uma aranha peluda em concha na palma da mão.

Eu cruzo os braços e me inclino contra a parede, observando ociosamente o necromante, meu sangue fervendo. O que aconteceu com ela... Vinha acontecendo há anos. Minha companheira tinha sido vítima e eu não tinha a mínima ideia. Eu aperto meu queixo, deixando minha raiva ficar fria e dura.

Ainda segurando a aranha em cativeiro, George começa a borrifar as ervas ao redor do corpo, recitando um encantamento enquanto o faz. Finalmente, ele leva a aranha que segura e, puxando uma faca de bolso, fatia a criatura abrindo-a.

Normalmente, os necromantes precisam de um suprimento sanguíneo maior, mas como Hugh Anders está recém-morto, é preciso apenas uma centelha de magia para chamar seu espírito de volta ao seu corpo, por isso a aranha como sacrifício.

Um momento depois, sinto o calor da magia de George atravessar a sala enquanto ele converte o sangue da criatura em poder.

As velas ao redor de George tremulam. Então, de repente, elas apagam.





Na escuridão, ouço um suspiro, e os sons de respiração pesada.

A voz de George toca pela sala. — De acordo com os estatutos dos Sete Acordos Necromânticos, é meu dever informá-lo que...

Eu agito minha mão, silenciando a voz do necromante. George agarra sua garganta, olhando para mim.

Eu passo em direção a Hugh, minhas botas tilintando no chão. — Você não sabe quem eu sou, — eu digo, me aproximando do homem. — E você não sabe onde você está, só que não é o inferno. — Eu agacho na frente dele. Ele não pode me ver na escuridão. — Infelizmente para você, quando eu terminar com você, você vai estar me implorando para voltar lá.

Eu afasto o meu braço e acerto o vidente no rosto. Sua cabeça se afasta, frio.

George tropeça em choque, fazendo um som rouco que é a versão dele de um grito. Para um homem que mata insetos e pequenos roedores para viver, ele com certeza não tem apetite por violência.

Eu puxo o vidente anteriormente morto por cima do meu ombro.

— O que você está fazendo? — George pergunta. Trouxe muitos corpos para ele no passado, mas quase sempre eram pessoas que outra





pessoa me pagou para reviver. O necromante nunca me viu fazer isso.

Eu sacudo minha cabeça e dez sacos de pó de fae se manifestam no ar, cada um caindo na mesa de café de George. — Prazer em fazer negócios com você.

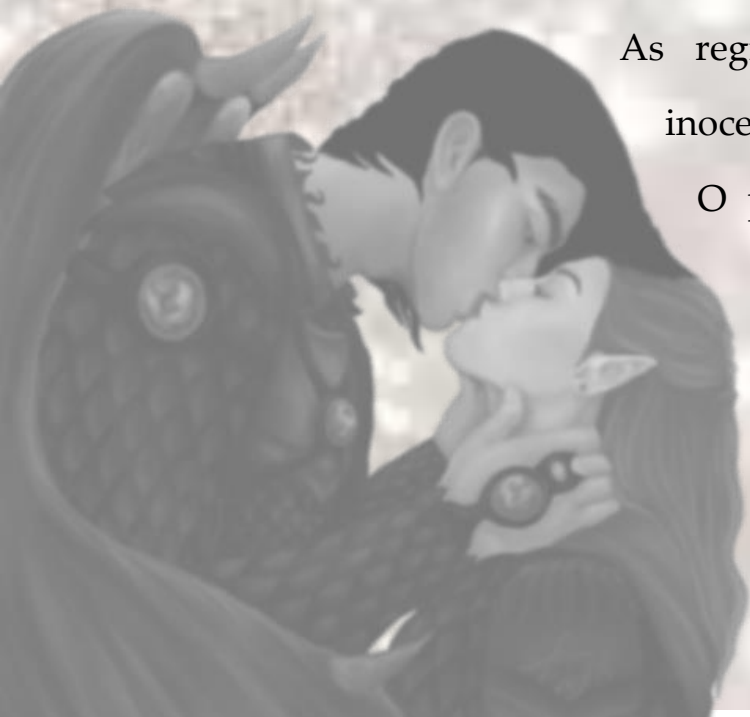
E então Hugh e eu fomos embora.

Maio 8 anos atrás

No mundo dos monstros, ainda há uma divisão entre o bem e o mal. Mesmo os mais depravados de nós têm um código de ética, um livro de regras que nos permite sobreviver. O homem em meus braços poderia ter queimado aquele livro de regras.

As regras são simples: você fode com inocentes, você fica na lista negra.

O pensamento do que ele fez com a minha companheira... Estou tentado a esmagar seu corpo e pulverizar seus ossos. Eu me controlo.





Eu tenho algo melhor guardado para ele.

Assim que Hugh acorda, ele começa a lutar contra mim, mas é inútil. Ele pode ter o dom da previsão, mas os videntes não podem ver seus próprios futuros.

Ele não tinha a mínima ideia de que um dia cruzaria comigo.

O idiota deve ter seu próprio futuro lido por outro vidente em algum momento - todos esses caras fazem - mas meu palpite é que sua última leitura estava desatualizada. Quando alguém obtém sua leitura futura, isso dá a eles caminhos para mudar esse futuro. Hugh provavelmente mudou seu futuro, e os efeitos dessa decisão o levaram até aqui, nos braços da verdade.

Largo Hugh para derrubá-lo de novo e depois o joga por cima do ombro. Eu me dirijo a Memnos, andando por suas florestas, em direção ao meio da ilha. Criaturas gritam e uivam com o cheiro do sangue seco de Hugh. Nas profundezas da Terra dos Pesadelos estão as catacumbas de Memnos, e no coração das catacumbas está o Poço, onde tudo cai em um abismo. As coisas que vivem lá fazem até meu sangue gelar.

Quando chego à cova, deixo o inconsciente Hugh na borda e espero. Não demora muito. Os saqueadores vêm em primeiro lugar. Essas criaturas humanoides doentias são as guardiãs do lugar.

— É um ser humano, — diz um deles, curvando os lábios. Os





mortais simplesmente não têm o mesmo tempo de vida ou capacidade de magia que os fae - pelo menos a maioria não tem. Faz com que eles sejam breves e, portanto, menos divertidos.

Eu não posso fazer nada sobre sua mortalidade, mas, — Ele é um vidente, — eu digo.

Eles reconsideram o homem, inclinando a cabeça de um lado e para o outro. Do gigantesco e aberto buraco da Mina, muitos monstros diferentes começam a se mexer, alguns começam a soltar gritos estridentes, outros, gemidos baixos. Há até algumas gargalhadas assombradas. Todos os ruídos ecoam pelas paredes do poço antes que a trincheira profunda e engula o ruído.

— Sim. Nós iremos nos divertir com ele.

Isso foi o que eu pensei.

Eu recuo quando as criaturas começam a sair da escuridão, aproximando-se cada vez mais de Hugh Anders, que ele agora está despertando. As chamadas começam a se apoiar umas nas outras; esse lugar está se transformando em um frenesi.

O vidente pisca os olhos, olhando em volta, confuso.

— Eu voltarei em um dia — eu digo. —

Até lá, ele é seu.

O homem, afinal, precisava parecer ter tido um ataque cardíaco.





Os olhos de Hugh ficam arregalados e assustados enquanto ele observa as dezenas de criaturas sombrias que se aproximam dele. Ele não precisa ver seu futuro para saber que está fodido.

Eu me afasto do homem.

A última coisa que ouço são os gritos de Hugh. Eu sorrio ao som.





CAPÍTULO QUINZE

Meu amor verdadeiro

Novembro, 8 anos atrás

— Negociador, eu gostaria de...

Eu nem preciso ouvir a frase completa, ligando de longe, para saber quem é.

O doce tom de gaita da voz de Callie instantaneamente aquece meu sangue e desperta meu poder.

Minha companheira precisa de mim.

Eu me aproximo do meu mais recente cliente, o viscoso policial da Polítia que ainda está tentando agir corajoso, apesar do fato de que o cara está pensando endurecer comigo.

— Você tem dois dias para pegar para mim os arquivos em Llewelyn Baines, exatamente como nós concordamos, — eu digo. — Use-os com sabedoria.

E então eu desapareço.

Um momento depois eu me materializo no quarto de Callie. Eu me odeio um pouco que meu coração bate como uma maldita menina do colegial no momento em que estou perto dela.

Minha alma gêmea. Essa percepção ainda me tira o fôlego.

Seu corpo está enrolado em sua cama, de costas para mim. Daqui eu





posso ver que ela está mexendo sua pulseira de contas ao redor de seu pulso. A visão de todos os favores que ela me deve, favores que a manterão em minha vida por muito tempo, me enche de culpa e alívio. Ela não deveria me dever nada, e ainda assim eu aprecio o fato de que ela já está conectada a mim, apesar de suas dívidas.

O quarto cheira... E, pelo que consigo ver de Callie, ela olha baixo - muito vermelha, apática demais.

— O que está errado, querubim? — Eu pergunto, forçando minha voz a ser um pouco mais dura do que ela quer ser. Olhe para mim, cacarejando como uma babá. Essa garota vai ser a minha morte.

— Eu estou doente.

Doença? Meu coração bate um pouco mais rápido. Faes podem sofrer de doenças, mas são quase todas de origem magia. Humanos frágeis são diferentes. Seu próprio ambiente pode adoecer-los, matá-los.

Quanto mais eu olho para o corpo dela, mais óbvio mostra que ela está, de fato, doente. Seu corpo inteiro treme sob os cobertores e, em

sua mesa de cabeceira, há uma pequena garrafa de ibuprofeno e um copo vazio.

Parece ser uma defesa insignificante contra o que quer que esteja afligindo-a.





Do lado de fora, a chuva bate contra a janela, obscurecendo as terras do campus da Academia Peel.

Vou até a cabeceira dela e, baixando, pressiono as costas da mão na testa suada. Ela está assustadoramente quente.

Isso é normal para um humano, digo a mim mesmo. Mas mesmo assim, minha mente relembra todos os outros invernos que eu vi na Terra e todos aqueles outros seres humanos que sucumbiram a tais febres.

Callie olha para mim, parecendo dolorosamente cansada. — Estou feliz que você veio, — ela respira.

Como se eu não viesse. Os cães do inferno não podiam me impedir. Mas ela não precisa saber disso.

Ela lambe os lábios rachados. Ela precisa de água. Eu pego para ela um copo um segundo depois.

— Obrigada, — ela diz fracamente. Ela se senta, e eu posso perceber que esse movimento dói.

A água parece tão inútil quanto o ibuprofeno.

Eu poderia dar-lhe o vinho lilás. Tudo o que tenho que fazer é fingir que é um tônico mágico. Ela bebe, e tecnicamente ela ficaria melhor instantaneamente. Então o nosso vínculo se completaria.





Eu não sabia, quando a conheci, que nossa magia conflitante me impedia de senti-la do jeito que as almas gêmeas costumam fazer. Nossa conexão não será totalmente formada até que nosso poder se torne compatível. Um gole do vinho lilás cuidaria disso; nosso vínculo se encaixaria...

Seu bastardo egoísta, você roubaria suas chances em uma vida normal.

Um horrível tipo de frustração passa por mim. Eu tenho apenas que assistir esta jogada.

Ela toma um gole da água.

Eu sinto minhas sobrancelhas franzem. — Beba mais.

Callie está bem o suficiente para olhar para mim. — Você não tem que ser tão mandão, eu estava planejando fazer isso.

Ah, e essa atitude. Eu poderia viver disso. Isso reduz a pior das minhas preocupações e estabiliza meu coração incerto.

— Você já comeu? — Eu pergunto, olhando para ela.

Ela sacode a cabeça. — A cozinha está muito longe. — E a tempestade é muito ruim e ela está muito doente para fazer a caminhada.

Eu franzo a testa para ela. Ninguém pensou em trazer-lhe alguma coisa para comer ou beber? Um flash de raiva e proteção aumenta dentro de mim.

Proteja sua companheira.

Foda-se, hoje à noite eu vou ser aquele babaca.





— O que você gostaria de comer? — Eu pergunto a ela. Eu meio que espero que ela diga que ela não tem apetite.

— Sopa, — diz ela.

Meu coração quebra um pouco com a resposta dela. Então, ela estava com fome, mas ela está muito doente para fazer algo para comer.

Há algo seriamente errado sobre isso.

Avaliando, eu posso ser o companheiro mais malvado do mundo.

Não posso nem cuidar da minha sereia até que ela me chame.

Lutando contra minha natureza, eu passo a mão no cabelo de Callie longe de seu rosto. — Eu volto já.

Eu desapareço do quarto dela e fui parar numa casa de macarrão do outro lado do mundo. O restaurante faz sopa meio decente - se, você gosta de merda molhada.

Aparentemente, as meninas doentes gostam.

Callie come a sopa em cinco minutos.

— Obrigado, Des, — diz ela uma vez que ela terminou, colocando a tigela vazia em sua mesa de estar e se deitando. — Tanto pela a sopa como por ficar comigo.

Eu aceno, tentando não agir como se qualquer uma dessas situações não estivesse sob minha pele. — Eu vou ter que sair em breve.





Mentiroso.

— Você pode ficar comigo? — Ela pergunta.

Pelo resto da noite, ela quer dizer. Este é o seu desejo, que eu me sente ao lado dela durante a noite.

Isso é novo. Estou acostumado a dormir com faes brincalhonas, não com adolescentes doentes que não conseguem manter os olhos abertos.

E deuses, como eu quero dizer sim. Eu quero deixar essa farsa e ser honesto com ela, mas o fato é que ela é uma adolescente e eu não sou. Eu sacudo minha cabeça.

— Por favor.

Pare de fazer acordos comigo, quero falar a ela. Eu não posso resistir a eles. Eu não vou. Eu anseio muito por ela.

Ela estica a mão e enfia os dedos dela nos meus.

Eu franzo a testa para as nossas mãos unidas.

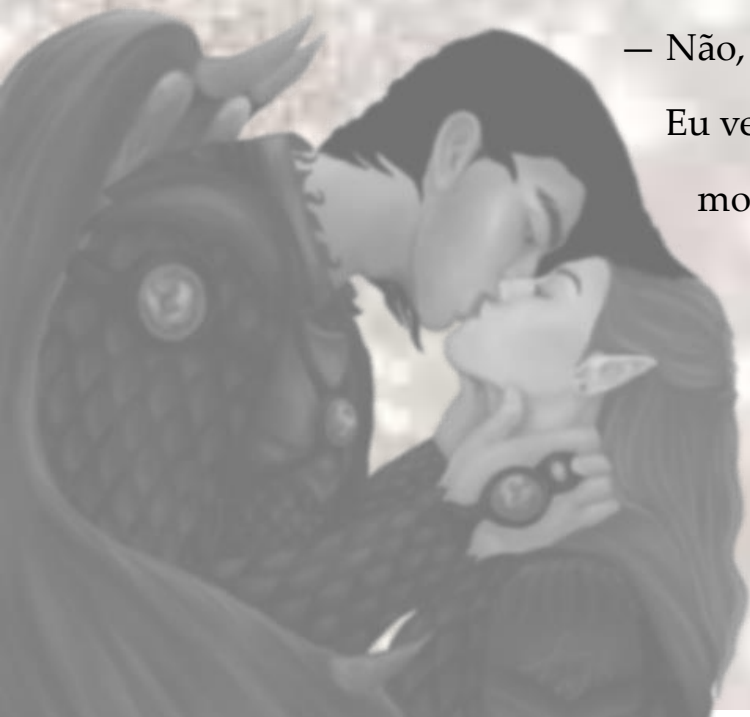
Eu não posso nem dar um beijo nas juntas dos dedos, não sem abrir uma lata de minhocas que eu realmente não estou pronto para lidar. Então, relutantemente, solto a mão de Callie.

— Não, querubim.

Eu vejo um pouco de esperança murchar e morrer em seus olhos.

Seu filho da puta, sua companheira não tem mais ninguém.

Por que tudo que eu faço com essa garota me deixa tão em conflito?





Não há meio-termo conosco dois, é tudo ou nada, e quanto mais eu ponho uma linha dividindo os dois, ficar pior.

Ela se ajeita em sua cama, e eu praticamente a sinto se afastar de mim. Eu quase rosno para mim mesmo em frustração.

Eu uso minha magia para aquecer a sala e deixá-la mais confortável; é o melhor que posso fazer. Um minuto depois, ela para de tremer e, alguns minutos depois, ouço sua respiração estável.

A menina doente está dormindo, o que significa que eu deveria ir.

Em vez disso, eu me sento no chão ao lado de sua cama, minhas costas descansando contra a borda de seu colchão.

O que eu daria para deitar ao lado dela! Mesmo agora eu posso imaginar deslizando sob essas cobertas e enfiando meu corpo no dela.

Valeria a insolação que ela me daria.

Foda-se agir com decência e quem quer que inventou isso. Eu não acho que isso esteja fazendo alguma coisa boa para nós agora.

Usando minha magia, chamo os lápis de cor de Callie e uma folha de seu papel do computador para mim, e então começo a esboçar minha frustração. A imagem toma a forma de uma Callie saudável.

Vou sair assim que terminar, prometo a mim mesmo.





Não é por acaso que esta pintura em particular me leva mais tempo para completar do que deveria. Quando termino, deixo cair na cadeira do computador.

Cautelosamente, eu rastejo para o lado de Callie, colocando minha mão contra sua testa pela segunda vez esta noite. Ela ainda está febril.

Não posso sair agora. Não até eu ter certeza de que ela está melhorando, e não piorando.

Então, usando um pouco da minha magia, eu me escondo dela. Se ela acordasse nesse minuto, ela veria um quarto vazio. Mas ainda estou aqui.

Toda vez que o copo de água dela esvazia, eu o encho de volta. Toda vez que ela tira as cobertas, eu diminuo a temperatura do quarto, e toda vez que ela começa a tremer, eu aqueço o lugar novamente. E me certifico de que há sempre uma tigela de sopa fumegante ao lado de sua cama.

E em algum momento no abismo da noite, horas depois que eu deveria ter saído é quando me bate pela primeira vez.

Eu a amo. Essas três palavras apenas surgem na minha cabeça, completamente formadas.

Eu a amo.





Isso não é nenhuma magia sendo empurrada pela minha garganta. Isso nem é romance. Isso é amor de verdade, o mais puro. A amo agora e além.

Não é luxurioso, não é egoísta ou mesquinho. É o que me faz ficar no quarto de Callie agora, quando deveria estar coletando as barganhas ou governando meu reino porque não suporto a ideia dela estar sozinha. É o que me faz fugir do quarto de Callie toda vez que ela chega perto demais, porque essa emoção é maior que eu - maior que a própria noite - e quero coisas para ela que minha presença não pode lhe dar, como uma chance de ser adolescente.

É amar o coração e a mente de Callie em vez do seu rosto e corpo.

Eu já sabia há algum tempo que estava apaixonado por ela, mas nunca reconheci isso, não até agora. Eu nem percebi que aquelas três palavras que as pessoas usam tão casualmente foram criadas para explicar a emoção profunda e interminável.

Queridos deuses, eu a amo.





CAPÍTULO DEZESSEIS

Uma Coroa de Pirilampos

Dezembro, 8 anos atrás

Os ventos ao longo da costa da Ilha de Man batem em mim e em Callie quando estamos no campus dela. Além do muro baixo ao nosso lado, a terra cai, e o mar tempestuoso bate contra ela repetidas vezes.

Callie olha através do gramado, observando os outros alunos enquanto eles se movem entre os dormitórios da Academia Peel e o castelo propriamente dito.

— Eles não podem nos ver, — eu digo. Eu tenho que mascarar minha presença como precaução. Eu ando em círculos perigosos; Eu não posso ter um cliente irritado falando com Callie porque fui visto com ela. — Mas isso não importaria de qualquer maneira, importaria? — Eu pergunto.

Eu vi o jeito que esses babacas a tratam. Ela é bonita demais para se misturar, mas os estudantes aqui fazem um bom trabalho fingindo que ela não existe.

Ela dá um passo para trás. — O que isso deveria significar?

Eu me aproximo.

— Pobre Callie, — eu faço uma cara feia. — Sempre do lado de fora,





sempre olhando para dentro. — Eu sei muito bem que estou provocando-a.

— Diga, querubim, — continuo, — como alguém como você acaba sendo excluída? — Para mim, era óbvio. Eu era considerado um fae fraco; o Outro mundo despreza tais criaturas. Mas Callie é divertida e envolvente. Eu não precisava estar apaixonado por ela para saber que ela é o tipo de garota que deveria ter um bando de amigos.

— Por que estamos falando de mim? — Pergunta ela, conscientemente colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Porque às vezes você me fascina. — Mais que às vezes...

Ela engole, olhando para o gramado. — Não são eles, sou eu. — Mordendo o interior de sua bochecha, ela chuta um punhado de grama. — É difícil fingir ser normal depois... Você sabe.

Eu quero dizer a ela que é tolice sentir remorso pela morte de seu padrasto, mas talvez seja o fae em mim. Eu não perdi o sono por matar meu próprio pai. Os deuses sabem que o mundo está melhor sem ele.

— Eu acho que tenho que me recompor antes de fazer amigos, — continua ela. — Amigos de verdade.

Esse pouco de honestidade me abala.

Por que diabos o mundo teve que ser cruel com ela? Ela não deveria





ter que sofrer porque algum monstro a machucou. Não era assim que o mundo deveria funcionar.

Eu inclino o queixo, estudando seu rosto. Se eu pudesse, eu sugaria a dor dela. Mas há coisas que nem minha magia pode tocar.

— Que tal eu te fazer uma rainha por uma noite? — Eu digo.

Antes que ela tenha a chance de responder, solto a minha magia, chamando os vaga-lumes da escuridão. Um por um, eles voam no meu ombro, indo direto para uma Callie muito confusa.

Os vaga-lumes a circulam antes de pousar na cabeça dela.

— Eu tenho insetos no meu cabelo, — afirma ela.

— Você tem uma coroa. — Eu sorrio e me inclino contra a parede de pedra.

Você vai usar uma coroa diferente um dia...

Um dos vaga-lumes escorrega do cabelo dela, caindo pelo lenço antes de abrir caminho por baixo da blusa.

— Oh meu Deus! — Seus olhos se abrem quanto pires, e tento me controlar para não rir.

— Insetos safados, — eu falo, — fique longe dos lindos seios humanos.

Eu pego o inseto, me forçando a ignorar uma série de pensamentos inadequados quando meus dedos tocam a pele macia de Callie. Eu





solto o vaga-lume um momento depois, e juntos, nós dois assistimos ele subir e mergulhar de volta em seu cabelo.

Do outro lado, Callie começa a rir.

Ela vai me quebrar. Eu me apaixonei pela escuridão dessa mulher, com sua dor e vulnerabilidade. Isso era o suficiente. Mas quando ela ri - quando ela ri, é quando percebo que sou um homem arruinado.

— Des, você está tentando me animar? — Ela diz.

Eu pego a mão de Callie. — Vamos sair daqui. Você está com fome? O jantar é por minha conta. -

— O jantar é por sua conta? — Ela diz. — Agora isso parece interessante...

Os ossos de Deus, se eu já não a amasse, eu iria agora.

— Querubim, eu posso te transformar em um fae algum dia.





CAPÍTULO DEZESSETE

Um Homem Marcado

Janeiro, 7 anos atrás

Antes mesmo de aparecer no quarto de Callie, sei que algo está errado. Talvez seja a maneira como sua voz vacila quando ela me chama, talvez seja nosso vínculo efêmero, e talvez seja a escuridão, sussurrando segredos que não são deles para contar.

Mas saber que algo está errado e vê-lo são duas coisas completamente diferentes.

Callie está sentada entre uma pilha de roupas usadas, com os olhos inchados e vermelhos.

...Um homem a segura...

... A tocando contra sua vontade...

Eu preciso socar alguém.

Eu cruzo meus braços. — Quem eu tenho que machucar? — Isso, eu vou curtir, eu já posso dizer.

Ela balança a cabeça, seu olhar baixo.

— Dê-me um nome, querubim. — Eu ainda não posso lhe dar amor - mas posso dar vingança.

Ela enxuga o rosto e depois olha para mim. — Ele é um instrutor, — ela sussurra.

Vou matá-lo.





A necessidade de destruir a carne humana é quase física. Eu tenho que compensar porque estou fazendo tudo errado. Estou com muita raiva, não com emoção suficiente. Mas o instinto está me levando a provar para minha companheira que ela é intocável porque ela é minha.

Eu deixo esse movimento de lado. *Mais tarde*, prometo a mim mesmo. Então eu me forço a parar de fantasiar sobre esfolar algum humano vivo e, em vez disso, me sento ao lado de Callie. Eu a puxo para mim e fecho meus olhos.

Ela está bem aqui, em meus braços, digo a mim mesmo. Isso ajuda com a raiva frenética ainda se formando dentro de mim.

Mas então ela começa a libertar sua dor de verdade, todo o seu corpo arfando com seus gritos, e está quebrando meu coração frio e instável.

Eu vou massacrar quem fez isso muito, muito devagar.

Eu a seguro apertado, e a cada segundo que passa alimenta minha vingança. Eventualmente, o choro diminui. Ela se afasta de mim e só com relutância eu a deixo ir.

Seu rosto é uma bagunça de lágrimas, e meu estômago aperta com a visão. Franzindo a testa, eu as limpo. Sentir isso me traz todas aquelas lembranças antigas de quando eu era jovem e a vida me tratava do jeito que ela tem tratado Callie.





Minhas mãos deslizam pela pele macia de suas bochechas até que eu estou segurando seu rosto.

— Diga o que aconteceu. — *Eu serei sua vingança, querubim.*

Ela puxa uma respiração instável. — O nome dele é o Sr. Whitechapel. Ele, ele tentou me tocar...

Whitechapel. De todos os sobrenomes, esse idiota tinha que ter um sacrossanto. O mundo tem senso de humor.

A história flui dela, sua voz muito calma e seus olhos um pouco distantes, um pouco vazios. É uma expressão assustadora, como se ela estivesse se afastando de mim. Mas quando Callie termina, aquele rubor da vida se encaixa em suas feições, e ela começa a chorar de novo.

Não há justiça suficientemente poderosa para consertar o que esse homem fez com Callie - assim como não há justiça suficiente para corrigir os erros de seu padrasto -, embora no final ele tenha chegado o mais perto possível do pagamento.

Eu me lembro que desta vez Callie foi mais forte e conseguiu fugir.

Ela superou seu instrutor. Não apaga o trauma, mas é algo.

Eu a puxo contra mim mais uma vez, descansando meu queixo no alto da cabeça dela. — Querubim, estou orgulhoso de você usar seu poder desse jeito, — eu digo.





Eu já sabia quando a conheci, sangrenta e desesperada, que ela não seria uma vítima omissa; ela não era naquela época e ela não é agora.

Abaixo de mim, seu corpo treme mais forte.

— Quer saber um segredo? — Eu aliso o cabelo dela. — Pessoas como ele nasceram para ter medo de pessoas como nós, — eu digo. Eu posso sentir isso mesmo neste momento, quando ela está no seu ponto mais baixo; suas tragédias estão a endurecendo em algo mais forte, mais feroz, mais escuro.

— Isso é um segredo de merda, — diz ela contra o meu peito.

Eu trago meus lábios para o ouvido dela. — É a verdade. Eventualmente você entenderá. E eventualmente você abraçará isso. Ela vai. Tenho certeza de que é difícil ouvir isso agora, quando a vida parece continuar chutando-a enquanto ela está deprimida, mas um dia as coisas vão mudar para Callie, assim como fizeram para mim. Ela continua a chorar soluços longos e duros que sacodem seu corpo inteiro. Minhas roupas estão manchadas com suas lágrimas.

Eu não sei quanto tempo passa antes de decidir nos levar para a cama de Callie, ainda a segurando apertado. Foda-se meu controle moral; eu desafio alguém tentar me afastar dessa garota.

Suavemente, começo a cantarolar uma canção de ninar que minha mãe costumava cantar para mim, respirando a essência de minha





companheira enquanto faço isso. *Eu estou aqui, eu tenho você*, eu quero dizer. Mas essa é uma linha que não vou cruzar. Então deixo a melodia e meu abraço transmitirem a conversa para mim.

Parece funcionar. O primeiro choro de Callie desaparece, e então a respiração dela se acalma. Quando olho para ela em seguida, ela está com frio. Seus olhos ainda estão inchados e suas bochechas ainda estão manchadas, e eu tenho certeza que eu não poderia amá-la mais, o que só faz a dor e a raiva dentro de mim mais agudas. Eu limpo uma lágrima com o polegar. Eu tenho que ir. Se eu não fizer, eu posso fazer algo imprudente, como ficar a noite.

— Um dia eu não vou precisar te deixar, — eu digo baixinho.

Cuidadosamente eu saio debaixo dela, e então faço algo que nunca fiz com outra mulher - eu a coloco dentro de mim.

O amor é... Não como imaginei que fosse. Eu nunca esperei esses pequenos gestos de bondade que ela traz em mim. Há algo sobre eles que me perturbam, como se eu estivesse perdendo um pouco do meu elemento.

Mas então eu lembro que há um professor lá fora que precisa aprender uma lição e, de repente, meu elemento está de volta.

Com um último olhar para a forma adormecida de Callie, saio do quarto e entro na noite.

Hora da vingança.





Janeiro, 7 anos atrás

Não demorou muito para encontrar o Sr. Whitechapel. Eu me escondo nas sombras, observando enquanto ele sai de um pub local. O instrutor de Callie é alto e esguio, seus cabelos castanhos finos quase ausentes do alto da cabeça. Ele tem uma aparência de confiança sobre ele - não ameaçador. Provavelmente tem algo a ver com suas características ruins. Até sua magia tem um gosto desprezível e subserviente. Seus sapatos batem contra a calçada molhada da chuva enquanto ele caminha pela rua, com as mãos nos bolsos. Ele não tem ideia de que a noite o persegue.

No meio do caminho ele começa a assobiar como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. O filho da puta atentou contra a minha companheira mais cedo hoje e ele tem a ousadia de assobiar.

Isso me enfurece.

Eu me manifesto na frente dele, a escuridão ondulando sobre mim como fumaça. Ele se assusta, dando um passo para trás. Leva um segundo para se recuperar.





— Opa lá, — diz ele, — você me assustou.

Eu ando em direção a ele, sem fazer nenhum movimento para aplacar seus medos, a escuridão avançando comigo. Poderia consumi-lo em segundos, mas isso seria um fim fácil demais.

Seus olhos se arregalam.

Sim, agora ele percebe que não sou nenhum estranho benigno.

Ele levanta as mãos. — Minha carteira está no meu bolso traseiro esquerdo. Tome, é sua.

Eu não me preocupo em falar com ele. Se eu desse a mínima por uma carteira, ela já teria desaparecido muito tempo atrás.

Quando ele percebe que não pode simplesmente levar a situação no papo, ele começa a se afastar.

Mas é muito tarde.

Eu o agarro pela garganta e o empurro contra uma parede próxima.

— O que você quer? — Ele pergunta, a primeira nota de medo entrando em sua voz.

Fazer você sangrar.

— Você acredita que é uma boa pessoa? — Pergunto.

Ele engasga em vez de responder.

Eu aperto sua garganta mais forte, minha magia vazando de mim, o forçando a falar a verdade, mesmo que ele mal tenha ar para fazê-lo.





— Sim, eu acho.

Eu sinto meu lábio superior. — Resposta errada.

Eu o liberto, deixando seu corpo cair no concreto molhado. Ele respira fortemente, depois se arrasta recuando, tentando colocar os pés sob o chão. Ele não consegue fazer isso; seus pés trêmulos continuam dobrando.

Eu ando atrás dele, minhas botas pesadas tilintando contra o concreto.

— Sério, o que você quer? — Ele diz, sua voz alta e fina.

— Duas palavras: Callypso. Lillis.





Janeiro, 7 anos atrás

— Pela milésima vez, não fiz nada a ela!

O Sr. Whitechapel e eu estamos em um prédio abandonado em Balti, na Moldova. O chão está cheio de embalagens de plástico velhas, alguns preservativos usados e algumas garrafas de cerveja quebradas. As janelas há muito tempo foram tiradas, e a única luz que entra provém de uma parte do telhado que está desmoronando. O lugar cheira a urina, vermes e mofo. Ah e sangue. Está começando a cheirar a sangue.

Além de uma pequena festança adolescente, esta é uma construção esquecida na parte pobre de uma cidade que a maioria das pessoas nem sequer sabe que existe. Whitechapel poderia muito bem ser invisível.

Eu circulo o professor de Callie. — O que eu devo fazer a seguir?

Cortar um dedo ou quebrar outro osso? - O homem começa a chorar abertamente.

Já quebrei alguns dos seus dedos dos pés. Estou pensando em enfiar uma corda neles e transformá-los em um colar. Talvez eu dê isso para a Callie...





...Muito macabro...

Ninguém te perguntou. Eu juro que as sombras apenas falam livremente quando eu não quero ouvi-las.

— Por favor, — Whitechapel chora.

Eu gostaria de dizer que isso é doloroso de assistir. Eu gostaria de dizer que há algo mole em mim que gostaria de fugir disso, mas então eu não seria o Rei da Noite.

Eu me agacho em frente ao professor. — Você está pronto para me dizer por que você tocou Callypso Lillis?

Ele tem negado qualquer irregularidade até agora.

Ele respira fundo algumas vezes. — Ela gostava de mim. — Sua voz treme. — Ela queria me conhecer melhor.

Minha raiva se agita dentro de mim. *“Ela gostava de mim.”*

Eu puxo minha faca e viro na minha mão, em seguida, pego sua perna. Seu pé já está sangrando.

— Eu acho que eu deveria cortar dois dedos por essa mentira, — eu digo, minha voz plana.

— Espera, espera!

Ele começa a gritar. Só fica mais alto quando cumpro boa parte da minha ameaça.

Ele chora por um longo tempo depois disso e eu espero pacientemente.





— A verdade, — eu exijo uma vez que eu sinto que ele está pronto para falar de novo. Desta vez eu forço minha magia nele.

Ele engasga por vários segundos, lutando contra qualquer resposta que esteja prestes a dizer. Com calma, o vejo lutar.

— Ela é sozinha, — ele finalmente diz. — Eu não sou bom com mulheres, e eu - ela... Eu não sou um cara mau, — ele fala. — Ela teria gostado. Ela iria me querer. -

Eu quase me descontrolo com isso. Só o meu controle há muito praticado me impede de esmagar seu rosto repetidas vezes até que não seja nada além de polpa carnuda.

Seu corpo cai quando minha magia o deixa.

— Quantas outras? — Eu pergunto, estabilizando minha raiva.

Os predadores não acordam apenas um dia com esses impulsos. Elas crescem e se constroem com o tempo.

Ele olha para mim aturdido, o suor pontilhando sua cara.

Eu forço minha magia nele. — Quantas outras?

Ele começa a chorar novamente. — Eu não sei...

Eu movo minha faca para um dos seus dedos. — Quer que eu ajude a sua memória?





— Não, não! — Ele suga várias respirações finas.

— S-sete. Sete outras.

Eu considero castrá-lo em seguida. Sete vítimas.

Isso não é um lapso temporário de julgamento. Esse

homem é um estuprador em série. E todas as suas vítimas, e o que aconteceu com elas? Elas têm que carregar as cicatrizes emocionais por toda a sua vida, tudo para que esse desgraçado doente possa gozar.

Friamente, eu quebro o fêmur dele. Enquanto ele ainda está gritando, eu esmago seu joelho.

Seus gritos são a música mais doce.

Tenho certeza de que Whitechapel estudou suas vítimas, tenho certeza de identificar aquelas pessoas que não tinham muita família, cujas reputações eram prejudicadas, aquelas que eram excluídas da sociedade.

Tenho certeza de que ele nunca imaginou que uma de suas vítimas teria um pesadelo como eu para enfrentar.

— Nomes, — eu exijo.

Ele fala todas as sete para mim. Sete mulheres com sonhos e objetivos. Sete mulheres que estavam apenas tentando atravessar o inferno que a escola secundária mortal pode ser.

Eu o circulo, querendo levá-lo de volta ao Outro Mundo comigo. Há





criaturas lá que podem continuar a fazê-lo pagar. Mas uma parte maior de mim quer que Callie saiba o que aconteceu com ele.

— Você cometeu um erro indo atrás de Callypso Lillis.

E você cometeu um erro indo atrás dessas outras garotas, e você vai pagar por isso pela vida toda, começando agora.

Ele choraminga.

— Você vai aguentar mais oito lesões, uma para cada garota. Sou um cavalheiro, então, para cada uma delas, deixarei que você escolha se prefere ter um osso quebrado ou um membro cortado.

A próxima hora é um borrão de gritos e ferimentos. Quando termino, a respiração de Whitechapel é superficial e suas pálpebras estão caídas. Há tanta dor que um humano pode suportar, e ele está chegando perto do seu limite superior do dia.

Eu limpo minha faca e a guardo.

— Você percebe que está em uma bifurcação na estrada, — digo a ele.

— Você tem duas opções: eu posso sujeitá-lo a mais disto, ou você pode se entregar - você pode confessar, se arrepender e viver sua vida

como a lei julgar adequada, ou você pode viver sua vida como eu *julgar* adequada. Já posso dizer qual é a melhor opção para você. -

Assim fala Whitechapel. — Eu vou me entregar, — ele sussurra.





Meus olhos se movem sobre ele. — Eu vou me ligar magicamente à sua palavra. Se você quebrá-la, inferno, se você fizer algo que me desagrade, eu saberei.

Eu não preciso elaborar sobre essa ameaça. O cheiro espesso da amônia me permite saber exatamente o que Whitechapel pensa disso.

Eu me endireito.

— Quem é você? — Ele sussurra.

Eu olho para ele por um longo momento, então eu tomo uma decisão. Meu cartão de visita aparece na palma da minha mão e eu entrego para ele.

É melhor que as autoridades saibam que eu estive aqui, fazendo todo o trabalho sujo por eles.

Passo por cima dos dedos de Whitechapel, que decoram o chão como arroz de casamento.

E então eu vou embora.





CAPÍTULO DEZOITO

Sob um céu peruano

Março, 7 anos atrás

O céu noturno peruano brilha sobre nós quando Callie e eu pedimos o jantar em um café ao ar livre. Eu deveria estar adquirindo alguns quilos de ouro amaldiçoado de um dos meus clientes aqui, e Callie deveria estar escondida em seu dormitório como uma boa e pequena sereia, mas nenhum de nós gosta muito de fazer o que devemos.

Temos apenas algumas horas para nos divertir antes de eu precisar levá-la de volta para Peel Academy. Você pode me chamar de seu fodido fae-madrinha.

— Então, quando vamos fazer esse negócio? — Callie pergunta.

O acordo que estou soprando, ela quer dizer.

Eu me inclino em meu assento, um pé na bota cruzado sobre o meu joelho enquanto a avalio. Ela está um pouco ansiosa para se envolver no lado obscuro da minha vida. — Tudo a seu tempo, querubim.

Callie assente com a cabeça, os olhos vagando pela rua; eles se iluminam com interesse.

Eu sigo o olhar dela, depois quase gemo.

Uma armadilha turística de uma loja fica em frente a nós, vendendo todo tipo de camiseta colorida com alpaca e Peru estampado nelas.





Pilhas de mantas feitas de lã de alpaca estão do lado de fora da loja, bem ao lado de uma série de cabaças esculpidas. Uma frágil bancada de chaveiros e outro de cartões postais circulam a loja como sentinelas.

E Callie adora tudo isso.

Seu interesse é interrompido pela garçonete, que põe um prato de *pollo à la brasa* (Frango assado na brasa) e outro de *anticuchos* (espetinho) na nossa frente. Um momento depois, comemos sob as luzes da rua.

Callie afasta o olhar da loja para comer nossas refeições. Ela parece um pouco relutante.

Eu poderia ter pedido por nós dois.

— Quando eu já te guiei errado? — Eu digo. Fui eu quem sugeriu que recebesse a *pollo à la brasa* e à *chicha* (bebida fermentada). No que diz respeito a comida nova e incomum, isso é inofensivo.

Ela gargalha. — Você quer mesmo que eu responda isso?

Em resposta, pego a minha bebida, lhe mostrando uma sombra de sorriso.

Sua pele brilha em resposta, sua sereia aparece. É tudo tão positivamente delicioso.

Eu gosto de tentar o seu lado mais sombrio. E gosto de testemunhar





seu desejo por mim, mesmo quando não posso e não vou agir de acordo.

Para encobrir seu próprio constrangimento, ela pega sua bebida e toma um grande gole dela.

Um segundo depois, ela quase engasga.

— Álcool? — Ela reclama.

— Realmente, querubim, você não deveria se surpreender com isso.- Não é a primeira vez que eu dou a ela aguardente.

O que eu posso dizer, eu não sou um anjo.

— O que é isso? — Ela pergunta, tomando outro gole hesitante.

— *Chicha*.

Ela bufa. — E o que é 'chicha'?

Eu pego um kabob do prato na minha frente, tirando um pouco de carne. — Mijo do cavalo.

A garota realmente empalidece.

Estes humanos! Se eu pudesse, voltaria no tempo e bateria no meu eu mais jovem por *lamentar* esse destino. Estar com ela é a coisa mais divertida que já tive.

— É cerveja peruana, — eu digo, minha voz conciliadora, — e decididamente não é feita de mijo de cavalo.

Callie toma seu copo. — Do que é feita?

— Milho fermentado.





— Huh. — Callie toma outro gole. Então outro.

Essa é a minha garota.

— E a comida? — Ela pergunta, voltando sua atenção para seu prato.

— Não feito de mijo de cavalo também.

Ela olha para o céu. Deuses eu gosto de brincar com ela! Ela já deveria saber que tenho um prazer particular em não responder suas perguntas.

— Isso não é o que eu quero.

Usando minha magia, eu faço seu garfo pegar um pouco do frango de um dos pratos e o levanto em direção à sua boca.

— Des! — Ela olha em volta, temendo que alguém veja um garfo lutando com sucesso contra as leis da gravidade.

Sua ingenuidade é outra característica cativante dela. Eu não iria puxar um truque como este sem proteger minha magia dos olhos indesejados.

Os dentes do garfo batem nos lábios dela, e um pouco do frango cai do utensílio, pousando em sua camisa branca.

Ela tira o garfo do ar. — Oh meu Deus, tudo bem, vou tentar já. Pare de me empurrar. -

Eu chuto meus calcanhares em cima da mesa, comendo um pouco do meu kabob enquanto ela experimenta.

Uma hora depois, nossos pratos estão limpos, e Callie acabou com





dois copos de chicha quando finalmente saímos do restaurante. Suas bochechas têm um tom rosado.

Merda. Ela é um peso leve.

Preciso levá-la para casa antes de conhecer meu cliente. Entre suas inibições diminuídas, a sereia implacável que está fazendo sua pele cintilar como uma luz estroboscópica, e meu próprio protecionismo, misturar negócios e prazer nesse momento pode ser uma coisa muito ruim.

Ela ri e tropeça em mim quando saímos do restaurante, rindo um pouco enquanto ela tenta se endireitar.

— Opa! — Ela diz, sua pele brilhando pela milionésima vez.

Seus olhos pousam na loja turística do outro lado da rua.

Foda-me.

Ela ofega dramaticamente. — Eu quero comprar algo para você. —

Ela está de olho na prateleira brega de canecas que estão dentro da loja.

— Por favor, não faça isso.

— Vamos, Des, — diz ela, pegando minha mão. — Eu *prometo* que você vai gostar.

— Você sabe mesmo o que é uma promessa? — Eu pergunto a ela minutos depois, quando ela caminha para o caixa com o meu presente. — Eu franzo a testa para a





camisa verde-limão enfiada sob o braço de Callie; tem um desenho de alpaca e *Cusco* escrito embaixo.

Droga, Callie tem mau gosto para lembranças.

A salvação, no entanto, vem na forma de uma alpaca real. Eu não sei o que diabos o dono está pensando, levando a besta pelas ruas de Cusco, mas mesmo assim, eu estou pensando em beijá-lo.

Os olhos de Callie se arregalam ao ver a fera, e a camisa escorrega de debaixo do braço, caindo, esquecida, no chão. — É... Uma alpaca.

Às vezes, não consigo lidar com essa garota.

Ela sai pela rua, abandonando sua busca de encontrar a lembrança perfeita. Minha companheira normalmente reservada se aproxima do homem e sua alpaca, arrulhando para a criatura.

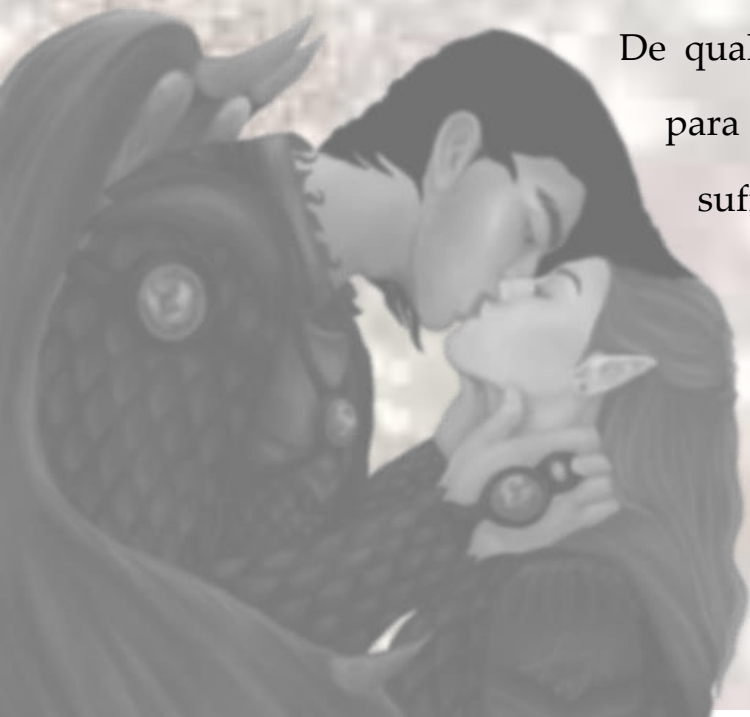
Ah, meu coração.

Eu sigo atrás dela, e em espanhol eu pergunto ao homem: — Você se importa se minha amiga acaricia sua alpaca?

É uma pergunta inútil. Já que Callie está com o nariz fundo no pelo do pescoço da fera.

De qualquer forma, deslizo algumas notas para o homem, e ele parece feliz o suficiente para deixar a bela adolescente abordar seu animal.

— Des, eu acho que alpacas podem ser meu novo animal favorito, — diz ela.





— Eu pensei que fossem as tarsiers. — Ela declarou depois que nós dois vimos a criatura em um documentário sobre a natureza.

“Porque ele tem olhos tão grandes,” ela explicou, assim fazia algum sentido.

— Não, definitivamente alpacas. — Ela continua acariciando a criatura, completamente alheia que eu só tenho olhos para ela.

Seu cabelo desliza ao acaso por cima do ombro e, porra, essa garota é linda. E ela não tem ideia.

Aqui estou eu, o solteirão mais notório do Reino da Noite, tentando pela primeira vez em minha vida colocar um pouco de esforço em uma mulher - tudo sem ela estar ciente dos meus verdadeiros sentimentos.

Ah, e essa mulher é uma adolescente.

Eu sou oficialmente uma bagunça de merda de um homem.

Eu me afasto de Callie enquanto ela está distraída, pegando uma cabaça entalhada e comprando para ela.

Pela milésima vez eu prometo a mim mesmo que é só isso. Não farei mais contato com Callie até que ela seja adulta.

Eu já sei que é uma promessa que não vou cumprir. No momento em que essa pequena sereia me chamar ou no momento em que começar a





sentir falta dela um pouco demais, voltarei para
receber minha próxima dose.

São momentos como esses que não tenho certeza se
também sei o que é uma promessa.





CAPÍTULO DEZENOVE

O Desejo Final

Maio, há 7 anos

Hoje à noite, a magia é espessa no ar ao redor da Academia Peel. Ela enche minha boca, e se tivesse um sabor, eu chamaria de excitação jovem.

Ah, nada como estar no limiar da juventude. A minha foi uma merda, mas eu tenho um respeito saudável pela idade.

Nos corredores de Callie, garotas estão gritando, e você pode matar um homem com a quantidade de perfume que satura o ar.

— Puta merda, — eu digo, me materializando no quarto de Callie. — Está uma zona de guerra no seu corredor.

Eu vou até a janela dela, olhando para fora. Para os estudantes do campus vejo movimentos de smokings e vestidos de noite, todos eles indo em direção ao Castelo Peel.

— O que está acontecendo hoje à noite? — Eu pergunto.

Todos brilham um pouco mais embaixo das estrelas hoje à noite. É o meu tipo favorito de magia, do tipo que é puramente orgânico. Nenhuma magia forçada. Se eu estivesse de volta ao meu próprio reino, me impregnaria com noite, aumentando meu próprio poder. Apesar disso, sinto isso mexendo dentro de mim. Magia





humana e magia fae não são terrivelmente compatíveis, mas há o suficiente no ar que afeta meu próprio poder.

— O Baile de Maio, — diz Callie.

Há algo em sua voz que me faz virar para ela. Ela está sentada em sua cadeira de computador em bermuda e uma camiseta desgastada, metade de seu cabelo em um coque alto.

— Por que você não está se preparando? — Pergunto.

— Eu não vou. — Ela puxa as pernas até o peito.

— Você não vai?

Ela está se esforçando para manter seu rosto neutro. — Ninguém me convidou.

Quero rir. Eu nunca pedi a ela que negociasse comigo, ou passasse as noites comigo, ou revirasse a minha vida e meu coração, mas ela ainda fazia todas essas coisas.

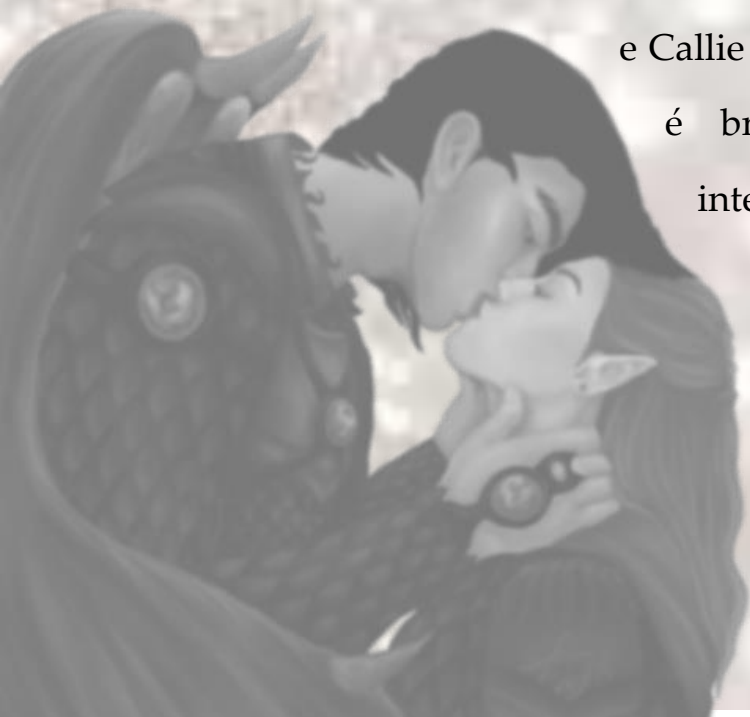
— Desde quando você espera convite? — Eu pergunto. — E também, como isso é possível?

Quero dizer, caras adolescentes pensam com seus olhos e seus paus,

e Callie é linda da mesma maneira que o sol é brilhante. Ela queima com tanta intensidade que às vezes dói olhar para ela.

— Como o que é possível — Ela olha para os joelhos.

— Que ninguém te chamou.





Ela levanta um ombro. — Eu pensei que fosse o seu trabalho entender os motivos das pessoas—
Eu cruzo os meus braços. Eu quero bater em minha cabeça. Por toda a minha compreensão das razões das pessoas, me levaram até agora a perceber o que perdi.

Apesar da singularidade de Callie, ela ainda é uma adolescente. Ela quer ser levada para alguma dança e se distrair. Ela quer por um maldito dia, mostrar a todos os seus conhecidos que ela é muito mais do que eles supunham.

Ela quer que sejamos reais, mesmo que fosse apenas por uma noite. Eu posso dar isso a ela.

— O quê? — Ela pergunta, me vendo olhando.

Esta é uma má ideia. Uma dança no ensino médio significa esfregar os cotovelos com muitos e muitos adolescentes. Isso significa exposição. Mas eu quero que ela seja feliz. Sempre feliz.

— Você quer ir ao baile de maio? — Eu pergunto.

— Eu não vejo como isso é importante.

É o que ela diz, mas agora que estou olhando, há uma enorme quantidade de pretextos por lá. Ela quer ir, no entanto pensa que não é uma garota normal que tem sonhos normais.

— Isso é importante, — eu digo. —
Agora, você quer?





Seus lábios se separam, mas ela não consegue admitir que isso é exatamente o que ele quer.

Minha doce sereia.

Eu fico bem próximo a ela e me ajoelho. Minhas asas doem com a necessidade de se revelar. Cada dia fica mais difícil mantê-las escondidos, e esta noite é ainda a pior noite.

Vai explodir meu disfarce.

No momento, isso não faz diferença. Os olhos de Callie estão enormes e eu amo isso. Eu pego a mão dela na minha.

Eu começo a sorrir. — Você, Callypso Lillis, me levaria para o baile de maio?





Maio, há 7 anos

Eu compro um vestido para Callie, já que ela não tem nada, e então eu a deixo por um pouco mais de uma hora para que ela possa se preparar. Sabendo o que eu sei sobre as mulheres, não é tempo suficiente para se arrumar, mas é todo o tempo que ela tem, se quisermos ir ao baile em uma hora razoável.

Quando volto, bato na porta dela. De agora em diante, estou jogando como qualquer encontro normal faria.

No corredor, algumas garotas se assustam quando me veem do lado de fora da porta de Callie, com as mãos no bolso. Seus olhos se movem em cima de mim. Eu visitei Callie com frequência suficiente para saber que essas idiotas não são amigas dela.

A porta na minha frente se abre, e todos os pensamentos sobre os colegas idiotas de Callie desaparecem.

Putá merda.

O cabelo solto de Callie cai em ondas pelas costas e os olhos marcantes parecem estar iluminando. Eu nunca tive ciúmes de um vestido antes, mas agora eu tenho. Seu vestido acaricia cada uma de suas curvas.





Eu cometi um erro, um grave erro terrível. Nesse vestido, Callie não parece uma adolescente, ela parece minha rainha.

O desejo de reivindicá-la aumenta em mim. *Ela é minha.*

Agora e sempre.

Dê-lhe o vinho. Se apresse. Mostre a ela exatamente o que significa ser sua companheira.

Eu apago os pensamentos assim que eles passam pela minha cabeça. Esta noite pode me matar.

O olhar de Callie baixa e ela se mexe no vestido, parecendo ao mesmo tempo satisfeita e envergonhada de usá-lo. — Você não precisava fazer isso, você sabe.

— Querubim, você já me viu fazer coisas que eu não quero?

— Que tal o meu primeiro desejo? — Ela diz.

Cozinha encharcada de sangue, garota manchada de sangue, monstro morto a seus pés.

Eu a olho de lado. — Isso não conta.

— Por quê? — Ela pergunta, e há muita coisa nessa palavra.

Porque eu realmente nunca me importei.

Eu ergo minha cabeça. — É só eu, ou você está particularmente insistente com as perguntas hoje à noite?

Ela me dá um empurrão brincalhão, sorrindo ironicamente. Depois de um momento, suas feições ficam





sóbrias, e o coração de Callie está em seus olhos. Ela olha para mim como se eu fosse sua própria salvação pessoal. Coisa doce, ela não descobriu agora que, embora eu domine os céus, eu sou o inferno de um homem tomado?

Eu dou a ela meu braço, e nós dois saímos do quarto dela. Nós saímos dos dormitórios da garota e atravessamos o gramado que separa os aposentos da Peel Academy do castelo propriamente dito.

Ao nosso redor, casais andam, os garotos parecendo mais rígidos e desconfortáveis em seus ternos e as garotas se enfeitando em seus vestidos coloridos.

Entre eles, minha companheira está em uma liga própria. Ela é etérea e intocável, e faz meus joelhos fracos apenas por olhar para ela. Eu não estou sozinho. Apesar de todas as inseguranças de Callie, ela está colecionando olhares mais rápido do que as suas miçangas.

Minhas asas coçam para se revelar. Mesmo esses adolescentes magros são suficientes para desencadear meu instinto possessivo.

Aqueles que não estão avaliando Callie estão me olhando. Há uma razão pela qual eu me esforcei para me disfarçar quando visitava minha garota. A Politia está na minha bunda – e estará de qualquer um que esteja ligado a mim assim que perceberem que venho aqui. Eu estive na lista dos mais procurados deles por anos. No





segundo em que perceberem que eu sou frequente na Peel Academy, todos eles vão explodir suas cargas. Capturar-me seria fazer uma carreira.

E isso significa que todos viriam atrás de Callie, a garota que eu levei para o baile. A mesma garota que nutre um medo agudo das autoridades sobrenaturais.

Não pode acontecer. Eu não vou permitir isso.

Então, sem deixar minha companheira saber, minha magia cria a mais sutil das ilusões. Minhas orelhas diminuem, e minhas características fae suavizam para algo mais mortal. Para todos, exceto Callie, sou Des em forma humana.

Hoje à noite, ela terá uma noite normal. Uma onde o encontro dela não é um criminoso procurado, e que ela não será uma excluída. Esta noite somos como deveríamos ser, duas chamas na escuridão, e todas essas pessoas são as mariposas que se aquecem na nossa luz.

Esta noite o mundo é como deveria ser. Amanhã a vida vai voltar para a charada fodida que normalmente é.





Maio, há 7 anos

A dança está muito boa e elegante por dois segundos e meio. Então os colegas de Callie caem sobre ela como moscas numa carcaça. Amigos falsos, falso entusiasmo, sorrisos falsos. Se eu quisesse falsidade, eu entraria em um dos palácios fae. E se Callie quisesse passar a noite conversando com essas pessoas, ela teria vindo aqui com elas.

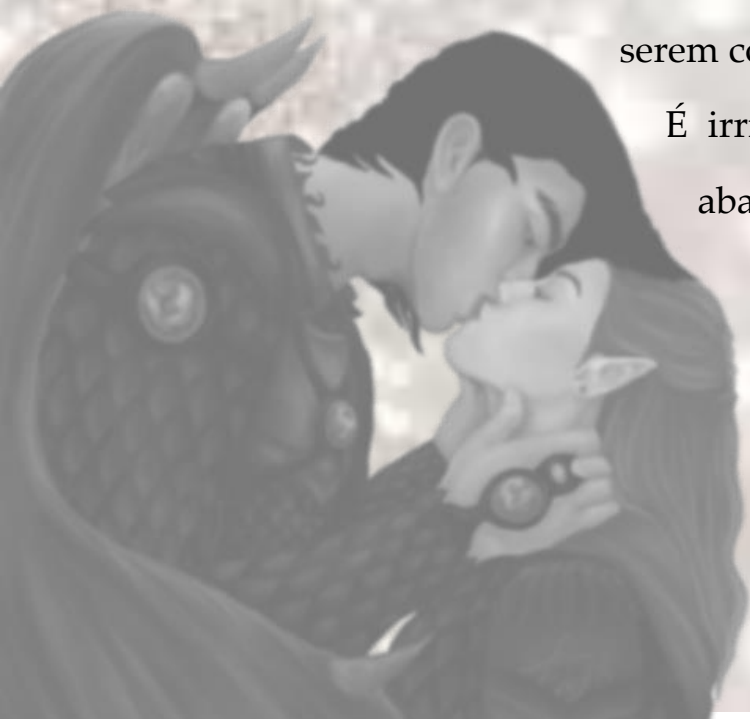
— Clarice, este é Desmond, — diz Callie, me apresentando a outra colega de classe. Esta é a quinta ou sexta? Para uma garota que não tem amigos, ela tem muitos conhecidos...

Clarice está me olhando como as últimas garotas, da mesma forma que as nobres de Somnia sempre fizeram. Elas desejam conquistar e serem conquistadas por mim.

É irritante vindo de mulheres fae; Está abaixo do meu conhecimento vindo de garotas humanas que não sejam minha companheira.

— Des, essa é...

Fazer o social, eu decido, acabou.





Eu pego a mão de Callie sem preâmbulos, a afastando de seus — *amigos*, — que acham que conseguiriam algum tipo de contato por causa do nosso relacionamento, chegando perto o suficiente de nós.

Nosso relacionamento. Minhas costas tremem onde ficam as minhas asas. Merda, é assustador o quão facilmente eu poderia me acostumar com essa frase.

— Onde estamos indo? — Callie pergunta, seguindo atrás de mim.

— Pista de dança. — Lá eu posso segurar Callie e fingir por uma noite que somos tudo que eu me nego.

Casais se misturam conosco. Mesmo aqui entre sobrenaturais que estão florescendo, somos uma espécie à parte.

Callie me alcança. — Isso foi insano lá atrás, — diz ela, se referindo aos alunos que decidiram na décima primeira hora que ela realmente valia a pena conhecer.

Odeio este lugar.

— Isso foi infernal, — eu digo, — e estou acostumado a eventos como esse. — Faes são bastardos falsos, em um momento estão agradecendo a você, no próximo estão tentando arruinar sua vida. Essas crianças dariam a eles uma corrida pelo dinheiro deles. — Ainda bem que eu nunca fui para o ensino médio.





Eu pisei na pista de dança, a cintilante luz das velas nos iluminando. Este é o meu reino – suor, dança, álcool e decisões cheias de adrenalina.

Mesmo que eu não reine sobre os humanos, a magia engrossa o ar pela minha pele, atraindo meu lado mais feroz cada vez mais perto da superfície.

— Você nunca fez o ensino médio? — Callie pergunta.

O cheiro enclausurado das cavernas de Arestys, o som de espadas colidindo enquanto eu cortava meu inimigo, o olhar no rosto do meu pai quando o matei...

— Minha criação foi um pouco mais não convencional. — eu digo.

A música explodindo ao nosso redor termina, e a melodia que se segue é docemente lenta e dolorosamente humana. É tão diferente da música do Outro Mundo. Lá nossas músicas são uma força motriz, elas giram feitiços e movem magia.

Em um instante, os olhos de Callie estão grandes e em pânico enquanto ela ouve a canção de amor. Eu quase sorrio com a visão.

Eu coloco minha mão na parte inferior de suas costas, sua pele nua quente novamente contra a minha. Ela fica rígida em meus braços, com medo de se mexer.

-Coloque seus braços em volta do meu pescoço — eu digo a ela gentilmente.





Leva quase uma eternidade para fazê-lo, e eu sinto cada segundo disso. Mas no momento em que as pontas dos dedos dela tocam a minha nuca, posso sentir que estou escorregando, meus impulsos fae estimulados pela sensação dela.

Ela me lança um sorriso nervoso e eu sou o lobo prestes a engolir a Chapeuzinho Vermelho.

Minha companheira está madura para ser tomada, e esta é uma noite para a levar minha noiva.

Eu tranco esse pensamento, e tudo o que resta é o pulsar do meu coração no meu peito.

— Relaxe, querubim. — Eu acaricio a pele de suas costas.

Meu peito queima ferozmente quando sinto seu corpo contra o meu. Amor. Isto é amor.

Estou enfeitiçado pela curva de seus lábios e pelo modo como a luz a faz brilhar. Estou aproveitando sua vulnerabilidade porque só Callie poderia passar cem noites comigo e ainda não ter certeza de meus sentimentos por ela. É querer lhe comprar uma xícara de café e alguns

biscoitos só para vê-la sorrir, ou fazer seu dever de casa ao redor de sua mesa para que eu possa ouvi-la rir. Por todas aquelas noites em que eu fugi do quarto dela porque tinha medo dela me ver assim como ela vê todos os outros homens em sua vida. Estar





abraçado quando ela chora, porque a dor dela é minha e o mundo não ficará em pé até que se acabe. E é absolutamente certo que as coisas não podem continuar assim por mais um ano.

Eu não posso continuar sendo apenas seu amigo. Verdade seja dita, nos últimos meses, não *fui* apenas seu amigo. Eu nos deixei nos tornarmos algo mais, e eu nunca deveria ter feito isso. Callie merece viver o resto desses anos no ensino médio sendo perseguida por garotos idiotas. Ela merece alguma aparência de normalidade, e ela nunca vai conseguir isso comigo.

Apesar de Honrosas como minhas intenções podem ser, não sou santo. Não é da minha natureza manter minha companheira no comprimento do braço. Sou um fae; Eu pego o que quero quando quero. Encorajo a devassidão, o sexo e o romance, e agora Callie é o meu pior vício em um só.

Ela franze as sobrancelhas. — O que há de errado?

Eu olho para ela. — Tudo, querubim, — eu digo. — Tudo.





Maio, há 7 anos

O resto da noite cai entre prazer e dor. Quando deixamos a pista de dança, as bochechas de Callie estão vermelhas e um brilho de suor reveste sua pele.

Estou tendo pensamentos muito inapropriados sobre exatamente como eu faria uso desse suor.

Ela sai mancando do improvisado salão da Peel Academy, dando um pontapé nos saltos um minuto depois. Seus pés estão vermelhos e inchados, e eu posso ver várias bolhas se formando.





Sem um momento de hesitação, pego Callie e a jogo por cima do ombro.

— Des! — Ela grita, se contorcendo em meus braços enquanto eu a carrego pelo corredor da escola e saio pela porta.

— Não aja como se você não estivesse esperando por este momento a noite toda, — eu digo, piscando para uma aluna próxima que nos ouviu. A garota cora e abaixa a cabeça.

— Eu não estava! — Callie declara, mortificada.

Eu suprimo o desejo de apertá-la ainda mais. A verdade é que estou gostando de ter seu corpo embalado tão perto do meu.

Ela puxa meu cabelo. — Você pode me colocar no chão.

— E o que você vai me dar em troca?

Ela solta um longo suspiro de sofrimento. — Tudo tem que ser uma barganha com você?

— A noite é escura? — Eu respondo, andando por todo o gramado voltando ao seu dormitório.

Meu sangue está mergulhado em uma noite de magia. Está rastejando em minhas veias, tornando meus pensamentos nefastos.

Eu poderia simplesmente nos levar até a linha lay mais próxima. De lá, levaria segundos para retornar ao Outro Mundo. Ela poderia morar comigo,





longe desses colegas e lembranças ruins.

Eu poderia ser dela e ela poderia ser minha.

Minhas asas começam a se manifestar e eu tenho que sufocar meus pensamentos.

Se controle, Flynn.

— As estrelas são as mesmas de onde você vem? — Pergunta Callie.

Eu olho por cima do meu ombro para ela apenas para ver que ela está olhando para o céu noturno. Na maioria das vezes, a Ilha de Man está impregnada de neblina - especialmente ao longo da costa, que é exatamente onde a Peel Academy está situada. Hoje à noite, no entanto, o céu está claro e as estrelas brilham muito acima de nós.

Eu sacudo minha cabeça. — Não, elas são diferentes.

— Por quê? — Ela pergunta languidamente.

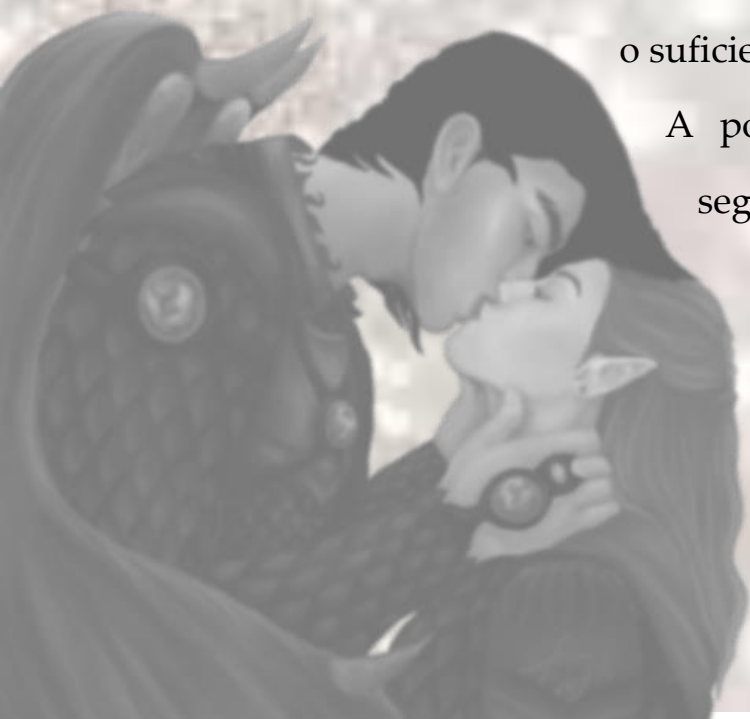
— Por que não? — Eu respondo.

Isso me faz ganhar um sorriso divertido. Ela vira a cabeça para me encarar. — Um dia você vai me dar respostas diretas. — Ela diz com tanta certeza que eu deveria estar preocupado. Magia vive em palavras tanto quanto em qualquer outra coisa. Acredite em algo forte

o suficiente e você manifestará isso.

A possibilidade de compartilhar meus segredos com minha companheira um dia é assustador... Assustador e eletrizante.

Depois de mais alguns protestos de Callie, eu a coloco no chão, e nós





dois voltamos para o dormitório dela. Eu desapareço apenas o tempo suficiente para passar pela pobre zeladora do saguão do dormitório feminino que tem que impedir qualquer coisa com um pênis de passar pela recepção.

Agora mesmo, o dormitório de Callie poderia ser uma cidade fantasma. O lugar está totalmente abandonado. A única coisa que restou de seus ocupantes anteriores é a maquiagem espalhada ao longo dos balcões dos banheiro comuns e o cheiro pútrido de muitos perfumes conflitantes.

Ao meu lado, está claro que Callie não se importa com o fato de que as pessoas com quem ela conviveu no ano passado estão se divertindo em algum lugar sem ela. Não, ela parece bem contente só de estar ao meu lado.

Callie pega a chave e abre a porta, indo para dentro do quarto.

Eu hesito atrás dela. Estou cheio de magia dessa noite, meu corpo pulsando com isso. Eu poderia muito bem ter consumido um galão dos espíritos mais fortes do Outro Mundo; o efeito é quase o mesmo.

Pensamentos egoístas, gananciosos dos faes estão me pressionando. Se eu ficar, farei algo lamentável.

Deixe-a aqui. Diga a ela que você precisa ir e fuja desse lugar antes que seja tarde demais.





Callie se vira para mim, cada centímetro dela cortando um pouco mais da minha determinação.

Ela pega minha mão e me puxa para dentro, não me dando uma escolha.

Uma vez que nós dois estamos sozinhos em seu quarto, ela volta a ser a tímida Callie.

Ela passa as mãos pelo vestido, e está tomando toda a minha força de vontade para olhar para todos os lugares que essas mãos tocam.

— Obrigada, — ela diz para seus pés inchados, manchados de grama.

— Esta noite foi... Maravilhosa.

Ela está me cortando em meu núcleo. Aqui estou tentando manter minhas mãos longe dela, e ela está me agradecendo pela noite.

Agarre-se à sua humanidade, Desmond!

Eu passo as minhas mãos pelo meu cabelo enquanto os impulsos que eu pensei que tinha controlado séculos atrás agora me puxam.

Minha humanidade é o coelho branco, e eu estou perseguindo-o mais e mais na toca do coelho...

— Algo está errado? — Callie pergunta, e ela parece tão vulnerável.

Saia! Agora, antes que seja tarde demais!

Eu solto minhas mãos. — Eu não posso mais fazer isso.

Meu controle está escorregando, escorregando.

Eu olho para ela.

Escorregando ...





— Des? Do que você está falando? — Ela pergunta.

Já era.

Reivindique sua noiva. Faça beber vinho lilás para que ela nunca mais seja humana.

— Dê-me uma boa razão pela qual eu não deveria te levar daqui esta noite, — eu digo. — Agora mesmo. — É gratificante finalmente ceder à tentação. E quanto tempo eu aguentei.

— Me levar daqui? — Callie me olha com curiosidade. — Você tem outro negócio hoje à noite?

Eu começo a circular ela. Ela é um rato e eu sou um gato para brincar.

— Eu te levaria embora e nunca te libertaria. Minha pequena e doce sereia. — Passo a mão pela pele exposta de suas costas. Deuses, eu quero tocar mais. Como seu companheiro, vou tocar mais. Nada vai me satisfazer até que isso aconteça, nada.

— Você não pertence aqui, — eu digo hipnoticamente, — e minha paciência e minha humanidade se tornam mais fracas.

Leve ela. Reivindique. Faça ela sua.

Eu poderia fazer você fazer tantas coisas — tantas, tantas coisas, eu falo minha voz baixa. Eu posso ver isso agora. Seu corpo debaixo do meu, suas pernas me enrolando. Já consigo me imaginar afundando nela, seu corpo se apegando a mim. Continuamente,





uma posição mais criativa que a anterior. Eu faria amor com ela até que ela esquecesse tudo, exceto eu.

— Você iria gostar de todas elas, — eu continuo, — eu prometo a você. Você iria apreciá-las, e eu também.

Eu preciso dela. No meu trono e na minha cama. Próximo a mim sempre e para sempre. Eu preciso disso mais do que ar para respirar, e vou tê-la.

A magia que eu reuni ao longo da noite agora começa a ser liberada. É muito efêmero para ser um feitiço, mas agora está no ar entre nós, a atraindo para mais perto. Ela olha para o bracelete. Ela deve sentir isso.

Isto é o que acontece quando a escuridão sai para brincar.

— Nós poderíamos começar hoje à noite, — eu digo. — Eu não acho que posso suportar outro ano. E eu não acho que você pode também. *Leve-a. reclame-a. Mantenha.*

Ela pega minha mão enquanto eu ando ao redor dela. — Des, do que você está falando?

Eu seguro nossas mãos entrelaçadas, meus olhos saindo delas para o rosto da minha sereia. Um rosto nascido para fazer os homens morrerem. Criatura perigosa. Eu a quero tanto que quase tremo com isso.





Seus olhos profundos e assombrados procuram os meus. Eu sorrio para ela. — Como você gostaria de começar o pagamento de hoje à noite?

Tome - reivindique - mantenha.

— Desmond Flynn, o que quer que esteja acontecendo, eu preciso que você saia dessa. Sua voz me arrasta da escuridão.

Eu posso sentir a mão de Callie tremendo apenas um pouco. Na melhor das hipóteses, ela está apreensiva comigo; Na pior das hipóteses, eu a assustei.

O que eu estou fazendo? Esta noite deveria ser sobre ela, não eu.

Eu levo a mão dela aos meus lábios, fechando os olhos enquanto faço isso. As minhas inclinações fae me atinge. E toma tudo de mim para me controlar e enfrentar os desejos que querem assumir.

Em algum momento, a quase dolorosa necessidade de levar Callie finalmente recua, me deixando exausto. Meus músculos doem; até meus ossos estão cansados.

Eu abro meus olhos.

— Me desculpe, querubim, — eu digo rouco. — Não era para você ver isso. — Séculos de controle, tudo se foi em um único instante. — Eu não sou...

Humano, por mais que eu pareça ser.

Callie se aproxima de mim e isso é a última coisa que espero.

Ela inclina a cabeça. — Você... Gosta de mim? — Ela pergunta.





Merda. Agora não é um bom momento para ter essa conversa, não quando a vontade de reivindicá-la está me matando.

Eu solto a mão dela. — Callie. — Eu digo o nome dela da mesma maneira que eu falaria pare.

Preciso sair.

— Você gosta? — ela pressiona.

Claro que sim, querubim. Para qualquer outra pessoa, isso seria dolorosamente óbvio. Mas não minha Callie, que acredita que o amor é algo que ela só consegue ver na vitrine.

Eu passo meu polegar contra sua bochecha, a querendo tão desesperadamente. Estou tão cansada de lutar comigo mesmo, negando esses sentimentos, o afastando.

Então, pela primeira vez, não sei o que fazer.

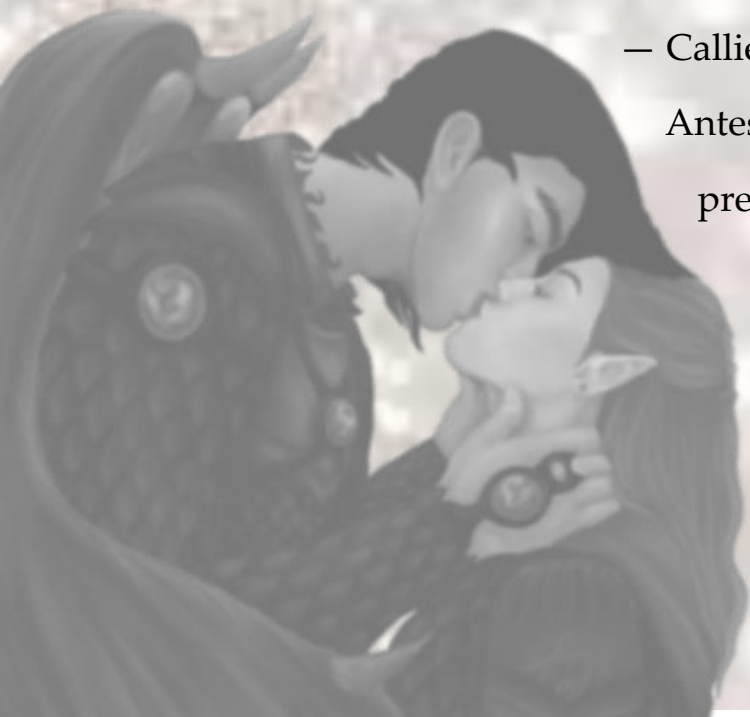
Eu inclino minha cabeça em um aceno de cabeça.

A pele de Callie se ilumina com a minha confissão, ela claramente está emocionada. Ela fica na ponta dos pés, suas pálpebras fechando, seus lábios se separando.

— Callie...

Antes de terminar de protestar, ela pressiona a boca na minha.

Deuses! Está exigindo toda a minha contenção para manter meus próprios lábios imóveis contra os





dela. Mesmo assim, o mundo explode em um caleidoscópio de cores e magia.

Reflexivamente, estendo minhas mãos envolvendo seus braços. Eu os aperto, querendo arrastá-la para mais perto e separar seus doces lábios para que eu possa descobrir exatamente o gosto de Callie.

Minha boca foi feita para beijar a dela.

Inútil lutar contra isso é como tentar resistir a um furacão. O último do meu autocontrole maltratado se vai. Ele me dobrou até eu quebrar.

Agora tudo o que posso fazer é deixar que me varra.

Eu a envolvo em meus braços, minha boca se move avidamente sobre a dela.

Melhor que minhas imaginações mais loucas!

O beijo nada mais é do que um gosto de paixão e, no entanto, redefine tudo. Eu gostei de milhares de beijos ao longo da minha vida, mas este é o que me arruína para todos os outros. Sabendo que eu não deveria estar saboreando esses lábios só me faz mais consumido por eles.

Os braços de Callie me tocam. Cem vezes eu imaginei esse momento. Todas as minhas imaginações empalidecem com a realidade disso.

Eu movo uma das minhas mãos para o cabelo dela, meus dedos





mergulhando em seus cabelos preciosos. Eu preciso dela mais perto.

Callie se afasta para respirar.

O que em sete infernos você está fazendo, seu idiota? O pensamento sóbrio corta minha paixão e meus instintos furiosos.

Porra.

De repente eu a solto do meu abraço e cambaleio para trás. Callie reveste meus lábios e tudo que eu quero é mais.

Não. Sem mais.

As sombras ao meu redor se agitam enquanto eu luto. Eles chegam até Callie, querendo envolvê-la em minha magia.

Reivindique - mantenha!

Minhas asas driblam a minha magia. Elas se espalharam atrás de mim, me forçando a assumir minha companheira.

Ela é minha.

Seus olhos se arregalam. — Suas asas...

Meu pequeno segredo foi revelado.

Todos os meus planos - de ganhar tempo, conhecer tudo sobre ela e ser seu amigo por mais um ano - tudo se foi em um instante. Não haverá a queimadura lenta por cortejá-la; Somos um fusível aceso e esta situação vai explodir a qualquer momento.





Eu também vou precisar me afastar dessa situação ou apressarei a minha jovem companheira em um relacionamento que ela talvez não esteja preparada.

— Sinto muito, — eu digo. Impossível, esta situação eu criei para nós. — Nunca deveria acontecer assim. Eu deveria ter esperado. Eu pretendia esperar.

— Des, o que há de errado? — Callie anda em minha direção.

Eu passo a mão pelo meu cabelo. Deveria ter sabido que terminaria assim. Deveria ter percebido o quão perto eu já estava de ceder aos meus desejos.

— Eu tenho que ir.

— Não — ela diz, sua pele perdendo o brilho.

Eu posso ver seu coração quebrando na minha frente, e pela milionésima vez na minha vida eu me pergunto se ser honrado está nos fazendo mais mal do que bem.

Mas ela precisa ver como é a honra em um homem. Sou a última pessoa a advogar por isso - na verdade, sou - mas, pela primeira vez

na vida, estou tentando não ser um bastardo egoísta.

— Sinto muito, — eu repito, minha resolução endurecendo. — Eu queria te dar mais tempo. Eu nunca deveria ter feito isso - nada disso.

Seu rosto entristece.





Realmente porra preciso sair. Eu vou ceder novamente se eu ficar.

— Mas você gosta de mim, — ela insiste.

O que eu daria para o mundo ser tão simples. Se eu pudesse agir de acordo com as minhas emoções do jeito que ela parece pensar que eu posso, eu teria acasalado e a coroado a meses atrás. Inferno, nós dois estaríamos governando meu reino da minha cama.

Só que não é assim que o mundo funciona. Callie ainda tem que aproveitar sua juventude e descobrir a si mesma. Ela está tão desesperada pela minha companhia e eu tenho sido fraco demais para negar isso a ela, que nenhum de nós deu a ela uma chance de descobrir quem exatamente Callypso Lillis é apesar de toda aquela dor e beleza.

— Eu sou um rei, Callie, — eu tento argumentar com ela. — E você é...

Minha. Leve-a. Minha.

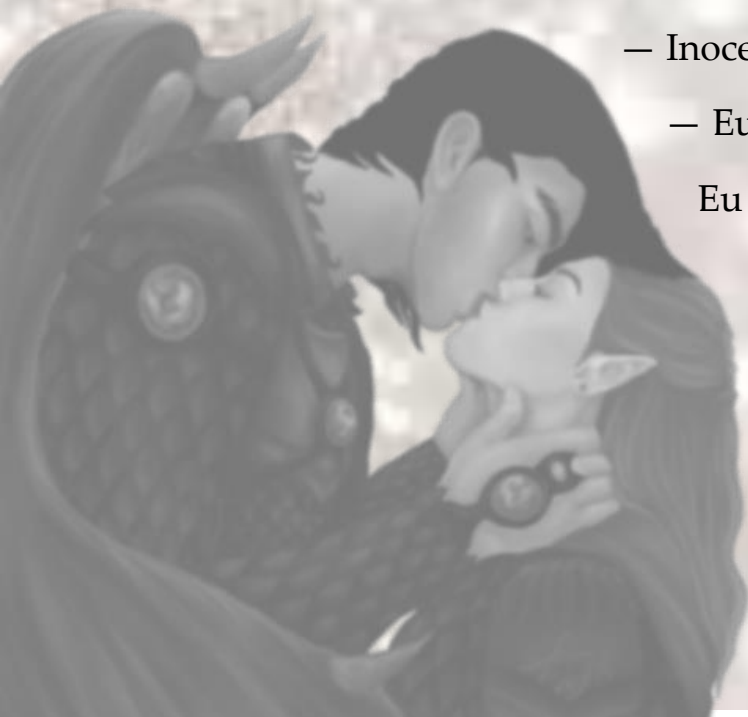
Eu afasto esse pensamento.

— Inocente, — eu termino.

— Eu não sou inocente, — ela insiste.

Eu ando até ela e seguro sua bochecha.

Ela ainda pode ter sombras em seus olhos, mas ela não perdeu sua vivacidade de viver. Ela não se





tornou cínica. Não como eu, e não como a maior parte do mundo.

— Você é, — eu insisto. — Você é tão dolorosamente inocente de muitas maneiras, e eu sou um homem muito, muito ruim. Você deveria ficar longe de mim porque eu não consigo ficar longe de você.

Eu vejo o momento em que minhas palavras se registram.

Suas sobrancelhas levantam horrorizada. — Ficar longe? Mas por que? -

Não estava planejando descarregar meu coração esta noite, mas estraguei tudo.

— Eu não posso ser apenas seu amigo, Callie.

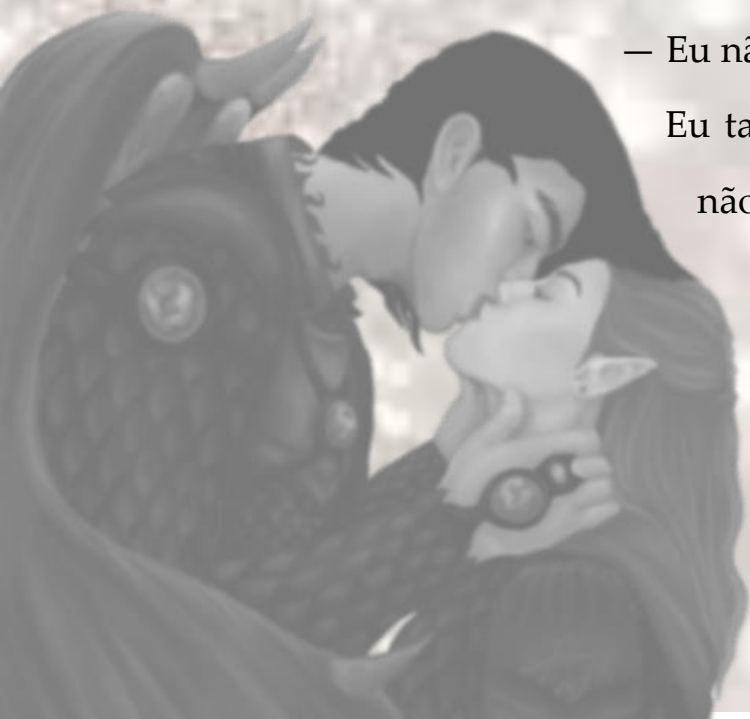
— Então não seja, — diz ela.

Ah, mais dessa jovem inocência. Para colocar de lado toda lógica e razão em favor do amor. Eu quero. Oh, o quanto eu quero. O fae em mim exige que eu faça isso.

— Você não sabe o que está pedindo, — eu digo, meus olhos analisando-a.

— Eu não me importo.

Eu também não quero me importar, mas não sou nem um jovem despreparado, nem sou governado por todos os impulsos selvagens que meu tipo é conhecido de ser.





— Mas eu sim, — eu digo com finalidade.

Uma lágrima sai do olho dela.

Eu não posso suportar isso. — Não chore.

Não poderia sequer dar-lhe uma noite sem arruiná-la.

— Você não precisa ir, — ela implora. — Tudo pode voltar ao que era. Nós podemos apenas... Fingir que esta noite nunca aconteceu. Algo em mim quebra com as suas palavras. Eu me sinto tão pequeno. Eu me inclino e beijo suas lágrimas, sabendo que estou dando a ela mensagens confusas. — Apenas... Me dê algum tempo, — eu digo. Eu me forço a recuar.

— Quanto tempo você vai ficar fora? — Ela pergunta.

O tempo que eu possa suportar.

— Tempo suficiente para descobrir o que eu quero e o que você merece.

Ela deve sentir que esta noite é diferente, que eu cruzei uma das minhas próprias linhas duramente conquistadas. Eu posso ver seu desespero aumentar.

— E as minhas dívidas? — Ela diz.

— Elas não importam. — Não agora pelo menos. Enquanto ela me deve favores, nós dois estamos inexplicavelmente conectados. Eu não estou preocupado com ela fugindo do nosso acordo. Não, agora eu ainda estou preocupado que o demônio





em mim está decidindo levá-la para o Outro Mundo é uma ótima ideia novamente.

Eu pego a maçaneta da Callie, tentando sair rapidamente de lá.

— Um último desejo.

Eu hesito. *Não caia na isca. Não aceite o desejo.* Minha magia já está surgindo, pronta para fazer mais um acordo com minha companheira.

Tão difícil de resistir.

— Não, Callie. — Eu não tenho certeza se vou conseguir dizer não.

Ela fecha os olhos, sua respiração fluindo dela. — Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn.

Por um momento, sinto uma excitação insuportável. Minha alma gêmea. Todo esse tempo eu tenho tentado evitar reivindicá-la, e ela termina a noite me reivindicando. Como isso é deliciosamente surpreendente.

Em resposta às suas palavras, minha magia aparece, atravessando a sala. Absorvendo o seu desejo; Eu sinto isso - seu desejo, sua intenção, agora é minha.

E eu sei o que isso significa.

Um acordo foi fechado.

Desmond, seu idiota. Deveria ter saído quando você ainda tinha a chance.





Ela abre os olhos. Por um instante ela parece tão esperançosa que dói.

Eu não tenho tempo para dizer a ela que funcionou; que minha magia aceitou o acordo dela. Que até o final dos tempos, nós dois estamos presos - não apenas pelo destino, não apenas pelas miçangas em seu pulso, mas pelo juramento que ela recitou.

Eu sou empurrado para longe dela, empurrado para a escuridão e jogado a quilômetros de distância.

Eu bati no chão com força, o ar saindo de dentro de mim. Lentamente, eu me sento, olhando em volta para as imensas colinas que me cercam por todos os lados.

Minha magia me traiu. Eu não aceitei o acordo dela; Eu nem sequer pensei em suas últimas palavras como um acordo. Mas meu poder sim. Estabeleceu os termos do acordo e nos ligou.

Faz muito tempo que algo assim aconteceu. Eu sabia que o meu poder podia ser consciente, mas normalmente eu o controlo e não o contrário.

Suponho que meu controle - ou melhor, minha falta dele - foi o motivo pelo que isso aconteceu. E não só aceitou o desejo de Callie antes que eu pudesse processá-lo, como também definiu os termos de seu pagamento. Meu estômago aperta.





Eu tenho medo de saber o que acontecerá.





CAPÍTULO VINTE

O reembolso começa

Maio, há 7 anos

Meu coração está martelando no meu peito desde a noite passada.

Pela milésima vez, tento me materializar para o dormitório de Callie. E pela milésima vez eu bati em uma parede de magia que me atirou de volta ao apartamento que estive alugando em Dublin.

Deuses, o que minha magia fez?

Eu tento uma abordagem diferente, aparecendo nos arredores da cidade de Peel. Eu me movo como uma sombra pela cidade, indo cada vez mais perto do colégio interno que abriga minha companheira.

A Peel Academy, a escola de Callie, fica no limite da cidade, cercada pelos três lados por facções e mares revoltos. É ligado ao resto de Peel por uma única estrada sinuosa.

Eu vislumbrei a distância, a névoa costeira rolando entre os prédios. Cada vez mais perto eu espreito e, por alguns poucos minutos, minha esperança aumenta.

Seja o que for que minha magia fez, talvez eu possa superá-lo.

Eu começo por aquela estrada estreita e sinuosa, indo para o terreno do campus. Cheguei a uns quinhentos metros de distância da Peel





Academy quando minha própria magia traidora me parou. Meus pés não avançam mais. Quando tento voar, minha magia impede o espaço aéreo ao redor do campus. Quando me derreto na noite, me tornando um com ele, a escuridão ainda não me deixa chegar mais perto.

Eu me manifesto de volta no chão, e furiosamente eu bato meus punhos contra a barreira invisível, repetidamente até que minha pele parece que foi esfregada e meus ossos se abriram. Eu poderia muito bem estar me batendo. Esta é a minha própria magia que eu estou enfrentando.

Irritado e derrotado, eu relutantemente volto ao meu apartamento. Eu passo minhas mãos pelo meu cabelo.

Foda-se, foda-se.

Só agora estou realmente começando a aceitar o que percebi naquele instante que meu poder aumentou para encontrar as últimas palavras de Callie: minha magia concedeu um favor a minha companheira, e agora ambos estamos pagando seu dízimo.

Eu fecho meus olhos e ouço essas últimas palavras de novo.

“Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn.” Sua voz é como um fantasma no quarto.





Eu tento me agarrar as suas palavras. Elas são tudo que eu tenho dela.

Eu respiro fundo. *Elas são tudo que me resta.*

De repente, estou desesperado para tocar cada lembrança ridícula que ela insistiu em comprar para mim.

Estou desesperado para ver seu rosto em cada um dos meus esboços.

Eu começo a me mover pelo apartamento, colecionando os itens que eu tenho e do local de onde eles são. Um copo de Las Vegas, sedas de Beirute, um gato chamando de Tashirojima, um abajur de Marrakesh, uma boina de Paris - a lista continua indefinidamente.

Eu os espalhei ao meu redor, cada um deles como um talismã que pode de alguma forma me proteger da verdade incoerente: minha magia nos feriu.

Será que Callie ainda me amará assim que este díizimo mágico for pago? Ela poderá entender o que aconteceu?

Eu preciso dela para juntar tudo. *De outra forma...*

O futuro incerto parece enorme.

Seu idiota, Desmond. Se você tivesse dado um pouco mais de si mais

cedo, se tivesse explicado a ela quais eram seus verdadeiros sentimentos, isso poderia não ter acontecido.

Mas o que eu deveria dizer a ela?

Que ela estava fadada a ser minha companheira? Que ela realmente





não tinha escolha no assunto porque ela era minha?

Eu não iria colocar esse tipo de pressão e esse tipo de expectativa em uma adolescente. Especialmente não quando acabara de escapar do abuso de seu padrasto.

Eu me sento pesadamente na minha cama.

Qual foi o meu pensamento mágico? Dar a ela todas aquelas miçangas para poder ficar perto por muitos anos. E não para eu ser forçado a manter distância dela.

Sem ao menos entender os termos eu precisaria deste reembolso. Assim como os pulmões podem respirar e o coração pode bater mesmo quando você não tem consciência deles, minha magia também pode agir sem o meu consentimento consciente.

Geralmente não - como o coração e os pulmões, que só funciona involuntariamente quando é necessário. E por algum motivo, parecia que esse negócio era algo que precisava ser feito.

Eu só pensei que teria mais tempo.





CAPÍTULO VINTE E UM

Outro Homem

3 anos atrás

Todos os dias eu tento.

E todo dia eu falho.

Eu engulo as doses de Patrón, uma após a outra, o álcool queimando minha garganta enquanto desce. Eu não me incomodo com limão ou sal. Eu quero sentir a mordida da tequila, a queimadura da dor.

A foto fica pesada no meu bolso. Não suporto olhar de novo; Eu não posso suportar me livrar disso também.

Eu saboreei quase todas as informações que aprendi sobre Callie desde que nos separamos. Como ela é agora, quão engenhosa ela pode ser. Como ela poderia ter usado sua voz para se tornar uma cantora ou seu corpo para se tornar uma modelo, mas ao invés disso ela usou seu raciocínio e seu espírito para se tornar uma investigadora particular.

Eu saboreei quase todas as informações que aprendi... Exceto por isso. Aquele rosto que eu sonho, com aqueles olhos sorridentes e boca sedutora. Agora estão olhando para outro homem, beijando outra boca, e eu tenho a prova disso no meu bolso.

Uma onda quente de ciúmes surge em mim.

Porra, eu não consigo tirar a foto da minha mente, embora tenha





passado mais de uma hora desde a última vez que olhei para ela. O abraço apertado que os dois compartilhavam do lado de fora do apartamento do homem. Eu posso sentir bile no fundo da minha garganta.

Deveria ter sido eu.

Eu não quero saber sobre o resto que aconteceu entre os dois, mas sei mesmo assim. Como ela se juntou a ele dentro do apartamento, como ela não saiu até as primeiras horas da manhã, escapando como um vilão da cena de um crime, suas roupas um pouco desgrenhadas, seu cabelo um pouco bagunçado.

Eu chamo o garçom para outra dose. Quando ele desliza para mim e eu o jogo de volta, a tequila tem gosto de água.

Quanto tempo eu esperei pela minha companheira, e com que rapidez ela foi arrebatada além do meu alcance.

Eu tenho um raro momento de autopiedade.

Eu sou o bastardo impotente que todos esses fae pensaram que eu era quando eu crescia. E a companheira humana que meu pai me ridicularizou, a que eu passei décadas negando, agora está sendo satisfeita por algum outro homem enquanto eu me sento aqui, entorpecendo minhas mágoas na bebida mortal.





Tão rapidamente quanto a pena vem, ela queima.
Tomando o seu lugar a raiva - raiva escura e latente.

Eu preciso bater em alguém.

Eu jogo algumas notas na mesa e saio do bar, passando pela minha lista de clientes e me aprofundando nos filhos da puta que nunca planejaram me pagar sem lutar. Quando eu me encontrar com eles esta noite, vou imaginar que é um rosto diferente, um homem diferente. Qualquer coisa para aliviar essa dor e expulsar essa raiva. Talvez eu até mesmo deixe meu cartão de visita para trás como uma migalha de pão tentadora que a Polítia possa adicionar ao seu arquivo cada vez mais grosso de mim. Talvez até pegue o aviso de Callie. Nunca se sabe.

Independentemente disso, é hora de lembrar aos humanos porque o negociador é alguém a temer.





Parte III
Até Matança Morre





CAPÍTULO VINTE E DOIS

Reunião

Menos de um ano atrás

Passo pela minha casa em Catalina e saio para a varanda dos fundos. O sol se põe no Oceano Pacífico, iluminando o céu enquanto desce sob o horizonte.

Através dos vastos quilômetros de mar que se estendem além de minha propriedade, mal posso distinguir as nebulosas colinas de Malibu.

Meu peito dói com a visão.

Ela está em algum lugar lá, tão perto que parece que eu poderia alcançá-la e tocá-la, e até agora me desespero para sentir sua pele sob meus dedos novamente.

Eu forço minhas asas a se manifestarem, depois as abro. Elas mergulham juntas com os últimos raios do sol. Eu dobro meus joelhos, então, com um grande impulso, pulei para o céu.

Assim como faço todas as outras noites, eu voou para aquela distante costa da Califórnia, em direção a casa de Callie. Tornou-se uma espécie de ritual, tentando ver o quão perto eu posso chegar a ela antes que minha magia me pare.

Já fazem sete anos. Callie não é mais uma adolescente. Agora ela pode





legalmente beber, jogar, comprar cigarros. Eu perdi uma era inteira de sua vida, e a perda me queima profundamente. Quanto mais vou ter que perder? Ela estará curvada e frágil quando eu puder envolver meus braços ao redor dela novamente? Eu estarei sentindo as areias de sua vida escorregando pela ampulheta, trazendo-a cada vez mais para perto da morte. Isso me deixa febril, em pânico.

Eu continuo voando, observando as nuvens passarem de laranja pálido para algodão doce rosa e depois lilás empoeirado. Eventualmente, eles se misturam com o céu azul profundo da noite. Eu me endireito enquanto me aproximo dessa fronteira indescritível que marca o fim do meu alcance. Malibu está perto o suficiente para diferenciar as pessoas que pontilham a terra. Perto o suficiente para me fazer ver claramente o que estou sendo negado.

Eu prossigo, esperando o momento em que meu poder me forçará a parar. Eu sinto isso alguns segundos antes de alcançar o limite mágico. Como sempre, eu empurro contra isso, batalhando com meu próprio poder.

Só que desta vez, algo está diferente.

Está mais fraco, colocando menos resistência quando eu bato o punho nele. Estremece, meu golpe ondulando como a onda de um lago.





Isso nunca aconteceu.

Encorajado, eu dou outro golpe. Nada acontece.

Vamos lá.

Colocando meu poder no meu punho, eu bato mais uma vez, forte. Desta vez, é como uma bomba detonando.

A magia explode, me atingindo no peito e me jogando para trás. Enquanto voou pelo céu, sinto a dívida de sete anos de Callie finalmente - *finalmente* - dissipada.

Pago na íntegra.

Eu não respiro quando me endireito.

Eu esfrego meu peito, sentindo os últimos resquícios da minha magia voltando para mim.

Mãos de Deus, acabou.

A espera acabou.



Menos de um ano atrás





Eu voo o resto do caminho para a casa de praia de Callie, meu coração batendo furiosamente.

Por fim, poderei vê-la, senti-la e respirá-la! Não haverá mais outros homens, nem mais noites longas e solitárias.

Eu aterrisso silenciosamente em sua propriedade, minhas asas se dobrando em minhas costas. Eu posso sentir algo no ar e nos meus ossos, uma magia tirada do centro da terra.

Mil vezes imaginei voltar para ela como estou fazendo agora, e cada segundo do voo que me trouxe até aqui agonizava que de alguma forma isso não era real. Não confiando depois de toda essa espera, que isso não tinha terminado.

Eu passo meus dedos sobre um pote de terracota envelhecido que fica em seu pátio, a espessura que o sustenta se derramando dele. A casa dela, suas coisas, eu posso tocá-los! A magia nunca me deixou fazer isso antes. Eu tive que me contentar com os fragmentos de informação até agora. Para um homem como eu, o segredo quase me matou.

Estou vendo a casa de Callie pela primeira vez. O interior é escuro e posso sentir que, nesse momento, o lugar está vazio. Isso agita meu sangue num frenesi, sabendo que vou ter que esperar ainda mais para vê-la novamente. Agora que a dívida foi paga, não tenho paciência para esperar.





Eu sempre poderia procurá-la, mas esse tipo de ansiedade coloca alguém em desvantagem, e quando se trata de recuperar minha companheira, terei trabalho suficiente para fazer tipo- o fato dela me culpar por deixá-la sete anos atrás.

Sua porta de vidro desliza enquanto a fechadura se solta. Silenciosamente, escorrega e eu entro.

O cheiro de Callie me atinge, e isso quase me deixa de joelhos. Como eu tinha durado tanto tempo sem isso?

Minhas botas deslizam contra o chão arenoso. Caminho pela areia que está espalhada pelo chão, a forma inconfundível de meia pegada ainda visível.

Callie. Minha sereia. Não pode se manter longe do oceano.

Ando pesamente enquanto eu faço o meu caminho através de sua sala de estar. Eu pego uma garrafa de vinho vazia e leio o rótulo. Eremitério. Eu quase assobio. Gosto caro.

Já ouvi o suficiente sobre Callie para saber que não é só o vinho que ela bebe. O uísque é seu outro veneno de escolha e, se minhas informações estiverem corretas - o que quase sempre acontece -, ela gosta mais de suas aguardentes do que deveria.

Eu baixo a garrafa novamente e vou para a cozinha, meus dedos arrastando por suas bancadas de azulejos rachados. Meu olhar





percorre os armários desbotados e o gasto chão de madeira. Ela gastou um bom dinheiro comprando sua casa à beira-mar em Malibu, e ainda assim, pela aparência, ela não mudou nada sobre isso.

Eu vou para um quadro colado em sua geladeira, na maior parte apenas números de telefone e uma nota com um pau sorridente desenhado, assinado Temper no canto.

Saindo da cozinha, desço o corredor dela. Suas paredes estão vazias das fotos habituais que as pessoas montam. Não há retratos de família, não há surpresa, mas não há fotos de Callie com os amigos.

Por quê?

Eu noto com mais do que um toque de consternação que as bugigangas que coletamos por todo o mundo, aquelas que uma vez encheram seu dormitório, também estão ausentes.

A questão agora é: eles estão ausentes porque ela ainda está com raiva de mim, ou porque ela se sente indiferente?

Por favor, não indiferença. Eu posso trabalhar com qualquer coisa menos isso.

As únicas coisas penduradas nas paredes são algumas aquarelas de coral e um peixe de madeira esculpida; o tipo genérico de merda que você pode comprar em qualquer loja.





Eu caminho pelo banheiro de hóspedes, depois outro quarto que parece às vezes um quarto de hóspedes, às vezes um espaço de armazenamento.

Lançando um pouco da minha magia, escuto as sombras, deixando-as fofocar comigo sobre esta casa e seu dono. ...*Bebe nas horas escuras...*

... *Chuvereiro no corredor...*

... *Fala em seu sono sobre o amor perdido...*

...*Vários homens ficaram à noite...*

O ciúme quente ruge dentro de mim nesse último. Aqui estou eu, o homem que já foi famoso por ter dormido com toda população feminina do Outro Mundo, agora dividido em dois quando de repente as mesas foram viradas para mim.

Nenhum homem, vai aquecer sua cama por mais tempo.

Falando nisso - o quarto de Callie se aproxima. Apenas a visão da porta faz minhas asas flamejar. Eu entro, meus olhos absorvendo o espaço. Para onde quer que eu olhe, há evidências do mar – de mais arte na parede sobre o mar, uma concha em uma mesa lateral, a vasos

de vidro cheio de água marinha. Porque ela não pode viver no mar... Ela trouxe para ela. Ele ainda tem o cheiro salgado de sal e algas marinhas.

Eu ando pelo quarto, passando meus dedos pelas colunas de





romances empurrados numa estante de livros pintada de branco.

Só quando chego a uma das cadeiras do quarto dela me deparo com algo que não pertence a ela. Pego a peça ofensiva de roupa que foi jogada sobre a cadeira e a levo ao nariz.

Eu respiro o material, depois faço uma careta, apertando o pano com força no meu punho.

Cão. Especificamente, um licantropo.

Um pouco da minha escuridão interior contamina minha ânsia.

Amante... Dela.

Por um breve momento, eu esqueci.

Pelo que eu sei, ela está namorando um caçador de recompensas da Polítia. No começo, não acreditei. Callypso Lillis, a mulher que uma vez temia as autoridades, agora namora uma delas?

Eu não deveria estar tão surpreso. As sereias são um pouco fatalistas. Elas têm uma longa história de problemas, graças a uma maldição milenar colocada em suas espécies. E mesmo que essa maldição tenha

sido retirada, sempre haverá uma parte da minha companheira que atrairá problemas.

Embora tecnicamente, entre mim e o caçador de recompensas, sou a pior escolha.





Só é preciso um pouco de magia para as chamas começarem a queimarem o material. Dentro de segundos, a camisa ofensiva nada mais é do que fumaça e cinzas, e então nem é isso, minha magia consume todos os vestígios de sua existência.

Espero que Eli tenha desfrutado de Callie enquanto ele a tinha. Agora que ela e eu pagamos o dízimo, não tenho planos de deixá-la ir novamente.

Menos de um ano atrás

No momento que Callie chega em sua casa, eu me faço em casa. Eu invadi a cozinha dela, sorrindo quando encontrei um esconderijo secreto de doces - porque que diabos ela está escondendo seus doces? - e franzo a testa quando me deparo com seu estoque secreto de álcool pela metade. Aqueles que eu sei que ela deve esconder de si mesma, só os tirando quando ela está muito fraca ou abatida para resistir.

Depois de preparar uma refeição para mim, folheei sua conta na Netflix. Ao que tudo indica, ela ainda gosta de adaptações de livro para filme, e também assiste a uma boa dose de programas de comédia.

Agora me recosto em sua cama, olhando para a lua, que se eleva sobre o Pacífico. A visão desperta





algum anseio antigo em mim, algo nostálgico e totalmente doloroso. Talvez seja a visão daquela lua tão perto da água - tão perto e ainda assim fora de alcance. Isso me lembra de Nyxos e Fierion, os deuses da noite e do dia; os amantes apaixonados sempre procurando um ao outro e sempre separados.

Mas a emoção de estar de volta em sua vida é muito inebriante para eu ficar triste com a lua nascente. Eu me banho das sombras que deslizam pelas janelas de Callie, fechando os olhos enquanto espero. Eventualmente, eu ouço a porta da frente se abrir, depois o som suave de passos. Ela demora muito tempo para vir para o quarto dela, onde eu estou em seu colchão.

Está tomando toda a minha concentração para controlar minhas asas e minha ansiedade.

Callie passa pela porta, o corpo dela nas sombras.

Jesus, José e Maria.

Não pode ser real.

Não aquele cabelo escuro que cai em ondas pelo corpo dela, não aquele rosto, que foi criado para quebrar o coração dos homens e dobrar suas vontades. Meu olhar se move para sua pele, envolvidas apenas na lingerie mais bonita.

Ela é uma visão feita para me assombrar.





Antes que eu possa evitar, minhas asas se abrem embaixo de mim. Sou o adolescente e ela é a mulher inatingível.

Quão irônico é o destino.

Minhas asas ficam expostas por um breve momento, mas o movimento a assusta. Eu ouço sua ingestão rápida de ar, e então, um momento depois, ela acende as luzes do quarto.

Foda-me, nada nunca pareceu tão atraente como Callie em lingerie. Ela parecia hipnotizante nas sombras; ela é uma visão na luz suave do seu quarto.

Todos os sinais da garota que ela já foi se foram. A adolescente Callie foi substituída por essa criatura, com suas curvas femininas e rosto devastador.

Hora de planejar, Desmond. Vai demorar mais do que pura paixão para conquistar o coração da minha companheira.

Callie me encara chocada. Não, não chocada - *atordoada*. Eu pego um pico de incerteza, adolescente no olhar de Callie.

Essa é a minha garota.

Eu passo meu olhar sobre ela. — Você atualizou sua lingerie desde a última vez que te vi.

Vou sonhar com isso depois.

Há uma longa pausa; Callie parece estar se recompondo.





— Olá, Desmond Flynn, — ela finalmente diz, deliberadamente usando meu nome completo.

Ela poderia muito bem ter alcançado entre as minhas pernas e apertado minhas bolas.

Um lento sorriso separa meus lábios. Coisinha mal-humorada. — Eu não sabia que você queria revelar segredos hoje à noite, Callypso Lillis.

Meus olhos retornam para sua pele. Eu não posso me impedir de olhar para ela, *toda* ela.

Pegue-a. Reclame-a. Mantenha.

Ela caminha pelo quarto, pegando um roupão do armário.

— O que você quer, Des, — ela pergunta amarrando o roupão. Sua voz é de alguma forma irritada, entediada e exasperada de uma só vez. Há um nome para isso.

Indiferença.

Por uma fração de segundo, o céu parece que está caindo ao meu redor.

Ela mudou completamente.

Mas então eu percebo como as mãos dela tremem.

Alívio me lava.

Ela está abalada com isso também.

Minha sorte não acabou completamente.





Como um predador, eu agarro a sua vulnerabilidade.

Eu me materializo atrás dela num instante, me curvando em seu ouvido. — Exigente como sempre, eu vejo. — Eu sorrio um pouco quando ela grita de surpresa, se virando para mim. — Uma imperfeição estranha no seu caráter, considerando o quanto você me deve.

Minha magia desliza da minha voz, prometendo-lhe todas aquelas coisas proibidas que sua insaciável sereia implora.

Eu vou dar a cada um deles para você sereia, noite após noite, contanto que você seja minha.

Aqueles olhos profundos e insondáveis vasculham meu rosto. Eu esqueci o que sentia ser olhado por eles. Sete anos os tornou mais tristes, solitários, mas não menos penetrantes.

Ela acha que eu a abandonei. Clara como a luz das estrelas, eu li isso no rosto dela.

Naquele instante, chego o mais perto possível para liberar as informações livremente. Apenas séculos de contenção seguram

minha língua. Dizer a verdade a Callie não

me comprará amor. Ela teve anos para se

ressentir de mim; algumas frases curtas

não vão simplesmente consertar isso.

Eu vou ter que fazê-la se apaixonar

por mim, tudo de novo.





Eu pego a mão dela e levanto a manga do roupão dela. Fileira após fileira de minhas miçangas envolvem seu antebraço. Um tipo primitivo de prazer surge com a visão disso.

— Minha pulseira ainda fica bem em você, querubim.

Eu posso pedir qualquer coisa para ela, qualquer coisa, e ela é obrigada a me dar. Eu poderia lhe pedir para morar comigo, casar comigo, dormir comigo, gerar meus filhos.

Isso não é o suficiente. Não ainda. Eu quero o amor dela, os pensamentos dela, a paixão dela - e eu quero que seja dado livremente. Sempre livremente. Nada menos.

Mas ela não sabe disso.

— Callie, você me deve muitos favores.

Você é minha. Você não sabe ainda, amor, mas você é.

Ela me encara e sinto o peso de seu entendimento. Uma parte dela entende que este é o fim - e - é o começo. — Você finalmente está aqui para coletar.







CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Até a escuridão morre

Menos de um ano atrás

O caçador de recompensas não é mais uma ameaça. Isso é óbvio no momento em que ele vê minhas asas e reconhece o que elas significam.

Callie fica confusa com a situação. Mas ela deve estar desconfiada. Depois do meu confronto com Eli, ela se trancou no quarto, com o rosto conturbado.

Meu corpo praticamente estremece com a necessidade de estar perto dela. Assim como a noite da dança, eu estou perdendo meu controle. Meus instintos fae estão eliminando a razão.

Eventualmente, a porta do quarto de Callie se abre e ela aparece. — É verdade? — Ela exige.

Eu olho para ela, ainda distraído com os meus pensamentos. — O que é verdade?

— Sobre suas asas, — diz ela. — É verdade que você está mostrando para que todos saibam que não devem me tocar? Que eu pertenço a você?

Eu endureço. Ela chegou muito perto da verdade - ela errou o alvo, mas deuses, ela está perto.

Meu coração está acelerando.

Minha companheira. *Reivindique-a*





Minha magia está saindo de mim, escurecendo a sala. Todos esses anos negando a mim mesmo; Estou prestes a nos abrir.

— É, — diz ela, chocada.

Eu me aproximo de Callie, que parece com raiva.

Preciso *reivindicá-la*.

— Seu *bastardo*, — ela grita. — Você ia me dizer?

Se eu admitir a verdade, não vou deixá-la escapar de novo.

Ela está pronta para isso?

O diabo sabe que eu estou.

Ela me cutuca no peito. — Você ia?

Eu olho para o dedo dela, minha boa atitude se esvaindo enquanto ela me desafia. Meus impulsos mais escuros aparecem.

Eu deixo um sorriso escapar quando me aproximo dela, nossos peitos se tocando. — Você tem certeza que quer conhecer meus segredos, querubim? — Eu digo. — Eles vão te custar muito mais do que um pulso cheio de miçangas.

— Des, eu só quero respostas.

Tome-a - reclame-a - mantenha.

Eu pego uma mecha de seu cabelo. — O que posso dizer? Faes podem ser amantes incrivelmente ciumentos e egoístas. ...*Eufemismo*...

— Você deveria ter me contado.





Contar para ela quando precisamente? No ensino médio, quando ela era muito jovem? Ou quando finalmente consegui voltar para o lado dela depois de sete anos separados? Porque isso teria sido um ótimo quebra-gelo.

Talvez eu tenha orgulho de ter minhas asas expostas — eu digo. — Talvez eu tenha gostado do jeito que você olhou para elas e do jeito que os outros olhavam para elas. Talvez eu tenha sentido coisas que nunca senti antes.

Eu deixei minhas asas se abrirem, tomando cuidado para soltá-las lentamente. Minha magia é tudo que consome. Se eu fosse ceder completamente nesse momento, ele encobriria o quarto na escuridão e liberaria todos os tipos de feromônios que uma sereia seria especialmente suscetível. Eu quero que Callie venha a mim por sua própria vontade.

— Talvez, — continuo, — eu não quisesse te contar apenas para descobrir que você não sentia o mesmo. Eu sei ser letal, Callie. Eu sei ser justo. Eu não sei como lidar com você. Conosco. Com isso.

Por tanto tempo eu fui o cruel Negociador e o feroz Rei da Noite; Eu não tenho praticado ser simplesmente um homem apaixonado. Eu tenho medo de arruinar isso.

— Com o quê?





Ela vai me fazer soletrar. Eu posso sentir meu coração batendo contra minhas costelas. Quando se trata de Callie, eu quero dar a ela meus segredos, mas a reação dela também tem o poder de me desfazer.

Eu passo meu dedo em sua clavícula. — Eu não fui totalmente honesto com você, — eu digo com cuidado.

Não é exatamente uma revelação chocante.

— Houve uma pergunta que você me fez antes, — continuo. — Porque agora? Eu fiquei fora por sete anos, Callie. Então, por que eu voltei agora?

Suas sobrancelhas se franzem. — Você precisava da minha ajuda, — diz ela.

Certamente ela pode ver que isso era uma cortina de fumaça.

— Uma mentira que se tornou a verdade. — eu digo.

Junte as peças Callie. Elas estão bem na sua frente.

Mas claro, ela não vai. Ela não pode. Eu a beijei nos lábios e entre as suas coxas - quase a mudei para a minha casa -, mas ela não vê nada do isso significa. Porque mesmo depois de sete anos, ela ainda é aquela garota solitária que não acredita que pode amar e ser amada.

Eu gentilmente toco a sua bochecha. —
Callie.

Ela não consegue ver que me deixa de joelhos? De manhã, à tarde e à noite, ela está sempre ali em todas





as batidas do meu coração. Aquela voz doce dela canta em minhas veias. Isso me chama através dos mundos. Tudo o que ela é, é meu, e tudo o que sou é dela. Sempre.

Eu abro minhas asas completamente, as pontas delas quase roçando as paredes da sala de estar.

Deus é bom finalmente expô-las. Lutei por isso por muito tempo.

— Uma fae não mostra suas asas para sua prometida.

Eu levo a minha mão para o pescoço dela, acariciando a pele suavemente. Ainda me enche de admiração que eu chegue perto dela. Que mais uma vez eu posso finalmente tocá-la. Ela não é a única que acha que isso é bom demais para ser verdade.

— Um fae mostra elas para a sua alma gêmea.

Ela se cala.

Mesmo com anos de dor, sete anos de acordar com a mesma dor que nunca foi embora. Talvez esta noite eu possa finalmente colocar essa angústia de lado uma vez por todas.

— Você está mentindo, — ela sussurra, descrença revestindo sua voz.

Eu conheço o sentimento. Como se ela não conseguisse acreditar porque isso poderia quebrá-la. Não apenas quebrá-la. Isso vai quebrá-la e ela nunca mais será a mesma. Já está me quebrando.

—Não, querubim, eu não estou.





Ela analisa meu rosto. — Então você está dizendo...?

— Que eu sou apaixonado por você? Que eu tenho sido desde que você era aquela adolescente obstinada com muita coragem? Que você é minha alma gêmea e eu sou sua? Deuses me salvem, sim, eu estou dizendo isso.

Callie recua um pouco, os olhos arregalados e os lábios entreabertos. Uma das mãos toca o seio dela, bem acima do coração.

Eles devem sentir a exatidão disso. Da mesma forma, o rio flui, da mesma forma que a noite segue o dia e o sol nasce no Leste e se põe no Oeste. Nós sempre fomos feitos para acontecer.

Ela analisa meu rosto. — Mas você foi embora.

— Eu fiz, — eu concordo. — Mas eu nunca quis ficar longe.

— Então por que você ficou?

Seus olhos têm o mesmo olhar assombrado que eles tinham quando a conheci, só que agora são minhas transgressões e não o padrasto dela que são responsáveis por isso.

Eu passo a mão pelo meu cabelo, me sentindo como a pior alma gêmea do mundo. — Você era tão jovem, — eu explico. — E você foi abusada. E meu coração escolheu você. Eu senti isso na primeira noite, mas eu não acreditei, até que o sentimento cresceu até que não pudesse ser ignorado.





Como explicar nosso vínculo? Isso desafia a lógica dos nossos mundos e da nossa magia.

É como se alguém tivesse engarrafado a essência dela e eu bebesse tudo. Ela fervilhava embaixo da minha pele. Seu reconhecimento é tão primitivo, tão puro, não há palavras para descrevê-lo. Desafia os sentidos - desafia até a magia.

— Eu não podia ficar longe, — eu continuo, — eu mal podia resistir a você, mas eu não queria te empurrar para algo. Não quando você acabou de escapar de um homem que tomou e levou. Eu não queria que você pensasse que era apenas isso que todos os homens faziam. Ela olha para mim, uma lágrima escapando de seus olhos. Outra seguindo.

Eu sinto meus segredos se escorregando. Uma parte de mim esperava isso. O que eu não esperava era que eles ficassem aliviados.

Eu limpo as lágrimas de Callie. Deveria ter feito isso muito mais cedo.

— Então deixei você jogar seu jogo, comprando favor após favor de mim, — eu digo, — até o dia em que eu não aguentei. Nenhuma companheira minha deveria me dever. Quando começou a parecer

errado? Não consigo lembrar a data, apenas a sensação - como uma marca pressionada

sob minha própria pele, a vergonha me queimando de dentro para fora. —

Mas minha magia, — eu explico, — tem uma mente própria... Como a sua sereia, eu nem sempre consigo





controlar. Achava que quanto mais você me devesse, mais eu poderia garantir que você estava em minha vida. É claro que essa estratégia chegou a um fim abrupto no momento em que você lançou seu desejo final.

Foi quando todos os meus astutos planos desabaram. Eu fui sabotado pelo meu próprio poder.

— Esse seu desejo final — continuo, — era maior do que qualquer um de nós. Você me queria, eu estava me apaixonando por você e não estava certo, Callie. Eu sabia que não estava certo. Não quando você tinha dezesseis anos. Mas eu poderia ser paciente. Para minha pequena sereia, minha companheira, eu poderia.

Eu já esperei séculos por ela. Se ela precisasse, eu poderia esperar mais séculos. Em teoria. Foi o que eu disse a mim mesmo toda vez que cheguei perto demais e tive que fugir. Que manter minha distância era de seu interesse, que eu era forte o suficiente para suportar essa doce agonia.

Mentiras do caralho, tudo isso.

Eu não fui forte o suficiente. Depois da noite da dança de Callie, se eu tivesse conseguido sair antes de seu último desejo, poderia ter mantido distância por uma semana, talvez duas. Eu duvido que eu poderia ter durado um mês.





Minha magia, ao que parece, é de longe, muito mais forte do que a minha vontade jamais foi.

—Mas esse desejo... — Eu digo, lembrando daquela fatídica noite, — Eu era um prisioneiro dele.

— Que desejo? — Ela pergunta, parecendo perdida.

Aquele que me manteve longe você. Todo esse tempo e ela ainda não tem ideia.

—Seu último desejo — eu digo. — Na noite da dança — ‘Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn’.

Essas palavras foram gravadas em mim. Callie poderia nunca saber quantas noites solitárias eu as murmurei para mim mesmo. Ou que eu desenhei o olhar em seu rosto quando ela falou cem vezes, tentando capturar e recapturar tudo o que ela era e queria naquele momento. Tudo para que eu pudesse segurá-la enquanto estávamos separados.

Seu rosto aquece. — —Você nunca concedeu ele.

Eu inclino a cabeça apenas um pouco. — Você tem certeza disso?

O rubor desaparece de sua pele. Ela parece que alguém a mergulhou em água gelada.

—Você... você concedeu? — Ela diz.

—Eu concedi.

O que eu daria para não ter concedido. Como nossas vidas teriam sido diferentes se isso não





tivesse acontecido. Eu tive que esperar que minha magia soubesse algo que eu não sabia; que esse era o melhor caminho a seguir.

Os olhos de Callie se movem para o bracelete. — Mas as miçangas nunca apareceram...

— Eles não apareceriam, já que você já estava pagando. Nós dois estávamos.

Maldita seja minha magia por isso.

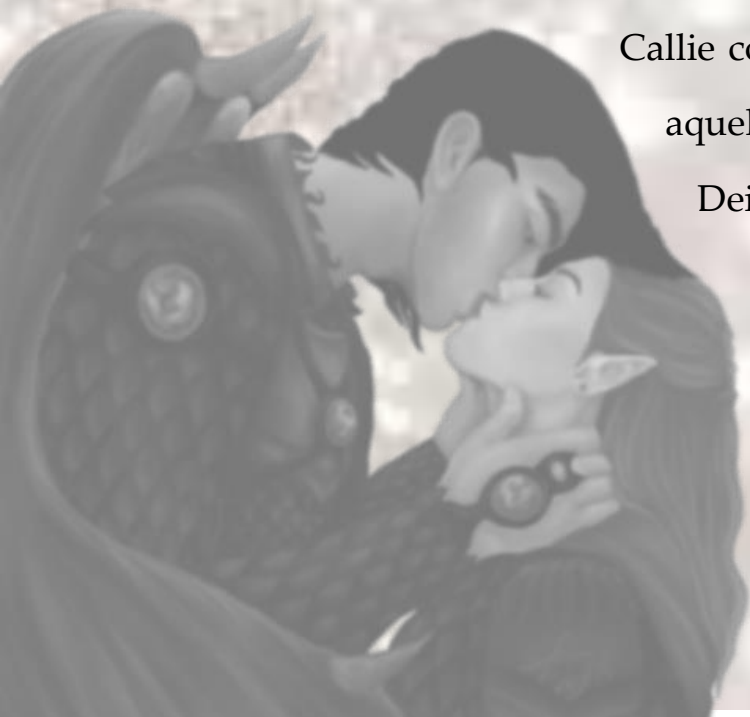
Lentamente, seu olhar se levanta para encontrar o meu. — O que você quer dizer? — Ela sussurra.

— Um favor tão grande quanto o que você pediu exige um pagamento alto, — eu digo. — Você acha que minha magia permitiria que você comprasse um parceiro tão facilmente? Esse tipo de favor exige uma boa dose de desgosto e anos de espera — sete anos, para ser preciso. Sete anos que finalmente, felizmente, acabaram.

— Todos os dias, depois de seu último desejo, eu me esforcei tentando chegar perto de você, — Tudo isso foi pura agonia. — E todos os dias eu era parado por minha própria magia, que se virou contra mim.

Callie começa a tremer, e eu posso ver toda aquela amargura frágil dela caindo.

Deixando-a, ela voltou a ter aquela mesma aparência inocente que ela sempre teve. Embora talvez inocente seja a palavra errada. Talvez esperançosa seja melhor.





— Então, um dia, — eu digo, — a magia que estava sobre mim se solta. Eu tentei me aproximar de você como eu tinha tentado mil vezes antes, e desta vez, a magia não me impediu. — Finalmente, após os sete mais longos anos da minha vida, consegui voltar ao meu amor, minha companheira. A doce sereia que amava minha escuridão e minhas barganhas e minha companhia quando eu não era ninguém e nada mais do que Desmond Flynn. A mulher que tomou o destino em suas próprias mãos quando ela falou aqueles antigos votos e se declarou minha.

Está ficando claro para ela. Isso é real. Nós somos reais

Todas aquelas noites que ela me viu deixá-la, essas foram ilusão. Porque a verdade é que procurei mundos por ela, a procurei durante séculos. Eu a segurei mil vezes em meus sonhos e morri milhares de vezes ao acordar.

Meu coração, minha alma. Minha rainha.

— Callie, — eu digo: — eu te amo. Eu te amei desde o começo. E eu vou te amar muito depois da última estrela morrer. Eu te amarei até o fim da própria escuridão.

— Você me ama, — diz ela, tentando entender as palavras.

— Eu te amo, Callypso Lillis. — Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Está finalmente tudo exposto para nós, essa verdade linda e brutal. E





agora tudo que eu quero é cair nela e nunca mais voltar. Minha doce redenção.

Por vários segundos ela fica parada, o único movimento que vejo é a subida e descida de seu peito.

E então ela sorri.

Ah, deuses! Quem precisa do sol quando ela sorri assim? Ela pode fazer a tristeza esquecer que existe.

— Você quer... Ficar comigo? — Ela pergunta.

Ela ainda não entende.

Eu a puxo para mim, olhando para os olhos largos e esperançosos.

—Callie, isso pode ser exagero, mas eu estou sentindo que você quer isso no momento...—.

Seu sorriso se alarga. —Eu quero.

Então eu digo a ela todas aquelas verdades que devem ser tão dolorosamente óbvias agora. Porque sou um filho da puta sentimental e ela é minha companheira.

— Quero acordar todas as manhãs com você, querubim, e quero me casar com você, e depois quero ter muitos e muitos bebês com você.

Se, claro, se você quiser.

Eu quero tanto esse futuro e quero que ela também o queira.

Por favor, queira, Callie. Por favor me queira.

Ela não fala e um segundo agonizante dá lugar ao seguinte.





— Eu serei sua, se você for meu, — ela finalmente diz.

Eu sinto meu sorriso quase dividir meu rosto em dois, e minhas asas se alargam mais do que nunca.

Tome-a. Reivindique-a. Mantenha.

Nada, nada, parece tão bom quanto esse momento.

É assim que é ser amado. É como o universo se formando do caos. É mais leve que o ar e mais forte que a magia. É tudo.

— Eu sempre serei seu, querubim. — Mesmo quando ela não me quiser. Eu nunca deixarei de ser dela.

Eu aperto suas bochechas.

Há um juramento antigo na minha terra e, desde que me lembro, os amantes sussurraram sob as estrelas. Por sete anos eles estavam em mim. Finalmente eu posso dizer.

Eu procuro seus olhos. — E as montanhas podem subir e descer, e o sol pode ir embora, e o mar reivindicar a terra e engolir o céu. Mas você sempre será minha. E as estrelas poderiam cair dos céus, e a noite poderia encobrir a terra, mas até que a escuridão morra, eu serei sempre seu.





CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O Rei das Garras e Presas

Menos de um ano atrás

Quando acordei na manhã seguinte, Callie desapareceu – só que as sereias não desaparecem. Elas são glamorosas e sedutoras, mas elas não desaparecem completamente, particularmente aquelas que foram magicamente obrigadas a viver sob o meu teto.

Depois da noite passada, ela poderia ter fugido de mim como eu costumava fugir dela? O simples pensamento é suficiente para me aterrorizar.

Ela ama você, seu idiota. Ela não fugiria.

Eu ando pela minha casa em Catalina, mas não há sinal dela. Eu checo a porta da frente. Está trancada por dentro. Ela tem uma chave, mas no momento está em uma mesa ao lado da entrada.

A porta dos fundos então.

Quando eu chego a ela, está desbloqueada. Eu sinto meu alívio sair de mim.

Ela veio aqui para estar perto da água, é claro.

Mas quando eu ando até lá, não há sinal dela. Meu desconforto se acumula.

Estou trilhando mais fundo no meu quintal, parando na minha mesa do pátio. Uma xícara cheia de café





repousa sobre a mesa. Eu pego a caneca.

Quente ao toque.

É apenas uma daquelas coisas que gritam que há algo de errado.

Se Callie pudesse, ela levaria seu café enquanto andava. Ela não deixaria para trás.

Meu desconforto se torna outra coisa. Parece que alguém está apertando e torcendo meu intestino.

Eu alimento magia para as poucas sombras que ficam por aqui. Elas saberão o que aconteceu. Alguns segundos depois, meu poder volta para mim, as sombras permanecendo obstinadamente silenciosas. As sombras da terra adoram conversar. A única vez que elas ficaram quietos foi quando...

Deuses de cima e de baixo.

Não. Impossível. Ela é uma mortal e o ladrão das almas tem um gosto muito peculiar. Ele não viria aqui, ele não a levaria.

Mas se... Se ele a levou, então é minha culpa. Eu a incumbi neste caso, nunca imaginando que ela pegaria a atenção do monstro que eu caçava.

Deveria estar ciente Desmond. Monstros sempre notam o que você gosta.

Um segundo depois, eu me dissolvi nas sombras.





Preciso encontrá-la. Eu falo a frase repetidamente quando começo minha busca.

Todo dia e toda a noite, eu vasculho os mundos por ela. Terra, o Outro Mundo, ela poderia estar em qualquer um.

A tarefa seria finitamente mais fácil se nosso vínculo estivesse totalmente em vigor. Mas porque não está, porque Callie é uma humana e eu sou um fae, não posso buscá-la a partir de nossa conexão para localizá-la.

Em vez disso, procuro à moda antiga, recebendo favores por informações. Eu escolhi as sombras do meu mundo e das dela, procurando por qualquer pedacinho de conhecimento que eles me dessem. Mas a escuridão é silenciosa e isso me faz querer destruir alguma coisa.

Embora as sombras não me digam nada, se eu me concentrar bastante e por tempo suficiente, juro que sinto o medo delas. É a mesma reação desconcertante que senti toda vez que tentei tirar respostas sobre o Ladrão das Almas.

Eu me pergunto mil vezes o que faria a noite sentir medo. Agora, estou muito consumido pelo meu próprio pânico para me debruçar sobre a questão.

O ladrão das almas tem Callie. As trevas também poderiam ter dito isso.





Minha mente volta para todas aquelas mulheres guerreiras presas em seus caixões de vidro, um bebê agarrado a seus seios. Antes disso, senti uma faísca de pesar por eles - tristeza e horror - mas era isso.

Eles não eram meus entes queridos, minha família ou amigos. Agora, estou tendo todo tipo de explicações terríveis sobre como essas mulheres chegaram a dormir... E como elas tiveram um filho. Raiva está queimando através do meu medo. Eu vou quebrar o Outro Mundo em dois antes que isso aconteça com Callie.







Menos de um ano atrás

Vários dias depois, todos os meus favores e
sombras sussurrantes não me levam a nada.

Eu ando através do meu palácio, profundamente nas
masmorras. Eu me empoleirei em um banquinho e agarrei meus
dedos, os batendo contra a minha boca.

Esqueça o que você sabe do Ladrão de Almas, Desmond, que
ocorrências incomuns aconteceram a Callie? Monstros adoram deixar
seus cartões de visita. Eu deveria saber.

Havia o colchão rasgado, o sonho que obviamente não era apenas um
sonho. E então havia a visão que as crianças do caixão tinham
mostrado - visões de gaiolas e uma criatura com chifres.

Isso é tudo o que eu tenho.

Vai ter que ser o suficiente.

Eu começo com a besta. Há muitos fae com chifres no Outro Mundo,
mas apenas um que poderia fazer isso.

Karnon Kaliphus, Mestre dos Animais, Senhor do Coração Selvagem,
Rei da Fauna - e ultimamente, o Rei Louco.

Só ele poderia ter poder e loucura
suficientes para se adequar à conta.

Merda, mas eu estou realmente
assumindo que o rei da Fauna está
por trás dos desaparecimentos?





Aqueles que são tocados pela lua são capazes de muito. A questão é, poderia Karnon ser capaz de fazer o mal causado pelo Ladrão das Almas?

Certamente um de seus súditos teria dito alguma coisa.

Certamente, se ele fosse verdadeiramente culpado, alguém teria notado algo até agora.

Não posso me dar ao luxo de ignorar essa possibilidade. É a melhor pista que tenho. Pelo amor de Callie, tenho que assumir o pior de Karnon.

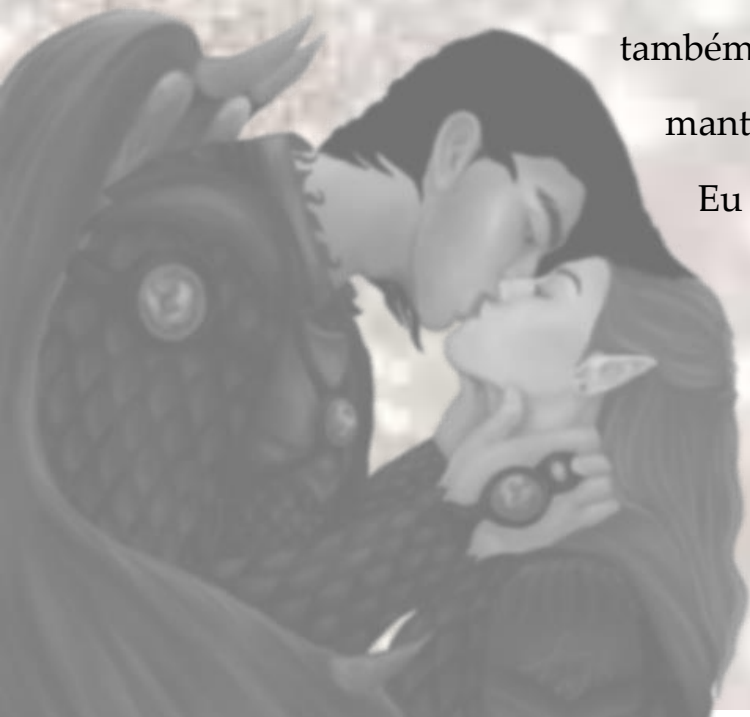
Mas se eu estiver errado... Não só não estarei mais perto de encontrá-la, eu poderia ter uma guerra em minhas mãos. Isso é o que você paga quando você ataca reis.

Vou ter guerra por Callie se precisar, mas vou encontrar ela!

Tão rápido quanto a noite, deixo as masmorras de Somnia e faço meu caminho para o Reino da Fauna. Sendo o rei de um reino rival, sou obrigado a anunciar minha presença no território do meu governante. Eu só não me incomodo.

Se eu estou certo e Karnon está por trás disso, então seus soldados também estão por trás disso. Ninguém mantém um segredo tão grande para si.

Eu me uno ao céu noturno, varrendo o Reino da Fauna. Eu não sou mais um homem, não mais um corpo com braços e pernas e um rosto. Eu





difícilmente sou uma coisa. Mais como a escuridão senciente³.

As sombras estão sempre quietas aqui. Eu sinto isso como nunca. Magia antiga. Magia poderosa. O tipo não escrita em livros. Talvez não seja que as sombras não querem compartilhem seus segredos; talvez elas não podem.

Se Karnon é o único que exerce esse tipo de magia, então eu o subestimei enormemente.

Antes de ir para a capital da Fauna, eu vasculho o que posso da terra, procurando qualquer vestígio de Callie. Eu não encontro nada.

Assim como eu pensava.

Há uma chance de que ela simplesmente não esteja aqui no Reino da Fauna, mas também há uma chance dela estar em uma área protegida do palácio, onde a magia me impede de entrar.

Todos os reinos têm bolsões de espaço contra mim e contra os outros governantes. Desta forma, reis e rainhas rivais não podem simplesmente entrar e descobrir seus segredos mais bem guardados.

Eu me dissolvo na escuridão fora dos terrenos do castelo de Karnon, e lá me demoro. As coisas estão quase dolorosamente normais. Guardas fazem suas rondas ao redor do perímetro, a nobreza da Fauna vem e vai. Eu sigo





vários deles de volta para suas casas, esperando que um deles escorregue, mas nenhum deles faz.

Você estava errado, Desmond. Ela não está aqui.

Callie poderia estar em outro reino - até mesmo em outro mundo - suportando crueldades que não consigo entender.

Estou pensando em sair do meu posto quando uma estranha magia flutua pela escuridão. É tão fraco que quase não sinto. Com isso vem o desejo de voltar à minha forma. Relutantemente, faço isso, meu corpo se manifestando em uma árvore em direção do palácio.

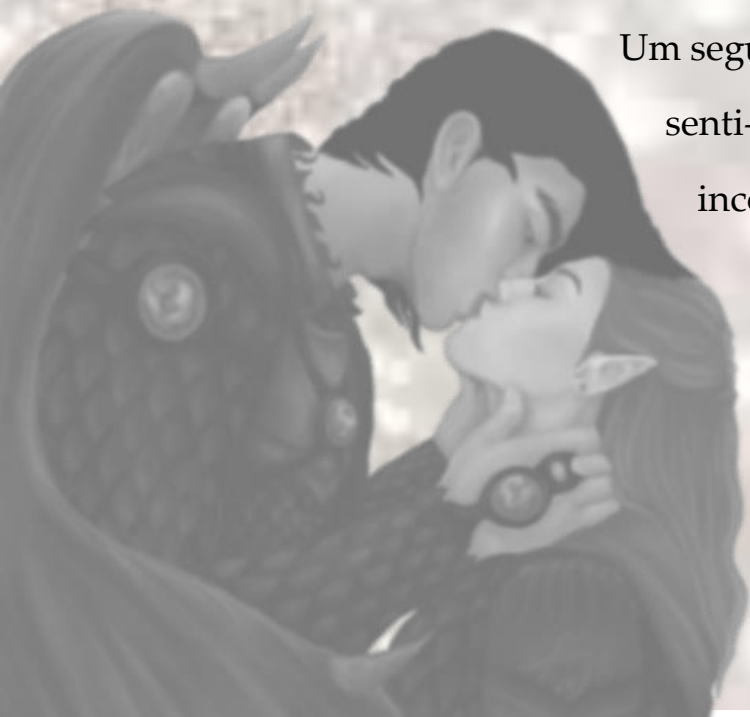
Eu sinto a magia mexer novamente, desta vez se concentrando no meu coração. Eu puxo uma respiração chocada, minha mão pressionando contra o meu peito.

Deuses, eu a sinto.

Minha companheira!

A essência de Callie é uma canção, algo que imaginei que as sereias podem cantar para os homens rebeldes. Só que apenas ressoa dentro de mim, me chamando para ela.

Um segundo depois percebo que não deveria senti-la. Nossa magia é muito incompatível. O vínculo fraco entre nós e através dela eu sinto angústia. Imensa angústia. O mundo ao meu redor escurece.





Meu olhar se concentra no castelo, onde agora posso senti-la vagamente e meus olhos se estreitam.

Abrindo minhas asas, eu subo no céu um momento depois, seguindo o fraco puxão da minha conexão com Callie.

A escuridão se move comigo, pulando pelas bordas dos jardins do palácio e diminuindo as luzes faes até que não passem de uma lembrança.

Eu me movo para a barreira invisível que me impede de entrar no palácio da Fauna. Enquanto não consigo ver, percebo a ala arqueada sobre a área real em uma cúpula perfeita.

Devo chegar até ela.

Me preparando fecho a minha em punho e começo a martelar contra a barreira que me separa da fortaleza.

TUMP! TUMP! TUMP! O som dos meus golpes pulsa durante a noite. Não demorou muito para os soldados da Fauna reagirem. Entre as sombras densas que se enrolaram nos arredores do palácio e os estrondos sônicos de cada golpe sucessivo, eles descobriram que alguém está tentando invadir seu castelo.

Mas coberto de rancor como estou, eles não podem me ver.

Eu ataco a barreira de magia de novo e de novo, colocando meu poder nisso. Cada vez que sinto as proteções, dou um pouco mais.





TUMP - TUMP - TUMP!

Tenho que chegar até ela.

TUMP - TUMP!

A necessidade primária está me deixando ainda mais forte.

Agora que eu posso ouvir a essência de Callie, cada nota de sua ligação está ficando cada vez mais terrível.

Eu jogo tudo o que tenho nos golpes, mal percebendo que meus dedos estão se partindo e meu sangue está escorrendo pelo chão.

Finalmente, os guardas surgem de onde eu estou tentando entrar. Do outro lado da barreira eles correm em minha direção, com as armas em punho. O problema das proteções é que, embora as coisas não possam passar do meu lado para os deles, as coisas podem se mover do seu lado para o meu - isto é, as correntes. Eu grunho quando uma flecha me atinge no ombro. Outra bate na minha lateral.

Isso é o que acontece com tantos soldados mirando em mim.

Eu não diminuo meus golpes. Abaixo do meu punho, sinto a barreira ficando frágil. Eu bato de novo e de novo.

Finalmente se quebra, a magia ondulando através da cúpula enquanto a parede se desintegra.

Estou dentro! Eu quase rio com o meu triunfo feroz.

Eu me dissolvo na escuridão assim que uma enxurrada de flechas





passa por mim. Aquelas que foram enterradas na minha carne caem inofensivamente no chão.

Então, é difícil focar na minha conexão com Callie; agora mais do que nunca nossa magia é incompatível.

Mas estou perto o suficiente dela para aprimorar sua essência.

Eu me manifesto do lado de fora da sala do trono de Karnon. Esta seção do recinto do castelo está mais uma vez contra mim.

Foda sabia que eu estaria vindo para a minha companheira.

Dentro, eu posso ouvir os gritos de Callie. Isso quebra algo dentro de mim.

Nunca senti tamanha agonia! Parece que alguém está arrancando a carne dos meus ossos.

Karnon fez isso.

A escuridão se acumula ao meu redor, extinguindo toda a memória da luz.

Há uma calma dentro de mim, uma calma aprimorada por uma vida inteira de prática. Tudo está desligado - meu amor, meu ódio, meus sonhos e medos. Tudo o que resta de mim é uma quietude.

Pego tudo o que tenho e jogo nas grandes portas duplas que me impedem de entrar.

ESTRONDO!

Eles tremem contra o meu poder,
mas seguram firme.

Novamente.

ESTRONDO!





Eu ouço madeira e metal rangendo quando ele começa a se dobrar.

Novamente.

ESTRONDO!

O ar na minha frente ondula.

Novamente.

ESTRONDO!

Com um grito, o feitiço estilhaça e as portas se abrem, a moldura de madeira se despedaçando e os fechos de metal quebrando enquanto são arrancados da parede. Soam como um trovão quando atingem o chão.

Dentro da sala do trono é uma cena de pesadelo. Videiras cobrem as paredes e o teto, se curvando ao redor do trono de ossos. Folhas velhas decoram o chão. O lugar está decadente.

Entre tudo isso está Karnon, com os olhos selvagens e frenéticos, e a seus pés...

Não processo imediatamente a visão do corpo amassado no meio da sala. Aquela coisa fraca e sangrenta não pode ser uma pessoa.

Mas então eu ouço nossa conexão e sinto o cheiro dela.

Minha companheira.

Minha *Callie*.

Eu tenho que prender minhas pernas para não cair. Eu não posso





parar o agonizante som que escapa da minha garganta.

Não.

Minha escuridão se curva ao redor dela de forma protetora.

— Então, seu companheiro encontrou você depois de tudo, — diz Karnon de onde ele paira sobre ela.

— Levou tempo suficiente.

Estou ao lado de Callie em um instante e agora estou caindo de joelhos. Sua batida do coração é fraca, muito fraca. Eu engasgo com a minha própria respiração enquanto absorvo tudo. O que quer que tenha acontecido com ela, ela apenas escapou por pouco.

Minha mão treme quando passa por ela. Tanto sangue. Tenho medo de tocá-la.

E então noto as penas, centenas de penas sangrentas e noturnas que brotam de um par de asas. Asas presas às costas da minha companheira. E então eu a toco, para que eu possa sentir por mim mesmo se elas são reais.

Elas são. As penas molhadas tremem apenas um pouco sob a palma da minha mão.

As sombras deste lugar me enchem.

Eu as alimento com um pouco de magia.

...Nós vimos isso...

...Visão terrível...





...Suas asas brotando de suas costas...

...O rei da Fauna é o culpado...

Eu sinto minha raiva então, minha doce e fiel ira,
começa a se reunir.

— Eu sinto muito, querubim, — eu digo, minha voz
embargada. — Por tudo. Ele vai pagar.

—Diga-me, como você gosta da sua companheira agora? — Diz o Rei
Fauna. — Ela melhorou, não é?

Lentamente, minhas mãos saem de Callie. Meus olhos viajam para o
rei louco e chifrudo.

Eu estou de pé.

—Você sabe, que estará quebrando a mais sagrada lei da
hospitalidade atacando um rei dentro de seu próprio castelo, —
Karnon fala enquanto começa a recuar.

Eu me movo em direção a ele, a escuridão beliscando meus pés. Os
longos anos que vivi com a memória da minha mãe, quebrada e sem
vida, morta nas mãos de outro rei. E eu, impotente para pará-lo.

—Eu nunca imaginei que você fosse se apaixonar por uma escrava -
continua Karnon. — Mas o fraco atrai
fracos...

Não consegui salvar minha mãe e não
pude impedir que isso acontecesse
com minha companheira - mas
sempre fui bom em vingança.





Minha magia está se construindo, construindo...

Mate. Meus instintos gritam para mim.

—Embora eu apreciei seus gemidos...—

Rasgue - mate.

Karnon solta um grunhido frustrado, em um ataque de impaciência ele lança sua magia para mim. Suas garras fantasmas rasgam minhas roupas e cortam minha carne.

— Não, — Callie geme fracamente.

O sangue quente escorre das feridas. Eu mal sinto nada disso.

Mate.

Meu poder constrói, zumbindo em minhas veias. O rosto sem vida de minha mãe passa diante dos meus olhos. O rosto fraco e sangrento de Callie me encara.

Minha fúria se enrola no fundo do meu estômago. Ela se constrói sob a minha pele e preenche o ar, transformando a luz em escuridão, inundando o espaço com sombras.

Nos olhos de Karnon, vejo um lampejo de medo e o Rei Fauna tropeça ao recuar.

Sim, sou algo que até os monstros temem.

Eles estão sempre assustados no final, cada uma das minhas vítimas. Não porque sou apático ou porque gosto de esportes sangrentos, mas porque eles reconhecem a única verdade por trás da minha existência.





Eu fui feito para matar.

A sala escurece até que não haja luz, até que não haja nada além do vazio primordial de onde meus ancestrais saíram.

— Você acha que não posso ver nessa escuridão? — Diz o Rei da Fauna.

Eu sorrio, um vazio sorriso.

— Eu sou a escuridão.

Meu poder explode de dentro de mim, atravessando a sala e destruindo tudo em seu caminho. Destroí móveis, quebra janelas, rasga o telhado. Do outro lado do terreno do palácio, qualquer fae da Fauna é apanhado na teia da minha escuridão agora explodia como fruta madura enquanto a minha escuridão os devora.

Minha magia encontra outra barreira, e ela libera o feitiço, permitindo que minhas sombras corram. Em um instante, tomo conhecimento de toda uma prisão subterrânea localizada embaixo do palácio e das centenas de mulheres presas nela. Minha escuridão faz o seu trabalho, rasgando o guarda da prisão depois de guarda da prisão.

A coisa toda acabou em questão de segundos.

Eu inclino minha cabeça enquanto meu poder volta para dentro de mim. Os únicos que sobreviveram serão Callie e as mulheres presas. Todos os outros se desintegraram em magia e poeira.





Eu levanto a minha cabeça, meu olhar se encontra
com minha amada companheira. — O rei da
fauna não existe mais.





CAPÍTULO VINTE E CINCO

O Futuro é Agora

Presente

É tarde, mas aqui no Reino da Noite, não faz diferença. O céu está tão escuro quanto sempre foi, e as estrelas brilham tão fortemente quanto sempre.

Eu deito em meus aposentos reais, minha companheira comigo.

Eu olho para Callie, seu cabelo escuro espalhado ao redor dela, os olhos fechados e os lábios entreabertos no sono. Um suspiro suave a escapa.

É quase insuportável, se importar tanto com outra pessoa. Tenho vontade de acordar Callie, só para poder deslizar para dentro dela e senti-la ao meu redor.

Eu me contento em passar o dedo do um lóbulo da orelha arredondado.

Nunca estive tão agradecido por vê-la segura em minha cama.

...Não é verdade... Você está sempre agradecendo a noite sangrenta que ela está na sua cama...

Meus lábios se curvam, antes que a expressão se dissolva em algo mais sombrio.

Quase a perdi.

Mesmo agora eu posso me lembrar da visão dela na floresta de





carvalhos sagrados da Rainha Flora, sua essência deslizando mais e mais para longe de mim enquanto ela sangrava de uma ferida de faca infligida pelo Ladrão das Almas. Por vários segundos horríveis, eu tive que lidar com a possibilidade de que ela tivesse ido embora.

Se eu não tivesse lhe dado o vinho lilás...

Mesmo agora, um pequeno arrepio passa por mim. *Insuportável*. E pensar em quantos séculos eu tenho para viver. É impossível imaginar vivê-los sozinhos.

Meu polegar roça o lábio inferior, a fazendo murmurar durante o sono.

Agora, eu a tenho.

Eu a peguei, eu a reivindiquei e agora consigo mantê-la. Ela tomou o vinho lilás, e o elixir deu a ela a vida eterna e fez duas magias que antes eram incompatíveis, compatíveis. O cordão nos une e através dele eu posso ouvir as notas escuras e sedutoras do poder de Callie, sua sereia me chamando.

Um barulho na varanda me tira da cama em um instante. Eu coloco uma camisa e calça e vou para as portas, minhas asas brilhando em minhas costas. Asas que, não faz muito tempo, meu pai morto-vivo havia quebrado. Eles se curaram, mas a memória não.





Eu piso na varanda, que está completamente deserta - exatamente como deveria estar - e me inclino contra o corrimão.

Galleghar Nyx, o Rei das Sombras, ainda está lá fora.

Que tolo eu fui todos aqueles anos atrás por não questionar por que seu corpo tinha sido impermeável aos elementos. Eu estava tão cheio de ódio por ele que deixei nublar meu julgamento.

E agora estou apenas começando a pagar o preço.

Eu fico do lado de fora por mais alguns minutos, observando os prédios pálidos que se espalham ao meu redor.

Um tipo de silêncio não natural desce sobre Somnia. A Minha nuca arrepia.

...Ele... está... aqui...

Eu me viro, minhas sombras saindo de mim enquanto eu volto para dentro.

Quem?

Eu passo para o quarto e é quando eu vejo.

Uma sombra aparece sobre Callie, um braço escuro estendendo a mão para acariciar seus cabelos.

Mate. O pensamento é instintivo.

Minha escuridão se solta. Ela percorre a sala, envolvendo a sombra. Eu mando minha magia devorar a criatura, como faz com todas as coisas mágicas, mas não faz nada.





Não... *posso*.

A coisa gargalha uma vez, um som fino e oco que parece vir de algum outro lugar, e depois desaparece.

Eu só tenho um momento para entender o que eu vi. A noite quieta não é mais silenciosa.

Mil gritos quebram o silêncio. Eles vêm do fundo das entranhas do castelo, os gritos chacoalhando a terra.

Eu descubro o que estou ouvindo antes que as sombras possam confirmar isso.

As mulheres adormecidas acordaram.

